



FUNCIONAMENTO IRREGULAR

Mercado de óticas cresce em JP e enfrenta concorrência desleal

Número de lojas subiu 22%, e algumas delas não apresentam os requisitos técnicos mínimos exigidos. **Página 5**

Botafoogo encara o Serra Branca pela semifinal do Paraibano 2026

Líder da fase classificatória, o Belo joga, hoje, contra o Carcará, em partida de ida, às 18h, no Amigão, em Campina Grande.

Página 21

Agroflorestas ganham espaços nos municípios paraibanos

Modelo contribui para o equilíbrio de ecossistemas degradados, além de estimular a agricultura familiar e a inclusão social.

Página 20

Venda de bolos em espaços públicos é alternativa de renda na capital

Vendedores vêm ocupando praças e calçadas da cidade, atraindo clientes e aguçando o paladar de moradores e turistas.

Página 17

Foto: Leonardo Ariel



Foto: Diego Caiaffo/Sesc-PB



Bruxaxá impulsiona turismo e formação profissional

Localizado em Areia, no Brejo paraibano, hotel-escola oferece estadia de alto padrão e contribui para a qualificação de mão de obra em áreas estratégicas da hotelaria e do setor de serviços.

Página 8

José Américo de Almeida reúne trajetória humanista, cultural e política

O Homem de Areia, como era conhecido, em alusão ao município em que nasceu, o paraibano tornou-se referência na literatura brasileira, sendo autor de obras como "A Bagaceira", e também fez história no cenário nacional, ao ocupar importantes cargos.

Página 25

Correio das Artes



Foto: Arquivo A União

Reportagem especial traz a história do maior bloco de arrasto e símbolo do pré-Carnaval de João Pessoa, o Muriçocas do Miramar, que celebrou 40 edições no desfile deste ano.

Editais somam 295 vagas e oferecem salários que chegam a R\$ 13 mil

Oportunidades estão distribuídas entre a Prefeitura de Monteiro, a Ufal e o IFCE, com cargos em vários níveis.

Página 16

Há 30 anos, o país despedia-se da alegria sem filtro dos Mamonas Assassinas

Morte dos integrantes da banda, que havia feito seu único show em João Pessoa um mês antes da tragédia, abalou o Brasil.

Página 9

■ “O que mais se deseja ver e ter, além da calçada livre, nivelada, desimpedida, é a observância do seu nível, fazer dele objeto de rigorosa fiscalização”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Todo desenvolvimento acontece de forma planejada. E, sobretudo, através de um método, e é isso que o governador João Azevêdo vem fazendo”.

Claudio Furtado

Página 19

■ “É claro que não se vive só de vésperas. Mas negar os momentos derradeiros como um tempo importante é das poucas coisas em que pai e mãe se equivocam”.

Pedro Alves

Página 23

Editorial

Mãos no pescoço

A reportagem de Lucas Pordeus León, publicada, recentemente, pela Agência Brasil, dá bem a ideia das novas e terríveis provações vivenciadas pelo povo cubano, após o recrudescimento, neste segundo mandato do presidente Donald Trump, do bloqueio econômico, comercial e financeiro — e agora energético — que os Estados Unidos da América impõem à pátria de José Martí (1853-1895) e Fidel Castro (1926-2016), há mais de 60 anos.

Cubanos ouvidos pelo repórter da Agência Brasil relatam o drama deste que eles consideram como o “pior momento” vivido pelo país insular do Caribe, por conta dos apagões e da crise na oferta de alimentos e de transportes públicos, por exemplo, como consequências da escassez de combustíveis. A falta de energia elétrica em Havana não tem dia nem hora para acontecer, gerando incertezas no planejamento da rotina diária.

Trump teria visto um alto grau de risco para os EUA nas relações que Rússia, China e Irã mantêm com a revolucionária nação caribenha, colocando Cuba na categoria de “ameaça incomum e extraordinária” à segurança daquele que se coloca, neste momento, como uma espécie de “Xerife do Mundo”, no caso, a pátria da Ku Klux Klan (KKK) e do Patriot Front. Ato contínuo ameaçou com tarifaço o país que vendesse petróleo a Cuba.

A narrativa de León mostra que a crise energética não está circunscrita à capital cubana, atingindo cerca de 11 milhões de pessoas nas províncias do interior do país. O estoque de alimentos ficou comprometido pelos apagões que chegam a durar quase um dia inteiro. A crise dos combustíveis é considerada ainda pior do que o período de aperto experienciado pelos cubanos após a derrocada do bloco socialista, com a União Soviética à frente.

Se o antigo formato do bloqueio dos EUA era inadmissível, não há palavras para denominar o que Trump faz agora com o povo cubano. Os sofrimentos oriundos da escassez de combustíveis — que afeta, também, a telefonia e a rede de computadores — são um teste duríssimo para a população, do ponto de vista físico, espiritual e ideológico, porquanto radicaliza na demolição da qualidade de vida naquele país, já um tanto precária.

As novas táticas dos EUA, no intuito de demolir o Partido Comunista de Cuba (PCC), vistas pelo governo cubano como uma política “genocida”, parecem querer seguir na direção do que Israel faz hoje na Faixa de Gaza, destruindo cidades e matando milhares de pessoas. Os países que ostentam a bandeira da democracia não podem dar as costas ao povo cubano, sob pena de se ter outra grave crise humanitária no planeta.

Artigo

Lembrando dos grupos escolares

No início da República, o Brasil instituiu, em vários estados, o curso primário organizado em quatro séries, destinado às crianças de seis a dez anos de idade. Esse modelo se concretizava nos chamados “grupos escolares”. Na Paraíba, os primeiros foram implantados em 1916. Décadas depois, em 1958, quando eu e minhas irmãs, Rita e Fátima, fomos matriculados no Grupo Escolar Dr. Otacílio de Albuquerque, em Miramar, João Pessoa já contava com várias dessas instituições.

Quem pertence à minha geração sabe que o grupo escolar não era apenas um prédio público destinado ao ensino primário. Era quase uma extensão da casa da gente, um espaço onde aprendíamos não só a ler e escrever, mas a conviver, respeitar, esperar a vez, ouvir o outro. Era ali que se moldava o caráter, na construção do que viríamos a ser.

Morávamos na Avenida Tito Silva, num bairro então novo da capital. Lembro-me da expectativa do primeiro dia de aula, da farda engomada, do cheiro do lápis recém-apontado. Não usávamos caneta esferográfica. Escrevíamos a lápis grafite, e o apontador era companheiro inseparável. Havia os cadernos de caligrafia, com aquelas linhas rígidas que pretendiam disciplinar a mão e o pensamento. Minha letra, hoje quase indecifrável, talvez seja a única prova de que nem todo método alcança êxito pleno.

As aulas de português tinham ditados frequentes e leituras em voz alta. Era um exercício de atenção e coragem. Errar fazia parte do aprendizado, mas havia exigência. Na matemática, decorávamos a tabuada até saber de cor as quatro operações. Não se discutia se gostávamos ou não; era preciso aprender. E aprendíamos.

Havia também ensinamentos religiosos na orientação católica, apesar de o Estado já ser laico. Cantávamos o Hino Nacional e o Hino da Paraíba com solenidade. Havia um sentimento de pertencimento, de comunidade, de respeito à escola como espaço sagrado do saber. Havia rigidez, limites, e, certamente, falhas. Mas havia autoridade pedagógica e uma crença coletiva de que a educação pública

era instrumento de ascensão e cidadania.

Recordo tudo isso com uma ponta de saudade. É impossível não reconhecer que o ensino público ocupava lugar central na vida das famílias. Havia poucas escolas particulares porque a escola pública cumpria, com dignidade, sua missão.

Hoje, o que se observa é um cenário inquietante. A educação pública tornou-se campo de disputas ideológicas superficiais. A autoridade pedagógica foi fragilizada. Não se trata de defender um retorno acrítico ao passado. O mundo mudou, as metodologias evoluíram, a tecnologia transformou a sala de aula. Mas é importante que seja preservado o compromisso coletivo com a educação pública como fundamento da cidadania.

Estou recordando um tempo em que o Brasil, apesar de todas as contradições, parecia acreditar que a escola pública era instrumento de construção nacional. Hoje, mais do que nostalgia, essa memória me provoca inquietação — e a certeza de que, sem educação pública forte, não há democracia sólida nem futuro digno para nossas crianças. A escola que ainda visito em pensamento não é apenas lembrança de menino, é referência de um ideal que precisa ser mantido, se quisermos que as gerações que se sucedem tenham, não apenas salas de aula, mas futuro.

“
Hoje, o que se observa é um cenário inquietante. A educação pública tornou-se campo de disputas ideológicas superficiais

Opinião

Foto Legenda

Evandro Pereira



Jackson espacial

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

As posturas municipais

Eu era rapazote quando vi falar nisso pela primeira vez. A roda formara-se na calçada de seu Antônio Leal da Fonseca, ele bem mais alto do que todos nós, a gravata solta ao vento, e seus olhos esverdeados dando um brilho incomum às suas palavras.

Reclamava da falta de educação do povo, que sacudia o lixo pela janela sem ligar onde ou em quem batesse. A bronca mais recente, que devia ser o motivo da conversa, era que, da janela de um dos poucos sobrados da cidade, sacudiram um rolo de cascas e restos de frutas que por pouco não atingiu a majestade do juiz. E o grande prefeito prometia agir duro, fazer cumprir as leis de postura adotadas ainda no tempo da interventoria.

Aqui, em João Pessoa, Damásio recorria muito a essas leis para cobrar mais respeito com o pedestre destes novos dias motorizados. E respeitá-lo era, primeiramente, assegurar o nivelamento e o desentulho das calçadas, tudo o mais vindo depois. Os cegos podiam confiar no tato e nas suas bengalas. Chegou-se a adotar um padrão de mosaico, o Copacabana em tamanho menor, para a calçada das praças e dos prédios públicos que as casas particulares passaram a seguir.

E o que vieram dizer, depois, os sucessores do velho tabelião? Que Damásio estava arrastando os pés. Que me lembre, foi quando se levou a sério a lei de postura.

Agora me volta às mãos uma revista desaparecida de arquitetura, a “art-studio”, com uma abordagem desses cuidados, desta vez defendidos por arquitetos e entidades ligadas à arte. São as normas de acessibilidade, “uma forma de garantir o direito de ir e vir do cidadão”, na expressão cida-dã de uma entrevistada.

O que mais se deseja ver e ter, além da calçada livre, nivelada, desimpedida, é a observância do seu nível, fazer dele objeto de rigorosa fiscalização. Em boa parte das ruas centrais do sítio histórico, o pedestre ainda é considerado, mas há ruas em que a calçada, quando não é um batente depois

“
Se existe um item que não entra nos rigores do urbanismo asfáltico, é o espaço do pedestre

do outro, é uma rampa de acesso à garagem ou o desnível entre as calçadas.

Se existe um item que não entra nos rigores do urbanismo asfáltico, é o espaço do pedestre. Salvo, excepcionalmente, em alguns trechos do núcleo mais central, por intervenção direta da Prefeitura e, mais recentemente, a Beira Rio, toda uma longa via a partir da Torre até escoar no mar, vindo a ser inteiramente calçada na gestão anterior de Cartaxo, certamente por conta exclusiva dos recursos da edibilidade. Avenida inteiramente arborizada, uma bela estrada rural feita para se andar a pé. A Epitácio Pessoa, pavimentada nos anos 1950, veio nivelar, igualmente, na gestão anterior. Avenidas que constituem o mostruário da grande e rica expansão da cidade. Mas, a 100 metros dela, na avenida paralela, tombei de cabeça numa saliência entre calçadas levantada de véspera para disfarçar o batente antigo a que nossos passos a caminho da padaria há mais de vinte anos haviam se acostumado. Na dor, estendido no chão, a vista escura, supus que ninguém houvesse passado naquela hora para me assistir. Mas o desengano foi mais longe: surgiu, sim, quem achasse mais urgente levar a sacola de pão e leite trazida da padaria.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: Anual R\$404,25 / Semestral R\$202,12 / Número Atrasado R\$4,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

IMEQ-PB

Fiscalizações asseguram qualidade de produtos

Operações inspecionam mercadorias e reforçam a segurança do consumidor

Íris Machado
irmschdo@gmail.com

Artigos escolares, componentes automotivos, eletroeletrônicos e até equipamentos médico-hospitalares. Mais de 1.200 produtos, antes de chegarem às prateleiras dos mercados paraibanos, devem obedecer aos regulamentos técnicos e de avaliação propostos pelo Instituto de Metrologia e Qualidade Industrial da Paraíba (Imeq-PB), braço estadual do Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (Inmetro) vinculado à Secretaria de Estado do Turismo e do Desenvolvimento Econômico (Setde-PB). Para reforçar a segurança dos consumidores, o órgão coordena operações de fiscalização em larga escala ao longo de todo o ano, vistorias entre aparelhos da indústria farmacêutica e restaurantes do tipo *self-service*.

“Desde uma televisão com selo de eficiência energética e um ar-condicionado à resistência de cadeiras de plástico, para que o consumidor não sofra nenhum tipo de acidente quando sentar. Em todo canto que você olhar, vai ter a fiscalização do Inmetro e do órgão delegado na Paraíba, o Imeq. É um trabalho exemplar que é desenvolvido nos

223 municípios do estado”, afirma o superintendente do Imeq-PB, Arthur Galdino.

A partir de um plano de trabalho acompanhado pelo Inmetro, o instituto estabelece normativas destinadas a todo o escopo de atuação no estado. As ações, como explica o representante, intensificam-se em datas comemorativas e períodos de maior movimentação comercial, como a Páscoa, o Dia das Mães e o Natal. “Isso serve para saber se existem produtos que não são certificados, que não ostentam o selo de qualidade, que não passaram por diversos ensaios, seja físico, seja químico, se há alguma substância cancerígena. É importante as pessoas terem consciência: se esse produto entra no nosso país, é porque existe consumidor para ele”, revela.

Nos postos de combustíveis, junto à Autarquia de Proteção e Defesa do Consumidor (Procon), o Imeq-PB avalia as condições físicas do ambiente e a calibragem das bombas medidoras, a fim de prevenir vazamentos e danos ao consumidor. Esse monitoramento também abrange o tráfego de caminhões, vans e ônibus, por meio da verificação do cronotacógrafo, equipamento que registra a veloci-

dade, os intervalos de tempo parado e em deslocamento e as distâncias percorridas pelo veículo. Pneus, rodas e taxímetros são inspecionados regularmente com o intuito de evitar casos de adulteração ou sinistros de trânsito.

“Esse movimento é importantíssimo nas estradas. Caminhões carregados sem esse cronotacógrafo vão ter uma velocidade elevada. Os motoristas podem estar querendo fazer mais entregas, mais fretes, para ganhar mais recursos, e não estarão respeitando o tempo de descanso. Consequentemente, eles vão estar vulneráveis, dirigindo veículos de grande porte e peso, colocando em risco as pessoas que trafegam pelas rodovias da Paraíba e do Brasil como um todo”, explica.

Outro campo de inspeção aborda a regulação de balanças comerciais e industriais. Esse trabalho assegura a credibilidade do varejista e reforça a segurança do cliente, de modo que nenhuma das partes envolvidas sofra prejuízos em compras ou vendas de produtos medidos por peso. “Imagine uma balança vendendo mais para um lado do que para outro. Não vai ter como esse empresário, que trabalha de forma correta, competir com aquele que



“
É um trabalho exemplar que é desenvolvido nos 223 municípios do estado

Arthur Galdino

está levando algum tipo de vantagem, colocando produtos mais baratos, que não são certificados, no mercado. A balança vai estar descalibrada e aquele empresário que trabalha corretamente vai acabar quebrando. Hoje, ele não vai ter um preço competitivo para trabalhar com o que não trabalha da forma correta”, salienta.

Selo garante segurança na hora da compra

Na hora de comprar brinquedos para o filho mais novo, a pessoense Silvânia Pereira leva em consideração a faixa etária, o nível de habilidade e o interesse da criança. Mãe atípica, ela opta por jogos educativos, além dos carrinhos que Benício, de seis anos, tanto ama. No entanto, detalhes como o selo do Inmetro já passaram despercebidos entre as opções no merca-

do — e essa falta de atenção chegou a atingir o bolso da consumidora. “Os brinquedos quebraram no mesmo dia da compra. Não tive problemas em relação a riscos para ele, mas fiquei preocupada e com raiva também por ter ‘perdido’ dinheiro. Com certeza, as fiscalizações evitam acidentes e trazem mais segurança para as crianças”, opina.

De acordo com o gerente

de Qualidade do Imeq-PB, André Albuquerque, a comercialização de mercadorias sem o Selo de Certificação do Inmetro é a infração mais comum no estado. Ao perceber essa irregularidade, os agentes fiscalizadores lavram um Termo Único de Fiscalização de Produtos (TUF) e solicitam, no prazo de 10 dias, a nota fiscal de entrada para comprovar a origem do item. Esse documento é, então, encaminhado ao setor jurídico do Imeq-PB, que realizará a análise e apurará de quem é a culpa.

“Os fabricantes enviam amostras desses produtos para os laboratórios credenciados pelo Inmetro, onde são realizados testes físico-químicos e ensaios para garantir a qualidade, segurança e conformidade desses objetos. Quando aprovados, eles recebem um registro e o Selo de Conformidade do Inmetro, atestando que esses produtos não oferecem riscos à saúde e à segurança dos consumidores”, declara.

A Gerência da Qualidade do Imeq-PB traça o planejamento das inspeções e o cumprimento das metas nacionais, atualizadas a cada triênio pelos órgãos competentes. “Ao longo dos anos, o índice de irregularidades encontradas vem diminuindo consideravelmente. Na prática, isso indica que nossa fiscalização está sendo eficaz e que os lojistas estão buscando trabalhar obedecendo à legislação do Inmetro. Tudo isso

reflete na vida do cidadão, a quem será ofertado um objeto regulamentado no comércio”, aponta.

A população, ainda, pode verificar a autenticidade de mercadorias por meio do aplicativo móvel Inmetro na Palma da Mão, desenvolvido em conjunto com a Casa da Moeda do Brasil. Para tanto, é preciso escanear o selo do Inmetro no produto desejado com a câmera do celular. Em seguida, a assistente virtual da instituição informará pelo WhatsApp se o item é autêntico ou se há suspeita de falsificação.

Como denunciar

Quem encontrar mercadorias irregulares à venda pode registrar uma denúncia anônima junto à Ouvidoria do Imeq-PB, disponível pelo telefone 0800 281 7411. Presencialmente, a sede do órgão na capital também recebe dúvidas e informações da população. Ela está localizada na Avenida Hilton Souto Maior, nº 4180, vizinha ao Fórum Regional de Mangabeira.

O superintendente do Imeq-PB orienta o consumidor a anotar o endereço do estabelecimento responsável e o tipo do produto para que uma equipe possa averiguar a ocorrência no local. Caso o instituto constate alguma infração durante o processo, a loja denunciada pode ser autuada. As multas variam de R\$ 100 a R\$ 1,5 milhão, a depender do grau da irregularidade cometida.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

A fábrica de sentidos e o cálice do infinito

Para o camarada Estevam Dedalus em sua coluna de 1º de fevereiro de 2026.

Há quem diga que a religião nasceu de um susto. Do tremor diante do céu que range e cospe fogo, do chão que treme e engole, do mar que se enfurece e leva. Sim, o medo é um mestre antigo, e a primeira prece deve ter sido um grito abafado, uma tentativa de apaziguar o que não se compreendia. Mas reduzir a fé a isso, caro leitor, é como olhar para a abóbada celeste e ver apenas a escuridão, esquecendo-se das estrelas.

O sociólogo Estevam Dedalus, ao passear por diferentes pensadores, lembra-nos de que a alma humana é uma orquestra complexa, e o medo é apenas um de seus instrumentos, talvez o mais grave. Mas onde estaria a melodia? Como bem observou Feuerbach, se o trovão nos aterroriza, a chuva que ele anuncia fecunda a terra. O mesmo céu que ameaça, também acolhe. A religião, portanto, não é filha única do pavor, mas, sim, uma criança nascida de uma gravidez mais profunda: a da nossa consciência.

Ela é uma espécie de antropologia projetiva, uma tentativa de desenhar o infinito usando a nós mesmos como tinta. Projetamos nos deuses a nossa sede de justiça, a nossa ânsia por amor incondicional, a nossa esperança de que a última página da vida não

termine em um ponto final, mas em reticências. A religião torna-se, assim, um lenitivo para a ferida de existir. É o ombro amigo para a angústia de saber que somos finitos, o sussurro que nos diz que a matéria se desagrega, mas o espírito, talvez, encontre um novo cais.

E, nesse ponto, a reflexão de Joseph Campbell chega como um bálsamo ainda mais refinado. Para ele, os mitos e ritos religiosos não são meros consolos, mas, sim, feramentas cósmicas de ajuste fino. Eles são a metáfora que

casa a nossa pequena consciência individual com o grande mistério do universo. São a ponte simbólica que nos ajuda a aceitar o ciclo voraz da vida — que toda existência se alimenta de outra — e a encontrar um propósito na dança caótica dos átomos.

O mérito da análise de Dedalus é nos mostrar que a religião, em sua essência, é uma fábrica de sentidos. Ela pega o barro da nossa fragilidade — o medo da morte, a solidão, a perplexidade diante do sofrimento — e tenta moldá-lo em um cálice sagrado, capaz de conter o indizível. É claro que a história nos mostra as sombras desse processo: a mão que molda o barro pode se esquecer de que é mão e se curvar diante da própria criatura. O poder instituído, como bem denunciou Bakunin, pode tomar as rédeas da fábrica, transformando o mistério em dogma e a fé em obediência cega.

Mas a beleza do texto de Dedalus reside em nos lembrar que, sob as camadas de controle e alienação, pulsa um motor genuinamente humano. A religião, em seu melhor sentido, é a declaração poética de que nos recusamos a ser apenas matéria. É a teimosia em acreditar que o amor é mais forte que o ódio, que o perdão é possível e que a justiça, ainda que tardia, há de vir. Seja ela personificada em raios e trovões, em profetas ou em filosofias, a busca pelo sagrado é a assinatura da nossa humanidade. É a prova de que, mesmo cientes do pó de que somos feitos, insistimos em sonhar com as estrelas.

Colunista colaborador



Foto: Divulgação/Imeq-PB

Órgão traça plano de inspeções e metas a cada triênio



Foto: Roberto Guedes

Silvio Alighieri

Coordenador da Campanha da Fraternidade na Paraíba

“Ter uma casa onde morar não é privilégio, mas um direito básico”

Diácono conta como surgiu o tema deste ano, sobre fraternidade e moradia, e analisa o papel social da Igreja

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

Aberta na Quarta-Feira de Cinzas, a Campanha da Fraternidade é uma iniciativa sexagenária que procura construir um mundo mais empático a partir de valores centrais do Evangelho: a justiça e o amor. Todos os anos, a campanha cristã acolhe uma dor social como tema e busca aproximar-se da causa por meio de ações concretas, além de promover o espírito comunitário e suscitar reflexões que promovam o bem comum. O diácono Silvio Alighieri, coordenador da Campanha da Fraternidade na Arquidiocese da Paraíba, conversou com o jornal **A União** sobre os objetivos permanentes e específicos da iniciativa que, em 2026, tem como tema “Fraternidade e Moradia”.

entrevista

■ *Como surgiu a Campanha da Fraternidade e com quais objetivos ela foi criada?*

A Campanha da Fraternidade teve início em 1962, em Nísia Floresta, Arquidiocese de Natal, no Rio Grande do Norte. Foi uma iniciativa de padres que trabalhavam na Cáritas Brasileira, para arrecadar fundos para atividades assistenciais. Os resultados foram muito bons e, em 1963, a ação se expandiu pelo Nordeste, para outras dioceses vizinhas. Em 1964, aconteceu a primeira Campanha da Fraternidade de âmbito nacional. A ideia era sempre trazer à tona uma temática social, um tema para ser refletido, que denunciasse uma situação e educasse para a solidariedade.

■ *Quando a Arquidiocese da Paraíba integrou essa ação?*

Foi no ano em que a campanha se tornou nacional, em 1964. Depois da experiência exitosa no Rio Grande do Norte, teve início uma articulação com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil [CNBB], que permitiu que a campanha se expandisse para todo o país.

■ *Há alguma razão especial para a campanha acontecer no período da Quaresma?*

Sim, tem uma relação. O período da Quaresma é tempo de preparação para o Batismo e de renovação das promessas batismais, conversão, oração, penitência e fraternidade, em vista da Semana Santa. É um período de preparação e, como tal, envolve jejum e caridade. Esse sistema de oração nos convida a olhar para dentro, para experimentar a espiritualidade pascal e melhor nos configurarmos na nossa fé em Cristo. Cada pessoa conhece a própria conduta e o próprio pecado — aqueles pecados de estimação. Então, a Quaresma é um momento propício, que nos convida a pensar em como podemos ser pessoas melhores. A partir desses pilares que a Quaresma nos oferece, também conseguimos olhar para o próximo — ver a dor dele, e não só a nossa — e perceber nele, assim como em nós, a imagem do Cristo. É um período em que os caminhos estão abertos para a solidariedade.

■ *A Campanha da Fraternidade já tem mais de 60 anos e, ao longo de todo esse tempo, vem nos convidando*

a refletir sobre os mais variados temas. O quão importante é que a gente faça essa reflexão de forma integral, permanente, e não apenas durante o período da campanha?

Há uma ideia errônea de que a Campanha da Fraternidade finda com o término da Quaresma, quando, na verdade, a Quaresma é o ponto de partida, o início de uma mudança de vida. É muito importante perceber que a Campanha da Fraternidade deve se estender. Os temas sociais que são abordados tratam de pessoas que padecem e que não têm muitas oportunidades de ser ouvidas ou percebidas. A Campanha da Fraternidade existe para dar voz e acolher essas pessoas que, muitas vezes, estão à margem da sociedade. É um alerta e um pedido de conversão, para que a gente olhe para essas questões sociais de forma mais efetiva, atuante e caridosa. A Campanha da Fraternidade vem para despertar e formar consciências. É uma forma de seguir com o propósito da Igreja, de anunciar o Evangelho de Cristo e, a partir desse anúncio, suscitar nos corações endurecidos a capacidade de olhar para o próximo de uma forma mais humana. Assim, sendo um trabalho contínuo e permanente, podemos trazer à tona um mundo mais justo e solidário.

■ *Existe uma série de questões que podem ser abordadas como tema da Campanha da Fraternidade. Como elas são escolhidas?*

Há um setor específico, na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que trabalha voltado para a campanha. O tema desta edição foi inspirado em uma sugestão, proposta pela Pastoral da Moradia e Favelas, e defende que ter uma casa onde morar não é um privilégio, mas sim um direito básico. Então, pessoas e entidades enviam sugestões e, através de um processo de escuta e de acordo com os objetivos da campanha, essa escolha é feita.

■ *A campanha possui finalidade evangelizadora e, também, social. Na prática, como esses dois aspectos se relacionam dentro da iniciativa?*

O primeiro ponto envolve um tópico em que já entramos: suscitar a transformação das pessoas, a metanoia, uma mudança de consciência. A reflexão, voltada para o Evangelho, é a nossa base. Para dar mais

suporte a essa base, precisamos cercá-la de educação, sentido de igualdade, solidariedade, empatia e outros valores que nos colocam no caminho para o bem comum. Daí acontece uma transformação e, a partir dessa mudança, podemos construir uma comunidade, uma sociedade melhor.

■ *Com o passar dos anos, o senhor sente que a sociedade tem participado mais da campanha ou que a ação tem, de fato, contribuído para que o espírito comunitário cristão seja desenvolvido?*

Sim. Esse é o meu segundo ano na equipe da campanha e o primeiro como coordenador. Percebo que a Campanha da Fraternidade, muitas vezes, encontra barreiras — até dentro da própria Igreja, embora, principalmente, dentro da sociedade. Isso porque, às vezes, as pessoas tecem críticas levando o tema para um lado mais politizado e não necessariamente para o que ele de fato anuncia. Mas, aos poucos, as pessoas vão conseguindo perceber, a partir do trabalho que desenvolvemos, o verdadeiro sentido da iniciativa. Falamos da Campanha da Fraternidade sem tocar em política, porque o nosso foco está no Evangelho. Claro, os temas são extremamente políticos, porque são os entes federativos, os estados, o Distrito Federal e os municípios que devem estar atentos para promover a questão da habitação, que trazemos para a campanha deste ano. É um direito fundamental do homem, elencado, inclusive, na Constituição. Mas nós, enquanto Igreja, não estamos tentando lançar luz em nenhum embate desse tipo. Nosso objetivo é, puramente, a ação solidária, o agir conforme as obras de Deus. Partindo do princípio de que somos todos feitos à imagem e semelhança de Cristo, desenvolvemos nosso senso de fraternidade e buscamos conferir dignidade às pessoas. Então, eu noto que, aos poucos, a campanha tem recebido uma adesão melhor, e os resultados são muito positivos.

■ *A Igreja Católica, em si, já é integrada. Mas o senhor acredita que campanhas como essa, que tem esse viés solidário, fraterno, que educa, age de forma concreta e que simboliza tão bem o que a Igreja representa, além de demonstrar compromisso social, contribuem para que a Igreja, como um todo, se mantenha firme nessa união? Nesse sentido, o quão importante é o desenvolvimento de ações como a Campanha da Fraternidade?*

A Igreja Católica tem essa característica de ser una. A missa de que participamos aqui, em João Pessoa, é a mesma em qualquer lugar do mundo. E a nossa tradição já diz: a fé sem obras é morta. Então, é muito importante para nós tomar a frente e agir em favor de uma mudança positiva, propondo reflexões e atuando em prol de temas como esses, que são abordados em nossas campanhas, junto à sociedade. Cristo nos fala: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho”. O papa Francisco colocava muito bem

isso, quando falava de “uma Igreja em saída”. Sair, com a finalidade de anunciar e de se colocar perto das dores do mundo, de estar próximo do outro, demonstrando que a fé cristã não é apenas oração, mas uma convicção de que podemos transformar vidas, a partir de manifestações concretas de fraternidade e amor. Quando fazemos isso, e não ficamos só no devocional, acho que a Igreja cumpre seu papel de dar continuidade às obras de Cristo. Jesus tinha essa característica de ir até as pessoas, especialmente aquelas que precisavam de cura. E a cura que Cristo anuncia não é apenas de uma doença específica, da carne. Muitas vezes, as doenças estão no espírito dos homens, que se fecham em mesquinhez, vaidade, individualidade e não conseguem perceber que podem fazer do mundo um lugar melhor. Quando a Igreja se lança, em saída, comprometida com o Evangelho, ela dá o exemplo. E, aqui, não posso deixar de parabenizar os párocos, vigários, diáconos, comunidades e religiosos de forma geral, que ficam na vanguarda desse anúncio e que saem para o mundo para dar continuidade às obras de Cristo. Acredito que essa continuidade é a importância de campanhas como essa, que aproximam Igreja e sociedade.

■ *O gesto concreto da campanha é a Coleta Nacional da Solidariedade, que acontece anualmente no Domingo de Ramos. O senhor pode me falar um pouco sobre essa coleta, voltada para financiar projetos sociais e atender pessoas em situação de vulnerabilidade?*

O valor arrecadado na Coleta Solidária é dividido: uma parte para o nacional e outra parte para o regional. Esse valor é destinado a atender projetos, que não precisam partir da Igreja. As pessoas podem apresentar projetos sociais, que tratem do tema deste ano, e eles são analisados, para que a gente possa entender quais se enquadram e quais projetos nós podemos atender, a partir do fundo que surge da campanha. Os projetos podem ser submetidos tanto em nível arquidiocesano ou diocesano, de acordo com a localidade, quanto em nível nacional. Dependendo do projeto, ele pode até ser lançado nas duas frentes.

■ *A Campanha da Fraternidade é realizada anualmente, mas também a cada cinco anos, de forma ecumênica. Qual a diferença entre essas campanhas?*

Todo ano, realmente, a campanha acontece no período da Quaresma. E é importante deixar frisado que as ações que estão sendo pensadas no nível da Arquidiocese da Paraíba são divididas em três eixos: arquidiocesano, foranias [áreas geográficas formadas pelo agrupamento de várias paróquias] e paróquias. No caso das paróquias, por exemplo, uma das propostas que chegou até nós foi a de promover mutirões solidários, em que as pessoas se uniriam para atender a demandas específicas, como reparar telhados e reformar os muros de casas que pre-

cisam. Já a campanha ecumênica, a cada cinco anos, funciona no sentido da igreja em saída e é promovida em parceria com outras denominações — a cristandade como um todo, a exemplo das igrejas evangélicas, atuando junto conosco, as igrejas católicas. Todo aquele que quer olhar para o bem está convidado para fazer parte dessa força-tarefa. Na campanha ecumênica, também são abordados temas sociais. A diferença está, justamente, na saída das estruturas de cada denominação cristã, na tentativa de expandir nossas ações, seguindo com o propósito de olhar para as pessoas, deixando de lado as diferenças teológicas. Nossa finalidade ecumênica é ir ao encontro das pessoas. E eu acredito que essa é uma demonstração do que é santidade. Ser santo significa ser diferente. E ser diferente, em um mundo onde, muitas vezes, só se propaga a discórdia, é deixar de lado as diferenças para trabalhar em conjunto, de olho no propósito, que é fazer o bem.

■ *Neste ano, o tema da campanha é “Fraternidade e Moradia”. O senhor pode comentar essa escolha e quais objetivos a ação tem para esse tema em específico?*

Em 2026, dentro do tema da fraternidade e da moradia, o nosso lema é “Ele veio morar entre nós”. Cristo veio ao nosso encontro, para caminhar conosco, e isso enfatiza o quanto esse mundo vale a pena e como ele pode ter a cara da fraternidade. Parte do objetivo da campanha é suscitar a compreensão de que, inseridos nessa casa em comum, todos nós temos uma responsabilidade — uns com os outros e para com o nosso lar comunitário, compartilhado. Outro aspecto da campanha deste ano é que, segundo as pesquisas mais recentes, [desenvolvidas pela Fundação João Pinheiro, em parceria com a Secretaria Nacional de Habitação do Ministério das Cidades], hoje, no Brasil, temos um déficit habitacional de seis milhões de casas. Buscamos informações com a Defesa Civil e descobrimos que, aqui, em João Pessoa, esse mesmo déficit corresponde a 25 mil unidades habitacionais. A campanha, então, lança luz sobre essa realidade e provoca uma reflexão sobre a habitação como um direito fundamental. Não estamos falando, apenas, da ausência total de um teto, como também de moradias que, por exemplo, não têm banheiro ou qualquer saneamento, onde faltam aparelhos que são necessários para dar dignidade às pessoas. Também aproveitamos essa oportunidade para refletir sobre o conceito e o sentido de um lar. Uma casa que não reflete a questão da segurança, do amor, da fraternidade e do perdão também é uma casa carente, embora em um sentido diferente. Princípios como esses são importantes para a construção de uma sociedade mais igualitária. A Campanha da Fraternidade vai trazendo à tona a nossa capacidade de interagir e construir um mundo mais íntegro, fraterno e amoroso.

NA CAPITAL

Número de óticas aumenta em 22%

Abertura acelerada de lojas ocorre em meio a denúncias de irregularidades e fiscalizações no Centro

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Quem caminha pelo Centro de João Pessoa percebe, rapidamente, um cenário que se repete a cada esquina: inúmeras vitrines cheias da armações de óculos e abordagens insistentes dos comerciantes aos pedestres. Esse é o resultado do ritmo crescente de abertura de novas óticas na Paraíba. Em 2020, foram inaugurados 209 estabelecimentos desse tipo no estado. Esse número subiu para 255 em 2025 — um crescimento de 21,8%.

O avanço ocorre em meio a denúncias de irregularidades, informalidade e concorrência desleal no setor. No último dia 12 de fevereiro, duas clínicas de optometria foram interditadas em João Pessoa, nos bairros do Centro e Mangabeira, após fiscalização do Procon-JP. A operação constatou funcionamento sem alvará, realização de consultas e exames oftalmológicos sem médico habilitado, emissão de diagnósticos e prescrição de tratamentos por profissional não autorizado, além da oferta de procedimentos de caráter diagnóstico.

Os estabelecimentos também descumpriam normas do Código de Defesa do Consumidor ao não fornecer informações obrigatórias aos clientes. Além desses casos, existem denúncias de que a disputa por clientes, pelas óticas, incluem



Foto: Leonardo Ariel

Para se colocar uma ótica em funcionamento legalmente, deve-se não apenas disponibilizar os produtos dentro das normas indicadas, como também é necessário dispor de técnicos e equipamentos especializados obrigatórios

suspeitas de venda casada envolvendo exames de vista gratuitos e preços sedutores para armações de grandes marcas. “A maioria dessas lojas, que se diz ótica, não são, porque não cumprem as exigências necessárias para isso”, afirma o empresário e presidente do

Sindicato das Óticas da Paraíba (Sindiótica), Themistocles Quintans.

“Para se ter uma ótica, é necessário ter um técnico ótico responsável e esse técnico só pode responder por uma unidade. Também tem que ter alguns equipamentos obrigató-

rios, de necessidade do dia a dia para medidas e conferências”, completa Quintans. Entre esses equipamentos, ele cita o pupilômetro, usado para medir a distância pupilar, além de aparelhos de medição e conferência das lentes. De acordo com o empresário, mui-

tas lojas funcionam sem esses requisitos.

Embora a atividade ótica seja regulada por diferentes normas, não existe hoje uma lei federal clara e unificada que estabeleça, de forma explícita, a obrigatoriedade de um profissional habilitado nos moldes

do farmacêutico nas farmácias. Essa lacuna normativa, segundo empresários do setor, contribui para que os estabelecimentos sejam abertos sem atender aos requisitos técnicos mínimos, o que acaba confundindo o consumidor e ampliando a concorrência informal.

Proliferação de MEIs também levanta suspeitas

A expansão na abertura de novas óticas tem seguido um modelo que também aparece como elemento central desse crescimento. O setor tem sido superado por empresas do tipo microempreendedor individual (MEI). Em 2020, os MEIs representavam 47% das novas empresas abertas na Paraíba. Em 2025, essa proporção alcançou 67% das óticas inauguradas em 12 meses. Os números do Sebrae-PB, com base em dados da Receita Federal, indicam que os MEI avançaram 177% no período, dominando sua participação no total de empresas abertas.

Pela legislação, o MEI pode faturar até R\$ 81 mil por ano e contratar apenas um funcionário. Não é ilegal que uma ótica seja registrada nessa categoria, mas, para especialistas, o faturamento necessário para manter uma loja regularizada é incompatível com esse limite. A suspeita é que o enquadramento como MEI estaria sendo usado para reduzir impostos e encargos, criando concorrência desleal com empresas formalizadas.

“Uma ótica jamais poderia ser MEI, não tem como você ser ótica e ser MEI, e todas as óticas hoje são MEI. Esse crescimento é calcado na ilegalidade”, defende o presidente do Sindiótica. Empresário com 40 anos de atua-

ção no ramo, Quintans afirma que a abertura facilitada de lojas é um dos principais fatores por trás do crescimento acelerado.

Das 147 óticas abertas como MEI na Paraíba, no ano passado, 60 delas instalaram-se em João Pessoa. Porém, na prática, nem todo estabelecimento que vende óculos pode ser considerado uma ótica. Tecnicamente, a ótica é o local autorizado a comercializar, montar, ajustar e conferir lentes e armações, atividades que exigem conhecimento técnico específico. Lojas que apenas revendem produtos prontos ou atuam sem estrutura adequada não se enquadram, plenamente, nessa definição. Ainda assim, muitas adotam a nomenclatura, o que dificulta a distinção para o público.

Outro ponto recorrente nas denúncias é a comercialização de produtos sem comprovação de origem. Marcas reconhecidas exigem credenciamento formal junto a grandes grupos internacionais, com critérios escalonados de compra. Isso dificulta o acesso imediato a produtos originais por novos empreendedores individuais. “Você vai procurar esses chineses, seja aqui, seja em Recife, seja no Rio ou São Paulo, e eles vendem o que não tem um controle. Produto sem qualidade, falsificado, sem documentação fiscal”, afirma Quintans.

Órgãos públicos fiscalizadores defendem-se

Essas práticas colocam em debate o papel dos órgãos fiscalizadores. O Procon de João Pessoa reconhece que tem recebido denúncias relacionadas ao setor. De acordo com o secretário municipal de Proteção e Defesa do Consumidor, Junior Pires, há registros tanto de venda casada quanto de comercialização de produtos sem certificação ou garantia. “Não são muitas denúncias, mas a gente recebeu algumas recentemente e estamos dando encaminhamento a essas fiscalizações”, afirma Pires.

Junior diz que, de 2025 até 2026, cerca de 50 processos administrativos foram abertos envolvendo óticas na capital. As sanções previstas variam de advertência e multa até suspensão das atividades ou interdição do estabelecimento. O secretário ressalta, no entanto, que nem toda oferta de exame gratuito configura venda casada. “Como é uma promoção e não há ônus para o consumidor, não pode ser considerado uma venda casada”, explica.

A Vigilância Sanitária de João Pessoa (Visa-JP) também posicionou-se diante das críticas. O órgão esclarece que óticas que comercializam apenas artigos óticos são isentas de alvará sanitário. Já aquelas que realizam montagem, lapidação ou ajuste de óculos precisam de licenciamento, se-



Foto: Carlos Rodrigo

Themistocles conta que chegou a ter oito lojas do ramo

guindo normas da Anvisa e da vigilância estadual ou municipal.

Ainda assim, as óticas são classificadas como atividades de baixo risco sanitário. O órgão reconhece que, por esse motivo, não há produção sistemática de dados específicos sobre o setor. A Visa-JP afirma que isso não significa ausência de controle.

O Ministério Público da Paraíba informa que os casos de venda casada podem ter repercussões nas esferas civil, administrativa e penal. “Em hipóteses de venda casada, pode haver repercussão nas esferas civil, administrativa e penal”, afirma o diretor-geral do MP-Procon, promotor de Justiça Francisco Bergson Formiga. Já nos casos de produtos sem origem comprovada, o cenário pode avançar para ilícitos tributários, com reflexos também na esfera criminal.

No âmbito administrativo, o MP-Procon pode aplicar multa, interdição e suspensão de atividades, além de instaurar procedimentos, expedir recomendações e firmar Termos de Ajustamento de Conduta (TAC). Em situações mais graves ou reiteradas, o Ministério Público pode ajuizar Ação Civil Pública com pedido de cessação imediata das práticas e reparação de danos coletivos.

Em áreas com grande concentração de estabelecimentos, como o Centro da capital, a atuação tende a ser integrada. “A resposta pública é contínua, com medidas preventivas, corretivas e repressivas, conforme o nível de risco identificado”, destaca Formiga. Ele afirma que o Estado possui estrutura de atuação progressiva e coordenada para enfrentar irregularidades e proteger o consumidor.

Enquanto isso, empresários que atuam dentro da legalidade relatam impactos diretos da concorrência informal. Themistocles Quintans afirma que, ao longo dos anos, precisou fechar ou transferir lojas, especialmente no Centro da cidade, onde manteve vários pontos comerciais desde a década de 1990. Hoje, segue com seis unidades, após já ter operado oito.

O cenário atual é resultado de uma combinação entre fiscalização insuficiente, facilidade de abertura de empresas e distorções tributárias. O avanço acelerado do número de lojas não está ligado apenas à demanda crescente por óculos, mas à facilidade de ingresso e exploração desse mercado. “Você consegue armação, consegue lente, consegue abrir loja com pouca burocracia”, afirma Quintans. “O problema é quando isso acontece sem cumprir os requisitos”.

■ O Procon, a Vigilância Sanitária e o Ministério Público apontam sanções que vão de multa à interdição do comércio

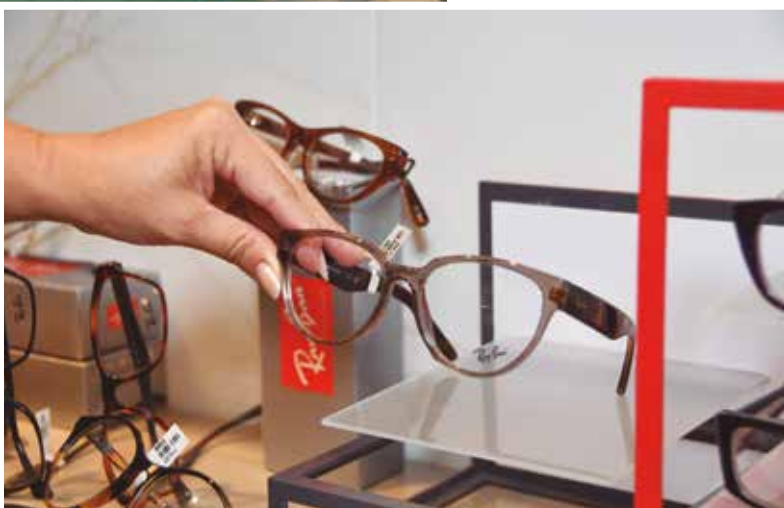


Foto: Carlos Rodrigo

NOVO PNE

Plano visa sanar dilemas da Educação

Com 58 metas para próxima década, documento prioriza alfabetização, inclusão e aumento do investimento público

Íris Machado
irmsmchdo@gmail.com

Dos estudantes que concluem os Anos Iniciais do Ensino Fundamental na Paraíba, 34,9% apresentam aprendizagem adequada em Língua Portuguesa e em Matemática, de acordo com o Anuário Brasileiro de Educação Básica 2025. É nesse cenário que entra o novo Plano Nacional de Educação (PNE). Com o número de metas ampliado, o documento prevê caminhos para melhorar a educação nacional durante os próximos 10 anos.

Esta é a terceira edição do plano, que substituirá o documento vigente de 2014 a 2025. A renovação do texto foi adiada até a aprovação pela Câmara dos Deputados, em dezembro do ano passado, e segue em análise no Senado Nacional. A vigência do PNE, assim, abrangerá o decênio a partir da publicação da lei, com ênfase na erradicação do analfabetismo e na universalização do atendimento escolar.

Para a diretora Edna Lima, da Escola Municipal de Ensino Fundamental (Emef) Professora Luíza Ferreira dos Santos, a inclusão é o principal desafio a ser enfrentado pelo novo plano. A instituição, localizada em Princesa Isabel, no Sertão paraibano, atende 296 crianças, das quais 19 têm algum tipo de deficiência. Como ela explica, a padronização e a sistematização das avaliações propostas pelos planos nacional e estadual promoveram um melhor monitoramento do ensino, mas necessitam de uma reforma para permitir uma análise aprofundada sobre o desenvolvimento desses estudantes.

Edna revela que alguns alunos, de certa forma, não estão incluídos nas avaliações estaduais, pois os professores não dispõem de material adequado para aplicá-las. Segundo ela, uma das diretrizes é garantir que esses estudantes sejam atendidos com equidade e qualidade; no entanto, no momento da avaliação, não é possível contemplar todas as especificidades.

A diretora afirma que, “normalmente, são disponibilizadas apenas avalia-



Docentes da rede da Educação Básica passarão por formações para agir no sentido de atingir as metas previstas no novo PNE, sobretudo no que diz respeito à formação discente

ções em Braille e o recurso de leitor, mas há diversas outras demandas de alunos que acabam não sendo atendidas. Mesmo quando o trabalho pedagógico é desenvolvido com foco nas competências, na hora de demonstrar suas habilidades, muitos estudantes não conseguem se desenvolver plenamente”. De acordo com a diretora, o sistema não oferece recursos suficientes nem um modelo de avaliação que assegure a inclusão efetiva desses alunos.

Isso persiste apesar de instrumentos como o Plano Educacional Individualizado (PEI), elaborado pelos docentes a partir das particularidades de cada aluno. Sem as avaliações específicas, no entanto, mensurar o que a criança aprendeu torna-se uma tarefa complexa. “A nossa preocupação é essa. O professor traz as atividades, de acordo com o aluno. Se ele tem mais habilidade em desenhar, o professor prepara o conteúdo programático de artes. Ele traz a apostila, um portfólio para desenvolver essas atividades e chama os pais ou até leva para a casa das famílias, isso porque o

nosso espaço é muito pequeno e nós não temos uma sala disponível para fazer esse atendimento”, lamenta.

Transporte

Além da limitação avaliativa, os entraves também são estruturais. Cerca de 30% dos estudantes da instituição moram na Zona Rural da cidade e em sítios da região, fato que dificulta o acesso ao ambiente escolar. Isso exige um planejamento que atinge, inclusive, o horário da merenda, reforçada e oferecida mais cedo, de modo a favorecer o desenvolvimento pedagógico em sala de aula das crianças que moram longe.

“Nossa escola é um pouco distante, mas é bem aceita na comunidade. Tentamos levar mais transporte e melhorar o acesso, porque muitas famílias gostam daqui, gostam do ensino, das metodologias, da nossa estratégia, mas pela distância, pela dificuldade de transporte, não trazem os alunos para cá. Eu sinto que a nossa escola, não só eu, mas toda a equipe pedagógica, acredita que esse é um ponto mui-



to negativo, que precisa ser melhorado agora nesse plano”, avalia.

Avanço

Ao todo, na versão do PNE aprovada pelo Congresso, são 58 metas e 252 estratégias. Dos 18 objetivos, um refere-se ao acesso, qualidade e permanência em todos os níveis da Educação Indígena, Educação Quilombola e Educação do Campo, modalidade da escola onde Edna trabalha. Em comparação, o antigo documento reúne nove diretrizes, 20 metas e 37 indicadores.

O conselheiro da União Nacional dos Dirigentes de Educação Municipal na Paraíba, José das Vitórias, vê no novo plano um avanço em relação ao anterior, especialmente no que se trata da alfabetização. A Paraíba,

segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é o estado com a terceira maior taxa de analfabetismo acima dos 15 anos (12,8%), atrás apenas de Alagoas (14,3%) e do Piauí (13,8%). “As principais metas são alfabetizar nossos alunos até o fim do segundo ano [do Ensino Fundamental] e ampliar a oferta da educação em tempo integral. Há um foco também na educação inclusiva, na promoção da diversidade e, como não menos importante, a garantia de um maior financiamento da educação pública e da valorização dos professores”, aponta.

Esse investimento prevê o aumento da verba destinada ao setor, capaz de atingir 10% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional até 2034. A

atualização do texto implan-ta, ainda, condições mínimas de infraestrutura, trabalho e salubridade necessárias ao funcionamento das escolas do país. Isso, porém, depende de um comprometimento claro para a execução do plano.

“Tomando por base o levantamento que foi apresentado na Câmara dos Deputados, quase 90% das metas não foram cumpridas. É preciso levar em consideração vários fatores, a exemplo da descontinuidade de políticas públicas promovidas pela alternância dos governos, em especial no âmbito federal, que dificulta o avanço e a execução das metas estabelecidas e assim propiciando que as desigualdades sociais e educacionais continuem andando de mãos dadas”, pontua.

No estado, grupo de trabalho da SEE alinha PNE e PEE

Na Paraíba, um grupo de trabalho da Secretaria Estadual de Educação (SEE-PB) atua com o propósito de alinhar o novo Plano Estadual de Educação (PEE) ao PNE. A tendência é que o estado siga todas as políticas implementadas pelo Ministério da Educação (MEC), salienta o gerente operacional de gestão pedagógica da SEE-PB, Thales Araújo. Exemplo disso são os programas Escola das Adolescências, cujo eixo é a qualidade do ensino nos Anos Finais do Ensino Fundamental; e Escola e Comunidade (Proec), que incentiva a interação entre as

instituições e as famílias.

“O plano nacional é mais um dos instrumentos que vai gerar essa articulação entre os estados da Federação para poder melhorar a qualidade do ensino. O segundo PNE, que ainda está em vigor, sofreu muito em alguns aspectos voltados à universalização do acesso e à melhoria da qualidade do trabalho do professor, por meio da valorização. O plano que foi construído em 2014 já era muito visionário. O que eu acredito que tenha sido mais difícil é a forma de garantia de implementação e monitoramento [do ensino]”, observa.

Segundo o representante da SEE-PB, a renovação do documento deve sanar as fragilidades no acompanhamento pedagógico da aprendizagem e trabalhar a qualidade do ensino nos âmbitos nacional e estadual. “Agora, estaremos olhando, especialmente, em termos de proficiência estudantil, na lógica de ter trajetórias escolares mais regulares para os alunos, na melhoria da forma avaliativa e dos recursos educacionais, a partir de avaliações externas e internas”, indica.

O PEE anterior entrou em vigência em 2015 e apresenta 10 diretrizes, 17 indi-

cadores, 28 metas e 301 estratégias. A expectativa é que o projeto atual consiga ampliar a participação dos profissionais da Educação no planejamento das ações e democratizar as tecnologias de ensino. Já existem fóruns permanentes de comunicação para diretores e professores, mas as condições de trabalho nas escolas também serão debatidas pelo plano, como reforça o gerente operacional.

“O professor em sala de aula vai sentir isso, diante da diminuição da quantidade de estudantes por turno, que é uma demanda da classe e impacta direta-

to o trabalho pedagógico. A gente espera uma melhoria da qualidade, especialmente do ponto de vista da eficiência, não só no acesso. A sensação, no trabalho pedagógico, de que realmente o estudante está aprendendo”, finaliza.

Os estados e o Distrito Federal terão um prazo de 12 meses para a elaboração dos planos estaduais a partir da sanção do PNE. Já no campo municipal esse intervalo estende-se a 15 meses. Em até 180 dias da aprovação, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) deve divul-

gar os indicadores e projeções das metas para cada estado e município.

“

Agora, estaremos olhando, especialmente, em termos de proficiência estudantil

JÚRI POPULAR



Os membros do Conselho de Sentença devem ter idoneidade moral

Ilustração: Bruno Chiossi

Tribunal alia juiz e cidadãos comuns

Encarregados do julgamento de crimes dolosos contra a vida, jurados são leigos convocados para ajudar a Justiça

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

O cidadão comum julgan-
do crimes e, consequente-
mente, definindo destinos. A
imagem do júri popular ficou
marcada no imaginário so-
cial, principalmente, por cau-
sa de filmes de Hollywood,
como “12 homens e uma sen-
tença” “O sol nasce para to-
dos” e “As duas faces de um
crime” — para citar alguns
dos mais famosos. Na vida
real, o tema costuma desper-

tar curiosidade em quem não
conhece esse rito jurídico —
que é bem parecido, sim, com
o que se vê no cinema.

No Brasil, o Tribunal do
Júri responde por uma com-
petência específica, estabele-
cida na Constituição Federal
de 1988, conforme explicou o
juiz titular da 1ª Vara do Tri-
bunal do Júri da Paraíba, An-
tônio Gonçalves Ribeiro Jú-
nior. “A Constituição Federal
determina que todos os cri-
mes dolosos contra a vida,
consumados ou tentados, se-
jam submetidos ao júri popu-
lar. E quais são esses crimes?
Homicídio; feminicídio; in-
duzimento, instigação ou au-
xílio a suicídio; infanticídio;
e aborto”, disse.

O magistrado contou que,
anualmente, em meados de
outubro, o tribunal requisita
às instituições públicas — e,
por vezes, também as priva-
das — que encaminhem rela-
ções de pessoas que desejem
ou que estejam aptas a inte-
grar os Conselhos de Senten-
ça como jurados. A própria
Justiça Eleitoral, por exemplo,
envia uma lista de eleitores
maiores de 18 anos que po-
dem se enquadrar na função.

“Há, ainda, o programa
de Jurado Voluntário, desen-
volvido pelo Tribunal de Jus-
tiça da Paraíba [TJPB], que
permite que aquelas pessoas
que se sintam atraídas pela
vivência do Tribunal do Júri
possam passar a compor o
Conselho de Sentença”, acres-
centou o juiz. Exige-se apenas
que o cidadão tenha idade
mínima de 18 anos e reputa-
ção ilibada, sem registro de

antecedentes criminais.

A partir daí, é formada
uma lista anual de, no míni-
mo, 800 jurados, para que, a
cada reunião periódica, sejam
sorteados 25 na função de ti-
tulares e 25 suplentes. Antes
de se iniciar cada sessão, é ne-
cessário um quórum mínimo
de 15 jurados, para que, des-
se grupo, possam ser escolhi-
dos os sete que participarão,
efetivamente, do julgamento.

Soberania

No júri popular, não há
necessidade de se fazer par-
te do mundo jurídico — ou
seja, de ser um operador do
Direito. “O objetivo é estabe-

lecer que a própria sociedade
possa julgar o seu semelhan-
te, já que esses crimes contra
a vida atingem a sociedade.
Assim, o legislador, o cons-
tituinte, entendeu que cabe-
ria à sociedade, dentro de sua
diversidade de segmentos e
profissões, ter a possibilida-
de de julgar o fato praticado”,
pontuou Antônio.

“Costumo dizer que, na
verdade, o júri não julga o réu,
mas o fato praticado por ele,
porque é um crime cometido
contra uma coletividade, já
que tira de seu seio uma vida
humana e gera até vítimas
indiretas — como são alguns
casos de feminicídio, em que

os filhos da vítima perdem a
mãe para o cemitério e o pai
para o cárcere”, definiu o juiz.
“É nessa oportunidade que a
sociedade pode levantar sua
voz para dizer: ‘Não aceita-
mos esse tipo de crime e, por
conta disso, sugerimos a con-
denação dessa pessoa’”.

Submetido à soberania da
decisão tomada pelos jurados,
o juiz que preside o tribunal
fica, então, responsável pela
dosimetria, a imposição do
regime da pena e onde ela de-
verá ser cumprida.

Dispensa

O magistrado também
destacou que nem sempre as

pessoas convocadas querem
participar do júri, sobretu-
do quando são trabalhadores
da iniciativa privada — visto
que, segundo ele, nem sem-
pre o patrão compreende a
necessidade de o funcioná-
rio afastar-se do trabalho du-
rante o período total do julga-
mento, que pode durar mais
de um dia. Nesses casos, a
orientação é que o cidadão
requiera dispensa para ser li-
berado da convocação, já que
faltar à sessão sem justifica-
tiva leva ao pagamento de
uma multa, que pode che-
gar a 10 salários mínimos —
o equivalente, na atualida-
de, a R\$ 16.210.



Foto: Roberto Guedes

“
O júri não julga
o réu, mas o
fato praticado
por ele, porque
é um crime
contra uma
coletividade,
que tira de seu
seio uma vida
humana

Antônio Gonçalves

MP e defesa expõem
teses em plenário

Embora esteja centrado
no corpo de jurados, outros
atores importantes partici-
pam do Tribunal do Júri. De
um lado, o Ministério Pú-
blico, como autor da ação
penal, encarrega-se das
acusações contra o réu. Do
outro, cabe à Defensoria
Pública, ou a um advogado
particular, defendê-lo.

“O promotor de Justiça
busca a condenação basea-
da nas provas do caso, mas
sua função vai além da acu-
sação: ele atua como fiscal da
lei, devendo zelar pela jus-
tiça e pela proteção da so-
ciedade”, frisou o promotor
Uirassu de Melo Medeiros,
coordenador do Centro de
Apoio Operacional Crimi-
nal e das Execuções Penais
do Ministério Público da Pa-
raíba (MPPB). “O MP repre-
senta os interesses da coleti-
vidade e busca justiça para
a vítima e seus familiares;
para tanto, o promotor ana-
lisa o inquérito policial, ofe-
rece a denúncia e, em plená-
rio, apresenta as provas aos
jurados, para sustentar a tese
acusatória”, detalhou.

Já a Defensoria Públi-
ca oferece assistência jurí-
dica integral e gratuita aos
réus que não tenham condi-
ções financeiras de contratar

um advogado, como obser-
vou o defensor público Phi-
lippe Manguiera de Figuei-
redo, que atua no Tribunal
do Júri de Campina Gran-
de. “A atuação ocorre des-
de o primeiro ato de defesa,
para responder à denúncia,
até a sustentação em plená-
rio. As teses defendidas no
julgamento não necessaria-
mente precisam ser pela ab-
solução do réu; há um filtro
e um estudo para susten-
tar aquilo que for mais viá-
vel, sempre com a comuni-
cação prévia ao assistido”,
relatou Philippe, salientan-
do que, independentemen-
te dos crimes imputados
ao réu, ele tem assegurado
seu direito à defesa.

Sobre a falta de conheci-
mento especializado do júri,
o defensor garantiu não ha-
ver problema. “O fato de os
jurados não necessitarem de
formação técnica não se re-
vela obstáculo à realização
da Justiça. As partes, defesa
e acusação, têm tempo sufi-
ciente para explicar suas te-
ses e buscar convencer o júri.
A repercussão midiática dos
casos pode acarretar alguma
influência, mas nada tão di-
verso do que ocorre nos pro-
cessos julgados por juízes to-
gados”, opinou Philippe.

Sentença é proferida
após votação secreta

Um único julgamento
pode durar várias horas,
ou até mesmo dias, a de-
pender da quantidade de
réus e de testemunhas.
Tomando como exemplo
um processo com apenas
um réu, o Ministério Pú-
blico terá até uma hora e
meia para expor sua tese
— mesmo tempo dado à
defesa. “E ainda há pos-
sibilidade de réplica do
Ministério Público, com
uma hora de duração, e
tréplica da defesa, com
uma hora. Finalizados os
debates, seguimos para a
votação”, explicou o juiz
Antônio Gonçalves.

“O juiz elabora os que-
sitos que deverão ser res-
pondidos pelos jurados e,
então, em sessão secreta
— reunindo os jurados, o
juiz, o auxiliar do juiz, o
Ministério Público e a de-
fesa —, fazemos a votação,
ao fim da qual o juiz pro-
fere a sentença. Ela é lida
em plenário, encerrando a
sessão”, completou.

Nos casos em que o jul-
gamento precise se esten-
der para o dia seguinte, a
sessão é suspensa e os ju-
rados são encaminhados a
hotéis, acompanhados de
oficiais de Justiça. Lá, eles

ficam incomunicáveis, em
quartos separados, sem
acesso à *internet* ou à TV.
Isso ocorre para reduzir
as chances de as opiniões
do júri serem influencia-
das por informações ex-
ternas ao julgamento.

Quanto a um crime
que tenha recebido am-
pla cobertura da mídia,
os jurados são advertidos
a abstrair o conhecimen-
to prévio que podem ter
obtido pela imprensa ou
por pessoas próximas,
para avaliar o caso ape-
nas de acordo com o que
é debatido em plenário.

■ Quando o
julgamento
estende-se
por mais de
um dia, os
jurados ficam
em hotéis,
sem acesso
à *internet* ou
à televisão



Foto: Divulgação/TJPB

Programa do TJPB incentiva cadastro voluntário de jurados

ASTRO DO BREJO

Bruxaxá volta a agitar o turismo local

Reaberto como hotel-escola, empreendimento é novo símbolo do desenvolvimento do setor no interior paraibano

Mirvan Lúcio
mirvanlucio.jornalista@gmail.com

Quem busca dias de descanso, tranquilidade e contato com a natureza pode encontrar refúgio em Areia, cidade do Brejo paraibano. Localizada no alto da Serra da Borborema, mais de 600 m acima do nível do mar, o município registra temperaturas amenas e neblina matinal, típicas do clima serrano. A chamada “Princesa do Brejo” destaca-se como um dos destinos mais procurados nas épocas de inverno, de junho a agosto, quando a temperatura mínima local pode chegar aos 12 °C.

Nesse pedacinho quase “europeu” da Paraíba está situado o tradicional Hotel Bruxaxá. O prédio foi erguido na década de 1980 e o estabelecimento viveu tempos de prestígio e badalação, recebendo turistas interessados em conhecer os encantos de uma das regiões mais frias do Nordeste. Seu nome é remanescente de um povo indígena que habitava a região, sendo também a primeira denominação da cidade de Areia, originalmente chamada de “Sertão de Bruxaxá”.

Depois de décadas em operação, o hotel foi fechado, permanecendo assim por 15 anos. A infraestrutura sentiu as ações do tempo e a arquitetura, característica do período de fundação do espaço, foi tomada por sinais



Fotos: Daniel Medeiros/SEE-PB

Com sua ampliação, concluída no ano passado, a área total do local passou de 3,8 mil m² para 5,5 mil m², incluindo 34 suítes, auditório, restaurante e piscina

de abandono — até que uma iniciativa do Governo da Paraíba resolveu devolver ao Bruxaxá o seu protagonismo. Em outubro do ano passado, o empreendimento foi reinaugurado, depois de passar por um trabalho minucioso de reestruturação, reforma e ampliação.

Momento oportuno

Com um orçamento de mais de R\$ 13,1 milhões, a modernização do agora Hotel-Escola Sesc Senac Bruxaxá tornou-se ainda mais simbólica, diante da procura crescente por destinos

turísticos no estado. “Era inaceitável ver esse equipamento fechado, e isso me incomodou muito. Então, resolvemos dar uso ao espaço, aproveitando que a Paraíba vive um momento tão forte no seu turismo”, afirmou o governador João Azevêdo, durante a solenidade de reabertura do lugar.

Em uma parceria firmada com o Governo do Estado, o Sistema Fecomércio/Sesc/Senac assumiu a responsabilidade pela administração da unidade hoteleira. “Com uma estrutura repaginada e uma propos-



ta inovadora de hotel-escola, o Hotel Bruxaxá passa a atuar com o objetivo de se consolidar como referência, não apenas pela qualidade dos serviços ofertados, mas também pela excelência na formação profissional e na área de Gastronomia”, afirmou Marconi Medeiros, presidente da Fecomércio.

Originalmente, o hotel ocupava uma área total de

3.857 m². Com a ampliação concluída no ano passado, aumentou para 5,5 mil m², incluindo subsolo, térreo e pavimento superior. Quem se hospeda no Bruxaxá pode desfrutar de diversos ambientes e serviços, pensados para oferecer uma experiência de alto padrão. A estrutura conta com 34 suítes — todas com varandas, áreas de circulação e convivência, auditório para

Impacto

Para o presidente da Fecomércio, a nova proposta do espaço aumenta seu papel como “agente de desenvolvimento econômico e social da região”

eventos, restaurante e piscina aquecida. Outra novidade foi a construção de um deck panorâmico, de onde é possível apreciar as paisagens da Serra da Borborema.

O projeto priorizou, ainda, as adequações técnicas dos espaços para garantir acessibilidade às pessoas com deficiência. A área externa passou por um processo de urbanização e de pavimentação asfáltica, para facilitar a entrada e a saída do hotel. O estacionamento também foi reestruturado.

“Com essa nova proposta, o Hotel Bruxaxá reafirma seu compromisso com a excelência, a inovação e o fortalecimento do turismo no Brejo paraibano, ampliando seu papel como agente de desenvolvimento econômico e social da região”, reforçou o presidente da Fecomércio.

Unidade de ensino já formou 480 estudantes

Um dos grandes diferenciais do novo Bruxaxá é sua integração com uma escola, instalada na mesma estrutura. Implantada para proporcionar a formação de mão de obra qualificada em áreas estratégicas da hotelaria e do setor de serviços, a Escola Cidadã Integral Técnica (Ecit) Monsenhor Ruy Barreira Vieira conta com laboratórios próprios, que simulam ambientes reais do hotel e são usados como campo de prática, além de salas de aula climatizadas e equipadas com lousas digitais, refeitório e área administrativa.

“O Senac administra a formação técnica e a gente lida com a parte pedagógica, ministrando as disciplinas da Base Nacional Comum Curricular”, explicou Izabel Cândido, diretora da Ecit. Desde sua abertura, a unidade de ensino já formou 480 alunos em cursos de gastronomia brasileira, recepção e atendimento em meios de hospedagem e governança hoteleira — com técnicas de limpeza diárias, periódicas e especiais —, entre outras especialidades. O objetivo, segundo o Senac, é atender a 2.500 matriculas ao longo deste ano.

Paralelamente, a Ecit mantém turmas de Ensino Médio; os alunos têm aulas de disciplinas regulares em um turno e podem ter acesso à capacitação técnica no contraturno. As vagas também estão disponíveis para estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que almejam uma qualificação profissional. A expe-



Para além das salas de aula, as turmas da Ecit Monsenhor Ruy Barreira Vieira têm acesso a laboratórios que simulam ambientes reais para atividades práticas



Serviços
Entre as capacitações técnicas ofertadas na escola, estão cursos relacionados a áreas estratégicas da hotelaria, como gastronomia e recepção

riência do hotel-escola busca ampliar o aprendizado, permitindo que sejam colocados em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula, para o desenvolvimento de habilidades técnicas, postura profissional e visão sistêmica da operação hoteleira.

Nesse sentido, a unidade promove uma conexão direta entre escola e mercado de trabalho. “A princípio, foi um desafio, por ser um novo espa-

ço e uma nova modalidade de formação, com a qual a gente ainda não trabalhava. Hoje, avaliamos essa metodologia como extremamente significativa, porque oportuniza ao aluno seguir no Ensino Médio e ter acesso aos cursos técnicos, saindo daqui com duas titulações”, avaliou Izabel.

Referência

Para o Sistema Fecomércio/Sesc/Senac, o Bruxaxá tem potencial para se tornar um case de sucesso, fortalecendo a imagem de Areia como polo formador de profissionais qualificados. “Isso contribui para elevar o padrão dos serviços turísticos ofertados na região, impul-

sionando o desenvolvimento econômico local e consolidando a cidade como referência estadual no setor de hotelaria e gastronomia”, ressaltou Marconi Medeiros.

Sobre o impacto do empreendimento na economia, o presidente da Fecomércio complementou: “O funcionamento do hotel demanda uma série de investimentos contínuos, como contratação de mão de obra, aquisição de insumos, contratação de fornecedores locais e manutenção de serviços. Esse movimento gera empregos diretos e indiretos, fomenta a cadeia produtiva e estimula setores como agricultura, comércio e serviços”.

Hotel integra acervo de atrativos variados

Além do clima serrano, Areia possui outros atrativos que despertam o interesse dos turistas. A paisagem urbana parece um museu a céu aberto, com casarões históricos preservados, que transportam os visitantes em uma viagem ao século 19. O Teatro Minerva, erguido em 1859, mantém suas características, com detalhes em madeira adornados de cortinas vermelhas vibrantes. A casa do pintor Pedro Américo, nascido na cidade, guarda as memórias do artista que imortalizou o “Grito da Independência”, em uma das mais famosas telas da história da arte no Brasil.

Como reflete o hotel-escola, também se destaca a gastronomia local, baseada em uma cozinha afetiva e harmonizada com a atmosfera do município. A produção de cachaça, em alambiques históricos, reconta a trajetória do produto que impulsionou a economia da região. A chamada “Rota dos Engenhos” permite a visitação a fábricas e a degustação de bebidas artesanais. O potencial natural de Areia é um campo vasto para a prática do turismo de natureza, com trilhas ecológicas e cachoeiras.

Quanto às opções de cultura e lazer, Areia sedia importantes eventos, como o tradicional Caminhos do Frio, o Festival Sesc Paraíba de Música e o Festival das Flores, que contri-

buem positivamente para o turismo da cidade.

O próprio Bruxaxá costuma receber, em dias de semana, encontros corporativos, acolhendo empresas que promovem reuniões e treinamentos para suas equipes. Mas é nos fins de semana que a demanda se intensifica significativamente, chegando à ocupação total dos apartamentos.

Diários

As reservas para toda a rede de hotéis administrada pelo Sesc/Senac podem ser feitas no site <https://hoteis.sesc.com.br>. No Hotel Bruxaxá, a diária em um quarto duplo (casal ou solteiro) custa R\$ 260, com condições especiais para trabalhadores do comércio e conveniados do estado. Na modalidade de quarto duplo casal, há, ainda, a opção de acomodação em suítes adaptadas para pessoas com deficiência. Os *check-ins* são feitos a partir das 14h, com *check-out* até as 12h.

Trilhas ecológicas, construções históricas e a produção de cachaças artesanais são destaques locais

O sucesso fulgurante do quinteto que unia música e comédia foi interrompido por um acidente aéreo

Fotos: Agência Estado

MEMÓRIA

Saudade da alegria

Amanhã completam-se 30 anos da morte trágica dos Mamonas Assassinas, que haviam feito seu único show em João Pessoa um mês antes

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Apenas 254 dias separam o lançamento do primeiro e único disco da banda paulista Mamonas Assassinas, em 23 de junho de 1995, da morte chocante dos artistas, em 2 de março de 1996. Mas a passagem meteórica do conjunto pelo mercado fonográfico grupo não foi apagada com a queda do avião Learjet 25D, prefixo PT-LSD, na Serra da Cantareira, em São Paulo. Três décadas depois da tragédia, os fãs e a mídia permanecem ligados a Dinho, Bento Hinoto, Samuel Reoli, Júlio Rasec e Sérgio Reoli, seja em projetos que contam a história do grupo, seja na memória do público que compareceu ao único *show* do quinteto na Paraíba, cerca de um mês antes de seu falecimento.

Os Mamonas Assassinas nasceram no fim dos anos 1980 como um grupo “sério” de *rock and roll*. Atendiam pelo nome de Utopia, com um repertório tímido de canções autorais e *covers* de bandas nacionais e internacionais. A mudança de perfil ocorreu quando, durante a gravação de novas faixas, em 1994, os artistas publicizaram algumas de suas criações satíricas.

“Pelados em Santos”, seu futuro e maior êxito, e “Robocop gay”, cujos versos infames não estariam imunes a “cancelamento” no presente, caíram nas graças do produtor Rick Bonadio, que decidiu pleitear o projeto junto à gravadora EMI. Na virada para 1995, eles concluíram o álbum e foram rebatizados com célebre e infame nome de “Mamonas Assassinas”.

A ousada capa do disco representava o desbunde do Brasil nos anos 1990, recém-saído da censura. Os artistas posavam pequenos, no canto do encarte; ao fundo, o desenho de uma mode-

lo nua e de proporções agigantadas.

O apelo descompromissado da banda, que não tinha vergonha de utilizar palavras de baixo calão em suas canções, logo conquistou as crianças e os adolescentes brasileiros. Suas aparições na televisão tornaram-se frequentes, impulsionando o sucesso do disco homônimo. No auge da comercialização do *LP*, foram vendidas 50 mil cópias em um único dia.

Além do êxito das faixas (cerca de três milhões de discos e fitas chegaram a público), haviam centenas de pedidos de *shows* Brasil afora. Justamente num desses deslocamentos, as vidas de Dinho, Bento, Samuel, Júlio e Sérgio foram ceifadas: a baixa visibilidade do voo e outros fatores fizeram com que sua aeronave particular caísse na região serrana de São Paulo.

O resgate dramático dos cadáveres e o funeral coletivo iniciaram a segunda fase do culto à banda, não apenas por parte da geração contemporânea aos Mamonas, mas pelo público que conheceu o legado dos artistas nas décadas seguintes. No início do mês, um acontecimento marcante fomentou ainda mais a permanência da banda no imaginário brasileiro — a exumação dos corpos do quinteto, cujos fragmentos serão transformados em cinzas e farão parte de um memorial a ser inaugurado na Grande São Paulo. A jaqueta com que Dinho foi sepultado foi encontrada intacta, junto a seus restos mortais.

O Globoplay produz uma minissérie documental sobre a trajetória do grupo, com estréia em 2026. Outros dois registros ficcionais da banda foram lançados anteriormente: um episódio da série *Por Toda a Minha Vida* (2007), também no Globoplay; e *Mamonas Assassinas – O Filme* (2023), de Edson Spinello, com roteiro de Carlos Lombardi — disponível na Netflix.



Anteninhas de Chapolin

O único *show* dos Mamonas Assassinas na Paraíba aconteceu no extinto Forrock, na região limítrofe entre as cidades de João Pessoa e Cabedelo. **A União** reportou a expectativa dos fãs que marcaram presença no evento naquele dia 31 de janeiro de 1996, uma quarta-feira, antecipando, ainda, que eles encerrariam a turnê após o Carnaval, em fevereiro.

Na platéia, estava a nutricionista Sabrina Bezerra da Silva, com apenas 11 anos de idade. Ela recorda que conheceu o grupo por meio de uma de suas primas e, com frequência, ouvia o disco homônimo da banda e divertia-se com “Pelados em Santos” e “Sabão cra-cra”, sem pensar no quão problemáticas as letras eram: “Eu sabia que era tudo brincadeira”.

Ela foi à apresentação em companhia da irmã mais velha e dos primos. Para Sabrina, os destaques da noite ficaram com “Vira-vira” e “Bois don’t cry”. “Não aconteceu nada de curioso ao longo do *show*, nada que já não tínhamos visto nas apresentações da TV e que fizesse parte da ‘marca registrada’ dos Mamonas. Todos estavam muito animados”, rememora.

Analisando em retrospecto, a nutricionista crava que o êxito da banda, sobretudo entre os jovens, estava em seu caráter extrovertido. “Se eles aparecessem de novo na mídia, eu acho que ainda seriam um sucesso pelo clima contagiante e extravagante que levavam para o público. Mas, com certeza, teriam que rever o conteúdo de algumas letras”, assevera.

O publicitário Frank Ramalho esteve ainda mais próximo dos Mamonas, quando de sua passagem pela Paraíba. Em 1996, aos 23 anos, ele trabalhava na produção do Forrock e anunciava, como locutor, a atração da noite, antes de ela subir ao palco. Mas naquele dia 31 de janeiro, ele recebeu outra missão do

empresário João Gregório, dono do empreendimento.

“A pessoa que era responsável por buscar Dinho no aeroporto estava com algum problema. E João perguntou se eu poderia ir, em torno das 16h. O vocalista e o empresário viriam no carro, comigo. Até que eu recebi uma ligação dizendo que o voo, que vinha de Manaus, tinha atrasado na decolagem. O avião estava com problema no radar”, revela.

Contornado o contratempo — e o mau presságio — o vocalista e o agente seguiram de Bayeux com destino a João Pessoa; o restante da banda e da equipe rumou em outros veículos, maiores. Dinho ainda quis passar no hotel para tomar banho, mas foi demovido da idéia por Frank, que contra argumentou com o atraso e a superlotação do Forrock.

Nas semanas anteriores ao *show*, os veículos de comunicação movimentavam-se com a divulgação do evento e as promoções, que distribuíam discos e ingressos. No dia, os comerciantes informais vendiam, na platéia, um acessório curioso: um diadema com anteninhas que emulava o personagem Chapolin Colorado, parodiado pelos Mamonas.

“Os pais também vestiam seus filhos com aquelas fantasias de presidiário, que eles usavam muito. Enquanto isso, no caminho, no carro, eles vinham me perguntando dados sobre João Pessoa e o seu público. Os pontos característicos da cidade. Me questionaram qual era o bairro mais perigoso, qual era a praia mais bonita, para poder falar no palco”, informa.

Apesar de não ser “fã de carteirinha” da banda, Frank Ramalho afirma que acompanhou com choque e pesar o acidente com o avião dos Mamonas, um mês depois do *show* no Forrock, e a cobertura da morte, amplamente televisuada naquele fim de semana, em 1996. “Chocou ainda mais porque todos eram muito jovens, né?”, reitera.

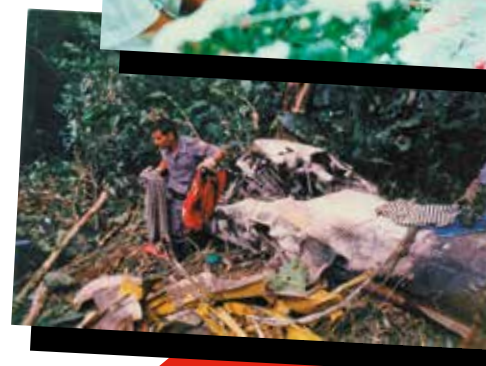
Diego de Oliveira, também publicitário, tinha apenas sete anos e também foi ao Forrock com a família. De origem humilde, não tinha expectati-

va de ir ao evento, mas ele e o irmão ganharam os ingressos de última hora, com a mobilização de alguns parentes. Até aquele momento, o contato com a banda era por meio da televisão, do rádio e dos cassetes.

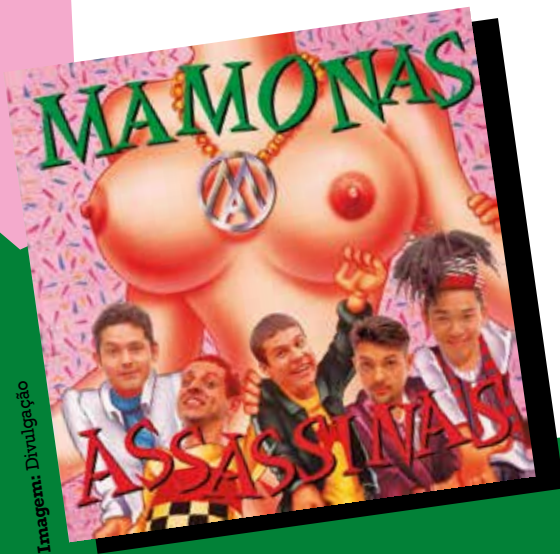
“No *show* aqui, eu vi algo similar a um carnaval. Havia muitos carros misturados com gente naquele viaduto que fica por cima da Avenida Tancredo Neves [onde funcionava a casa de espetáculos]. Tinha pessoas sentadas nos parapeitos, gente, enfim, por tudo que era lugar. Eu assisti ao *show* inteiro em pé, em cima de uma mesa de metal, daquelas de bar”, lembra.

Apesar da tenra idade, Diego sabia que os versos do grupo eram inapropriados para crianças da sua idade, mas alega que aquilo não era uma questão, nem para ele, nem para os pais. O carinho das crianças pelo quinteto se dava, segundo o publicitário, pela consonância com a “falta de filtro” de que tanto se orgulhavam Dinho, Bento, Samuel, Júlio e Sérgio.

“O pessoal fala que o mundo está muito chato e tal. Acho que não é essa a questão. Acho que as pessoas estão doentes, sabe? E isso faz com que a gente não consiga sentir a alegria que sentia em 1995. O mundo girava mais devagar. E os Mamonas Assassinas chegaram na hora certa, passando a mensagem certa, da forma mais inesperada possível”, conclui.



Imagens dramáticas do velório e do local do acidente chocaram o país



A capa do disco já era um atrevimento que não impediu o sucesso entre as crianças

Imagem: Divulgação

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Cristo e os wari: não são a mesma carne

Uma amiga me perguntou qual seria a diferença entre o ritual funerário dos indígenas wari — em que os parentes comem o corpo do morto para que ele “encontre o seu destino” — e a eucaristia católica, isto é, o ato litúrgico de comer “o corpo de Cristo” para garantir a remissão dos pecados e a vida eterna.

Essa não é uma pergunta simples de responder. Há quem veja — como a minha amiga — um paralelismo entre o rito funerário wari e as práticas de sacrifício animal e humano — que serviam como oferenda para apaziguar a ira divina e garantir bons auspícios. Algo que pode ser visto em várias religiões. A *Bíblia* mostra como era comum a prática da imolação do cordeiro. A tradição cristã passou a interpretar a morte de Cristo como o cumprimento e a radicalização desse simbolismo sacrificial.

Os ritos cristão e wari guardam enormes diferenças. A eucaristia é uma dramatização ritual da morte e da salvação, o que podemos chamar de uma forma de “internalização da alteridade divina”. Como todo rito dessa natureza, estamos falando de um instrumento social usado para transformar o mito em ação. Isso porque o sacramento presentifica o sacrifício de Cristo, o que de um ponto de vista sociológico implica a criação de subjetividades e o estreitamento dos laços da comunidade religiosa, ao mesmo tempo em que reforça a sua autoridade.

É curioso que o sacrifício de animais vá desaparecer com o desenvolvimento dessa religião. Para a teologia cristã, o sacrifício animal cumpria o papel de produzir a expiação dos nossos pecados. O seu objetivo era o de introduzir a restauração da ordem e da justiça divina rompida com a queda do homem no paraíso. A morte de Jesus, o sacrifício do Deus que virou homem, substi-

tui qualquer prática de imolação animal.

Entre os wari o problema é de outra natureza. Não existe pecado, nem se busca aplacar a ira dos deuses. A questão fundamental é o luto e a transformação do morto, com implicações sobre os conflitos sociais.

Autores como Eduardo Viveiro de Castro e Roberto da Matta nos ensinaram que o problema da pessoa é o tema central da etnologia brasileira. A pessoa não é um dado natural, mas algo construído socialmente. No caso dos povos indígenas brasileiros, o corpo é o lugar de fabricação da pessoa. Trata-se de uma categoria relacional. Tal ideia distancia-se da perspectiva ocidental moderna, na qual o indivíduo é um ser universal, autônomo e autocentrado. A condição de pessoa é ainda uma pré-condição para a criação da dignidade e obrigação moral.

A pessoa não existe, portanto, de forma isolada. No caso dos indígenas, ela está inserida em redes de parentesco e depende de ritos de passagem e dos ciclos de vida. Vejam que o funeral wari define obrigações específicas para os indivíduos com base em seu grau de parentesco com o morto. Os parentes mais próximos, consubstanciais, não consomem o corpo. Eles choram e organizam o funeral. Já os parentes distantes são os responsáveis por comer o defunto. O que se segue é um processo de reconhecimento da pessoa, a incorporação do indivíduo numa totalidade maior, isto é, na comunidade, por meio da eficácia simbólica da antropofagia. Isso é reforçado por meio de práticas rituais como a destruição da casa e de todos os pertences do defunto e a transferência de seu nome para alguém da aldeia. Acontece assim a despersionificação do morto, ou, numa linguagem filosófica, podemos dizer que ele foi subsumido pela comunidade.

Ao contrário do cristianismo, esse ritual não é um sacrifício expiatório, mas um processo de reorganização ontológica da pessoa. Observem que o morto entre os wari é despersonalizado e, em seguida, dissolvido na comunidade, enquanto na eucaristia Cristo não é despersonalizado. Na verdade, é ele quem assimila o fiel. Percebam que existe uma diferença ontológica entre os dois ritos. Entre os wari, o ritual opera na lógica da transformação da pessoa dentro da comunidade. Na eucaristia, porém, o rito funciona na lógica da comunhão com uma pessoa transcendente que permanece ontologicamente distinta.

Para os católicos, a eucaristia não é um ato meramente simbólico ou metafórico. A ideia, a grosso modo, é que na liturgia vivenciamos a presença real de Cristo. Ao comer o pão e o vinho, o cristão está alimentando do-se próprio Cristo, que estaria presente em todo o pão consagrado e em cada gota de vinho. A doutrina tem inspiração aristotélica e funda-se na distinção entre substância e acidente. Dito de outra maneira: acredita-se que a substância (o seu ser próprio) do pão e do vinho deixa de existir, mantendo-se apenas seus acidentes, ou seja, seu gosto, cheiro e forma.

É por isso que durante o Império Romano os cristãos foram acusados de canibalismo, o que é uma acusação sem sentido. A própria Igreja distingue a eucaristia da antropofagia. O corpo de Cristo não é consumido de modo biológico, mas sacramental. Ao contrário do rito funerário dos wari, no qual existe o consumo material de um corpo, ainda que inserido em uma ordem simbólica, na eucaristia não há absorção de um cadáver, mas comunhão com o vivente.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Morte sincrônica

Meses antes de morrer, o ator Eric Dane gravou uma última entrevista, em que ele aparece como entrevistado e entrevistador (suponho), pelo menos é a sensação que passa a expressão do ator, para as duas filhas adolescentes Billie (15), e Georgia (14). Uma fala impressionante, um amor, talvez, uma vontade de correr, para não morrer sincronizado, de viver mais como se existisse a eternidade.

A interrupção da vida ou a imitação dela, o silêncio, a renúncia de uma palavra de um pai jovem avisando que a vida dele não se acaba ali, (quase uma ilusão) sobre coisas de histórias da intimidade, instantes fulgurantes dessa pulsão, pelo que fez ou deixou de fazer, é triste, viu?

Tendo como foco a doença ELA (esclerose lateral amiotrófica), destruidora total, sem que ele renunciasse ao seu texto, ao seu papel, como se estivesse em dia com a personagem, um dia ao gravar o vídeo já quase paralisado. O ator teve esse sol.

Não é fácil morrer no vídeo, por mais gosto que se tenha pela vida, e todos nós temos exageradamente esse medo da morte, o discurso de Eric Dane parecia destinados a nós, pais e filhos do mundo.

Ninguém precisou encarregá-lo da tarefa, invariavelmente pessoal, mas transformada não na sua melhor *performance*, (será?) certamente, ele preferia não fazê-la — espelho não exaltante da negatividade do mundo, de ter que partir antes do fim.

As lembranças do que eles eram, como costumamos enumerar: primeiro tal coisa, segundo. “Billie e Georgia, estas palavras são para vocês”, diz o pai “Eu tentei. Às vezes tropecei, mas eu tentei. No fim das contas, nós nos divertimos muito, não foi?”.

Primeiro, disse ele que elas (e nós também) vivêssemos o agora. “Neste exato momento, no presente. É difícil, mas eu aprendi a fazer isso”. Eric contou que, por anos, ficou preso a preocupações e arrependimentos. “Eu não deveria ter feito isso. Eu nunca deveria ter feito aquilo. Chega”. Por pura sobrevivência, precisou aprender a flechar no agora.

E agora, onde estamos, onde estávamos? A felicidade não é suficiente para não deixarmos os outros, pois, quando a morte chega, felicidade dos outros fica.

Eric Dane ofereceu seu caderno de notas de pé de página, notas da voz, como o ator fazia nas séries e filmes, não como ele chama as folhas para as lembranças, sobre a síndrome da imagem, algo endêmico das brincadeiras passadas, uma espécie de quem respira junto, não para de nos avivar a memória e pelo desejo de revisitar as paisagens com Georgia e Bilis. É tão bonito isso...

“Segundo, apaixone-se. Não necessariamente por uma pessoa, embora eu também recomende isso”. Isso dele dizer “apaixonem-se” é tão singelo e pelo que seja, já é muito, essas coisas do sangue, sonhos, adivinhações.

“Terceiro, escolha seus amigos com sabedoria. Encontre as suas pessoas e permita que elas encontrem vocês, e então se entreguem a elas”.

Amizade, não que ele tenha colocado em terceiro lugar, mas afinal, o que a gente faz da vida, sem os amigos? Quem são nossos amigos?

Não, o ator Eric Dane não foi um homem de ciência, mas ciente, ele encontrou uma forma eloquente de se despedir, enquanto a gente delira cá nos trópicos, conversamos, moemos as coisas e choramos nesse vale de lágrimas.

Kapetadas

- 1 – Estou mais cansado do que quem atravessou o dilúvio a nado, mas não foi por nada.
- 2 – O público moderno tem acesso ilimitado à informação e capacidade ilimitada de não fazer absolutamente nada com ela.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Equilíbrio e simplicidade de Mozart

A estética Rococó desenvolveu-se de 1720 a 1780 e surgiu em Paris. O estilo é caracterizado pela leveza, elegância, cores pastéis, assimetria e formas curvas, buscava o intimismo, temas eróticos ou bucólicos, focando na decoração de interiores e na vida hedonista da aristocracia, e faz a transição entre o barroco e o neoclassicismo. Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), professor, instrumentista e compositor austríaco, desenvolveu a maior parte de sua vida artística durante esse período da história da música, que contribuiu para o nível de excelência e consistência do classicismo, assim chamado em vista de seu equilíbrio e perfeição formal.

O aprendizado de Mozart iniciou com a idade de quatro anos e compôs aos cinco anos de idade. O pai, músico e violonista, decidiu dedicar-se à educação do filho e de sua irmã Nannerl, que também manifestava habilidades musicais. Durante a sua adolescência, o jovem gênio foi contratado como músico da corte em Salzburgo. Ao visitar Viena em 1781, decidiu morar na capital ao longo de sua vida. Seus últimos anos viram surgir algumas de suas sinfonias, concertos e óperas, além de seu *Réquiem*. Deixou uma esposa e dois filhos. Foi autor de mais de seiscentas obras.

Mozart adotou a forma-sonata como estrutura para a grande maioria dos movimentos mais importantes de suas composições. Essa técnica de compor é uma forma musical de grande escala, que foi o início do período clássico, geralmente usada nos primeiros movimentos de sonatas, sinfonias, concertos, quartetos, podendo também aparecer nos demais movimentos, mais usualmente no último. Muitos concluem em dizer que a forma-sonata pode ser dividida em exposição, o desenvolvimento e reexposição. Mozart compôs suas sinfonias nessa forma ao longo de quase toda a sua vida, as primeiras datando de 1764 e as últimas de 1788. Sinfonia é uma palavra de origem



Estátua de Mozart em Viena, Áustria

do grego antigo, que significa harmonia de sons tocados juntos. É escrita para orquestra completa, estruturada geralmente em três ou quatro movimentos (partes) com diferentes andamentos. Foi consolidada a partir do classicismo e refere-se a uma peça para orquestra construída na forma-sonata. Concerto é uma composição para um ou mais instrumentos solistas, cujo acompanhamento pode ser feito por uma orquestra ou um piano. As óperas e os concertos são as formas que mais revelam a evolução da escrita orquestral de Mozart nos anos vienenses, e ambos compartilham de diversas características formais no tratamento da parte solista em relação à orquestra e na adaptação da escrita às capacidades dos intérpretes. Mas ao contrário de uma situação dramática teatral, o concerto não está vinculado a um libreto nem à sequência canônica ária-recitativo-ária-recitativo-etc, que caracteriza a ópera. Entre suas composições estão suas óperas. As mais conhecidas são: *A Flauta Mágica* (1791), uma ópera ma-

cônica e de conto de fadas, famosa pela ária da “Rainha da Noite”; *Don Giovanni* (1787), uma mistura de comédia e drama sobre o lendário sedutor Don Juan; *As Bodas de Figaro* (1786), uma comédia de costumes com críticas sociais; *A Clemência de Tito* (1791), uma ópera que encarna os ideais do Humanismo Iluminista e celebra a benevolência como a maior virtude de um governante. Em sua maioria, os seus personagens burgueses ou cômicos recebem um tratamento musical e caracterológico de idêntica importância ao dos personagens heroicos e nobres. As principais obras sacras, as missas de Mozart, seguem os princípios da escrita sinfônica, desde um simples quarteto vocal acompanhado pelo órgão, até peças que exigem uma grande orquestra, um grupo de solistas e um coro, que se combinam de múltiplas formas em estruturas de grande amplitude que podem extrapolar os usos litúrgicos, como é o caso da *Grande Missa em Dó Menor*.

Música de câmara é composta para um pequeno grupo de instrumentos ou vozes que tradicionalmente podiam acomodar-se nas salas de um palácio. Ela compõe cerca de um quinto do total de suas obras, abrangendo quartetos e quintetos de cordas, passando por sonatas para teclado, trios, duos, divertimentos e danças. A *Serenata nº 13 para Cordas em Sol Maior*, conhecida como *Uma Pequena Serenata Noturna* é uma obra de Mozart composta em agosto de 1787 e publicada postumamente em 1827, é uma das mais executadas, principalmente o primeiro movimento.

Sinta-se convidado à audição do 557º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 1 das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5 ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei algumas obras de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791).



Ator Eric Dane, sofrendo com ELA, gravou um vídeo para filhas

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

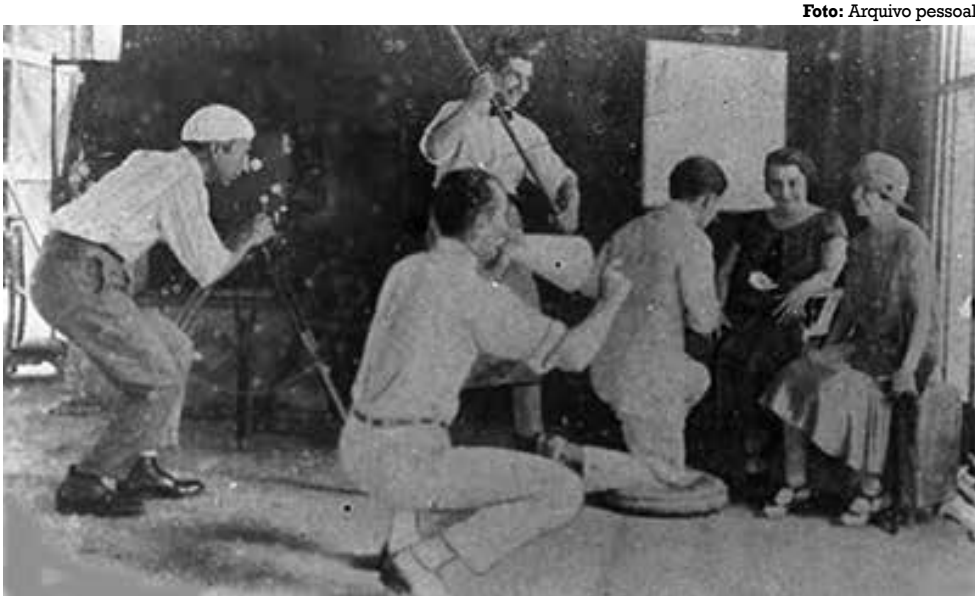
Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Nossos acervos de cinema pedem ajuda!

Neste fim de semana, vendo um artigo publicado em **A União** sobre o Festival de Arte de Areia, em que são resgatados alguns lances sobre o início de sua realização, vieram-me também indagações que dizem respeito a um acordo para com a preservação dos nossos acervos. Compromisso esse que entendo deveria estender-se às iniciativas culturais na sua totalidade, ainda hoje realizadas na Paraíba, legado deixado por Walfredo Rodriguez.

Há um bom tempo, para o meu mais acentuado espanto, tenho em mãos um dossiê com relato veemente sobre a situação de alguns acervos em que ainda se deparam os materiais iconográficos e audiovisuais paraibanos. Um trabalho minucioso, concluído por uma equipe do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Paraibano (Iphaep), revelou há anos a dimensão real desse acervo, que ainda representa, sem nenhuma dúvida, algo de colossal e extremamente importante para a história do cinema paraibano. Conforme o relatório, quase 40% de todo o acervo de cinema estaria comprometido e grande parte desse percentual totalmente perdida. E, com esse relatório em mãos, à época, pude verificar a extensão do problema ali existente.

O fato irrefutável é o seguinte: parte da nossa importante memória (não só cinematográfica) está prestes a desaparecer, se não forem tomadas as



Walfredo Rodriguez, pioneiro do cinema paraibano, empunhando a câmera

providências urgentes e sérias sobre o assunto. Cabe à União, ao Estado e/ou ao Município, ou a quem de direito da área privada, a aquisição formal de todo material, para ser, aí sim, devidamente instalado em local fisicamente compatível à sua preservação e com temperatura adequada. Seria uma atitude meritória e politicamente correta, como deve ser, mas longe de interesses meramente sectários...

Por mais boa vontade e esforço que empreendamos, não representaria o necessário para resolver o problema da falta de conservação dos acervos paraibanos. Há um descaso evidente por parte das autoridades e de algumas instituições pertinentes, de há mui-

to reclamado por mim e por aqueles que, de forma insistente, apontam tais desatenções para com a nossa cultura. Só não vale criar projetos para eventos, deixando nossos acervos à margem...

Tenho insistido bastante na ideia do resguardo das nossas memórias, indagando sobre o paradeiro dos acervos do Cinema Educativo da Paraíba de João Córdula, também das realizações do cineasta Machado Bittencourt. Lembrando, ainda, dos curtas-metragens (cinejornais), que eram produzidos pelo empresário Ivan de Oliveira para comercialização, dos quais fiz parte negociando com as distribuidoras de Recife. – *Mais “Coisas de Cinema”, no blog: www.alexssantos.com.br.*



APC é convidada para posses na Aslac

Diretoria da Academia Paraibana de Cinema recebeu convite para estar na sessão de posse dos novos confrades e confeitras da Academia Sapeense de Letras, Artes e Cultura, na próxima sexta-feira, dia 6 de março. O evento faz parte do programa integrando uma rede de academias, visam estimular o gosto pelas letras e artes no interior da Paraíba.

Agradecendo o convite, conforme esclareceu o presidente da APC, João de Lina Gomes, o evento será mais uma das atividades de interiorização que sua entidade vem desenvolvendo nos últimos tempos.

ANTIGO SAG

Actor Awards será entregue hoje nos EUA

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Chamado agora de Actor Awards, o prêmio do Sindicato dos Atores dos Estados Unidos (SAG) entrega suas láureas hoje, em Los Angeles. Sem Wagner Moura, os indicados nas categorias cinematográficas e televisivas, principais e coadjuvantes, são, em sua grande maioria, norte-americanos. Dentre os representantes da sétima arte, os favoritos são Timothée Chalamet, por *Marty Supreme*, e Jessie Buckley, de *Hamnet – A Vida Antes de Hamlet*.

Disputando a categoria de Melhor Ator em cinema

estão os experientes Leonardo DiCaprio e Ethan Hawke — o primeiro, pelo papel do guerrilheiro aposentado Bob Fergusson em *Uma Batalha após a Outra*; o segundo, como Lorenz Hart, na cinebiografia *Blue Moon*. Correndo por fora estão Michael B. Jordan, no papel dos gêmeos Smoke e Stack em *Pecadores*, e Jesse Plemons, que dá vida ao conspiracionista Teddy Gatz de *Bugonia*. Confirmado o favoritismo, Timothée Chalamet deverá ser o vencedor, a partir de sua elogiada composição de um jogador de tênis de mesa disposto a tudo para vencer.

Dentre as atrizes principais no cinema, a “conten-

da” também parece estar definida: Jessie Buckley é a predileta, graças à sua emocionante atuação como Agnes Shakespeare, esposa do grande dramaturgo inglês. Suas colegas têm menos chances, mas mérito similar: Rose Byrne, como uma psicóloga a beira de um ataque de nervos em *Se Eu Tivesse Pernas, Eu te Chutaria*; Emma Stone como a intrigante Michelle, de *Bugonia*; a jovem Chase Infiniti, como a jovem ativista Willa, de *Uma Batalha após a Outra*; e a “zebra” da temporada Kate Hudson, como a personagem real Claire Sardina em *Song Sung Blue – Um Sonho a Dois*.

O Actor Awards divide as categorias de televisão em séries de drama ou comédia e em minisséries ou telefilmes (estas últimas, numa única categoria). Os indicados para ator em drama são: Sterling K. Brown (*Paradise Disney+*); Billy Crudup (*The Morning Show*, Apple TV); Walton Goggins (*The White Lotus*, HBO Max); Gary Oldman (*Slow Horses*, Apple TV) e o favorito Noah Wyle (*The Pitt*, HBO Max). Nas comédias, as *performances* de destaque são de Seth Rogen e Ike Barinholtz, ambos pelo sucesso *O Estúdio* (Apple TV).

Partindo para as atrizes em drama, estão em disputa: Britt Lower (*Ruptura*, Apple TV); Parker Posey e Aimee Lou Wood (*The White Lotus*, HBO Max); Keri Russell (*A Diplomata*, Netflix); e Rhea Seehorn (*Pluribus*, Apple TV), que deve ficar com prêmio.

Na categoria de comédia, as expoentes são Jean Smart por *Hacks* (HBO Max), além de Kathryn Hahn e Catherine O'Hara, por *O Estúdio*. Catherine faleceu no fim de janeiro e concorre postumamente neste último trabalho.

Dentre as minisséries em evidência está *Adolescência* (Netflix), com quatro indicados: os atores Stephen Graham e Owen Cooper e as atrizes Erin Doherty e Christine Tremarco — todos com grandes chances.

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Jairo Cézar e o ABC dos Bichos

Digamos que existe uma literatura infantil. Um de seus traços marcantes reside na hibridez da linguagem. O signo verbal mistura-se com o signo visual numa ordem sintática nova, para além do mero lógico-discursivo, na medida em que explora os espaços da página, socorrendo-se o autor de elementos tipográficos, diagramação, alinhamento, desenhos e outros investimentos icônicos. Tudo, a fim de semantizar, o máximo possível, o corpo da prosa ou do poema.

Ocorre-me essa breve reflexão porque acabo de ler e ver, decodificar e apreciar, o mais recente livro do poeta e professor paraibano, Jairo Cézar, *ABC dos Bichos*, com ilustrações do artista campinense Thayroni Arruda (João Pessoa: Editora A União, 2025).

Jairo Cézar não é estreante nessa vertente. O *Menino que Roubava Gaiolas* (2018) já emite os primeiros sinais de uma escrita poética que pode atrair crianças e adultos, tanto pela forma quanto pelo conteúdo mobilizados na pauta dos versos. Linguagem acessível, com valorização do coloquial; dinâmica imagética, senso de humor, apelo à imaginação, presença do poético e do fantasioso mesclam-se na tessitura da trama em que mergulha o personagem.

Com *ABC dos Bichos*, tais características intensificam-se, uma vez que ambas as linguagens, isto é, a palavra e as imagens, na sua profusão de traços, linhas e cores, como que convergem em rigorosa isomorfia, em criativa combinação, em frutífera fusão do estético com o lúdico, num texto que desafia o gosto de quem olha, de quem imagina e de quem pensa.

No que concerne, em especial, ao ingrediente idiomático, ao uso contido da palavra, diria que o poeta radica-se nas fronteiras de um minimalismo quase à oriental. Percorrendo o alfabeto, letra por letra, exercita, qual um fotógrafo de instantâneos e de closes, uma descrição sutil, e ao mesmo tempo surpreendente, dos bichos que constituem seu bestário particular.

Alguns dos poemas me soam como livres haicais, sobretudo, pela contensão expressiva e pela objetividade imagética a dilatarem o fluxo imaginário do observador e do leitor. “Hamster” é um bom exemplo:

*A lua em queijo
faz do céu uma via-láctea
Ele rói a noite*

Da mesma linhagem poética, poderia citar os poemas “Mosca”, “Pardal”, “Rouxinol” e “Tartaruga”, para comprovar um pouco dessa metodologia do pequeno e do miúdo para a qual me chama a atenção a percepção do poeta.

A propósito, afora alguns animais de porte médio ou mesmo grande, a exemplo do burro e do elefante, entre outros, o poeta volta-se para uma fauna rasteira e quase despercebida das experiências sensoriais.

De minha parte, louvo essa preferência pelo menor. E louvo principalmente a empatia humana e o humor carinhoso, num viés de índole lírica que me lembra muito Manuel Bandeira, ou, em outra clave, Manoel de Barros, quando Jairo Cézar fala da aranha, do grilo, do sabiá, do xexéu e, sobremaneira, do vagalume. Este, com certeza, aparece num poema de sagração ontológica. Leia comigo, leitor:

*Estrela indecisa
que cabe na mão
Não sabe se brilha
ou escuridão*

A tudo isso se somam as cores e as formas com que Thayroni Arruda emoldura o a textura das páginas. E para quê? Para que se faça, através da poesia, em signos e ícones, uma pequenina ode à ecologia tropical, sem ranço didático e sem moralismo preconcebido. Isto assegura aos poemas de Jairo Cézar não só o atributo de “poesia infantil”, mas também de poesia da melhor qualidade.



Jairo Cézar se inspira na natureza em “ABC dos Bichos”

Colunista colaborador

MÚSICA

Concerto reúne erudito e popular

Camerata Parahyba recebe Vó Mera em apresentação gratuita no Espaço Cultural

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Do alto de seus 91 anos de idade, a paraibana Vó Mera segue incansável na luta pela salvaguarda da cultura popular. Depois de marcar presença no álbum da cantora Bixarte, ela embarca numa apresentação inédita com a Camerata Parahyba. O evento acontece hoje, às 17h, na Sala José Siqueira do Espaço Cultural, em Tambauzinho, João Pessoa. A entrada é franca.

Rucker Bezerra, maestro que rege a camerata desde 2021, adianta que as faixas selecionadas, extraídas do cancioneiro da artista, contam com um tratamento especial do arranjador

Diego Rocha, o Gonzo, auxiliando a tradução de vocais e percussões para as cordas.

“Como ela não tem essa questão de tocar com a partitura, algo que dá certa segurança para a gente, faremos uma espécie de movimento contrário neste domingo. Os arranjos é que estão sendo feitos em função dela, para que ela se sinta confortável. Damos apenas essa roupagem diferente”, explica.

A interação entre a camerata e os artistas de outros segmentos tem sido frequente. Rucker cita como exemplos o *show* que o conjunto fez com Maria Gadú, no Festival Literário Internacional da Paraíba (Fliparaíba), em 2025, e a participação dos músicos

no videoclipe de Lucy Alves.

“E estamos, aí, preparando mais uma apresentação, com Geraldo Azevedo, para breve. A gente transita muito nessa coisa do popular para o erudito. Mas com Vó Mera e suas Netinhas, vai ser lindo, porque a gente nunca tinha ido para essa vertente da ciranda”, aponta.

Asseverando o trabalho da artista, Rucker declara que Vó Mera trilha caminho similar ao de outras figuras nordestinas emblemáticas como as pernambucanas Lia de Itamaracá e Selma do Coco; as três despontam como símbolos de resistência. “Apesar da idade avançada, ela continua produzindo. A gente busca sempre agregar valores. Os

violinos, violoncelos, instrumentos que alguns vão achar ‘de elites’. E Vó Mera, com verve mais popular. Eu, particularmente, vejo tudo como expressões artísticas. A arte tem essa capacidade de juntar o que pode parecer improvável”, resume.

A Camerata Parahyba existe desde 2020 e é gerida pelo Instituto Cultural Pa-

raíba, organização civil composta por artistas, professores e entusiastas. É formado por 16 integrantes, à frente dos instrumentos de corda; eventualmente, eles contam com a participação de um percussionista.

“A boa base são jovens talentosos que estão terminando a faculdade e outros, mais experientes, com uma rodagem maior. Estão surgindo músicos de alto nível em nosso mercado. E a gente aproveita essas pessoas, para fazer um trabalho diferenciado”, assinala.



Foto: Edson Matos/Arquivo A União

Cancioneiro popular de Vó Mera foi adaptado para as cordas da Camerata: “Os arranjos estão sendo feitos em função dela”, conta o maestro

ONDE:

■ SALA JOSÉ SIQUEIRA (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho, João Pessoa).



Foto: Divulgação

Em Cartaz



Cinema

Programação de 26 de fevereiro a 4 de março, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, não haviam divulgado suas programações: o Cine Banguê, em João Pessoa; o Cinemaxxi Cida de Luz, em Guarabira, e o Cine Vieira, em São Bento.

ESTREIAS

ARCO (Arco). França/ EUA/ Reino Unido, 2025. Dir.: Ugo Bienvenu. Ficção científica/ animação. Garoto que viaja no tempo é ajudado por uma menina e voltar para sua época. 1h28. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 18h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 16h30.

É TEMPO DE AMORAS. Brasil, 2026. Dir.: Anahí Broges. Elenco: Rosamaria Murtinho, Analu Reis, Antonio Pitanga, Zezé Motta. Drama. Idosa foge de casa de repouso para encontrar um antigo amor e conhece uma menina com quem cria uma ligação afetiva. 1h52. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dom.: 19h. CENTERPLEX MAG 4: seg. a qua.: 18h.

EPIC – ELVIS PRESLEY IN CONCERT (Epic – Elvis Presley in Concert). Austrália/ EUA, 2026. Dir.: Baz Luhrmann. Documentário/ show. Registro de apresentações de Elvis Presley, com muitas imagens nunca vistas. 1h30. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 21h40. CENTERPLEX MAG 3: leg.: 16h30.

MANUAL PRÁTICO DA VINGANÇA LUCRATIVA (How to Make a Killing). Reino Unido/ França, 2026. Dir.: John Patton Ford. Elenco: Glen Powell, Margaret Qualley, Ed Harris. Comédia/ drama. Homem arquiteta plano de assassinato para herdar riqueza. 1h45. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 18h30, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 17h, 19h.

THE MOMENT (The Moment). Reino Unido/ EUA, 2026. Dir.: Aidan Zamiri. Elenco: Charli XCX, Francesca Faridany, Errol Barnett. Drama/ comédia. Estrela pop enfrenta complexidades da fama enquanto se prepara para grande show. 1h43. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: dom.: 20h45; seg. a qua.: 16h, 20h45.

PÂNICO 7 (Scream 7). EUA, 2026. Dir.: Kevin Williamson. Elenco: Neve Campbell, Courteney Cox, Isabel May, McKenna Grace,

David Arquette, Matthew Lillard. Suspense. Sidney Prescott enfrenta um novo assassino mascarado que surge pressequindo sua filha. 1h54. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 19h; leg.: 21h30. CENTERPLEX MAG 4: dub.: seg. a qua.: 15h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: leg.: 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 13h45, 16h45, 19h30, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 14h30, 17h15, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 13h30, 16h30, 19h15, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 14h, 16h45, 19h20; leg.: 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h30, 16h10, 18h50, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 18h45, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 14h30, 17h, 19h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h10, 17h20, 19h30. CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: 16h25, 18h35, 20h45. CINESERCLA PARTAGE 3: leg.: 21h. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 16h20, 18h45, 21h15.

PRÉ-ESTREIA

CARA DE UM, FOCINHO DE OUTRO (Hoppers). EUA, 2026. Dir.: Daniel Chong. Aventura/ animação. Pesquisadora usa máquina que transfere sua consciência para um castor robô, permitindo que ela interaja com animais e incite uma rebelião contra os humanos. 1h45. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: dom.: 14h, 16h20, 18h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: dom.: 13h30, 16h, 18h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: dom.: 14h, 16h30, 19h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: dom.: 13h30, 16h, 18h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: sdom.: 13h, 15h30, 18h. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: dom.: 14h30.

REAPRESENTAÇÃO

O DIÁRIO DE PILAR NA AMAZÔNIA. Brasil, 2026. Dir.: Eduardo Vaisman e Rodrigo Van Der Put. Elenco: Lina Flor, Sophia Ataíde, Babu Santana, Marcelo Adnet. Aventura/ infantil. Com uma rede mágica, menina viaja até a Amazônia e ajuda amiga ribeirinha a reconstruir sua comunidade. 1h30. 6 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: seg. a qua.: 14h, 16h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 13h30, 15h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): 13h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): 13h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: seg. a qua.: 13h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: seg. a qua.: 13h, 15h.

ESPECIAL

GHIBLI FEST. Longas do estúdio japones. **Dom.:** *Meu Amigo Totoro* (Centerplex MAG 2, 16h, dub., 1h29, livre); *O Serviço de Entregas da Kiki* (Cinépolis Manaira 8, 16h,

dub., 1h52, livre). **Seg.:** *Nausicaä do Vale do Vento* (Centerplex MAG 2 e Cinépolis Manaira 8, 19h, leg., 2h, 12 anos). **Ter.:** *Porco Rosso – O Último Herói Romântico* (Cinépolis Manaira 8, 19h, dub., 1h55, 14 anos); *Ponyo – Uma Amizade que Veio do Mar* (Centerplex MAG 2, 19h, dub., 1h44, livre). **Qua.:** *O Conto da Princesa Kaguya* (Centerplex MAG 2, 19h, leg., 2h17, livre).

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub. ou leg.: qui. a qua. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub. ou leg.: qui. a ter.

SÃO PAULO, SOCIEDADE ANÔNIMA. Brasil, 1965. Dir.: Luiz Sérgio Person. Elenco: Walmar Chagas, Eva Wilma, Otelo Zelsoni, Darlene Glória, Ana Esmeralda. Drama. Homem vive crise existencial enquanto lida com amores e a vida profissional em São Paulo. 1h47. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: ter.: 19h.

CONTINUAÇÃO

O AGENTE SECRETO. Brasil/ França/ Países Baixos/ Alemanha, 2025. Dir.: Kléber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Tânia Maria, Carlos Francisco, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Alice Carvalho, Udo Kier, Tomás Aquino, Buda Lira, Joáílsson Cunha, Suzy Lopes, Cely Farias. Drama. Em 1977, durante a ditadura militar, homem chega a Recife se escondendo de perseguidores. Indicado a 4 Oscars: filme, ator, filme internacional e produção de elenco. Prêmios de melhor direção e ator em Cannes. Vencedor de dois Globos de Ouro: ator/ drama e filme de língua não inglesa. 2h38. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dom.: 21h; seg. a qua.: 13h30, 17h15, 21h.

AVATAR – FOGO E CINZAS (Avatar – Fire and Ash). EUA, 2025. Dir.: James Cameron. Elenco: Sam Worthington, Zoe Saldana, Sigourney Weaver, Oona Chaplin, Kate Winslet. Ficção científica/ aventura. No planeta Pandora, família na’vi sofre perda e enfrenta tribo hostil. Indicado a 2 Oscars. 3h15. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: dom, seg. e qua.: 18h, 21h45; ter.: 21h45.

UM CABRA BOM DE BOLA (Goat). EUA/ Brasil/ Japão/ Singapura, 2026. Dir.: Tyree Dillihay. Aventura/ animação. Cabra recebe a oportunidade de jogar roarball, esporte dominado por animais rápidos e ferozes. 1h40. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 17h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 13h45, 16h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h, 16h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h30, 18h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 16h30. CINE GUEDES 3:

dub.: 3D: dom.: 14h30.

DAVI – NASCE UM REI (David). EUA, 2025. Dir.: Phil Cunningham e Brent Dawes. Aventura/ religioso/ animação. Pastor enfrenta gigante e se torna um rei. 1h49. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: dom.: 14h.

A EMPREGADA (The Housemaid). EUA, 2025. Dir.: Paul Feig. Elenco: Sidney Sweeney, Amanda Seyfried, Brandon Sklenar, Elizabeth Perkins. Suspense. Empregada doméstica trabalha para família rica, mas tanto ela quanto os patrões escondem segredos sombrios. 2h11. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 18h40, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: dom.: 21h; seg. a qua.: 18h, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 18h30.

HAMNET – A VIDA ANTES DE HAMLET (Hamnet). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Chloé Zhao. Elenco: Jessie Buckley, Paul Mescal, Emily Watson. Drama. Esposa de Shakespeare lida com a possibilidade da perda de um filho enquanto o marido tenta a carreira teatral em Londres. Indicado a 8 Oscars, incluindo melhor filme, direção e atriz. Vencedor de 2 Globos de Ouro: filme/ drama e atriz/ drama. 2h05. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 15h30.

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES (Wuthering Heights). Reino Unido/ EUA, 2026. Dir.: Emerald Fennell. Elenco: Margot Robbie, Jacob Elordi, Hong Chau. Romance/ drama. Casal vive uma paixão tumultuada e destrutiva. 2h16. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: dom.: 21h; seg. a qua.: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: dom.: 21h40; seg. a qua.: 18h45, 21h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 16h15, 19h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: dom.: 20h15; seg. a qua.: 17h15, 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 17h40, 20h20. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 21h.

ZOOTOPIA 2 (Zootopia 2). EUA, 2025. Dir.: Jared Bush e Byron Howard. Vozes na dublagem brasileira: Monica Iozzi, Rodrigo Lombardi, Danton Mello. Comédia/ aventura/ animação. Coelho e raposa policiais investigam o misterioso aparecimento de uma cobra em Zootopia. Indicado ao Oscar de filme de animação. 1h48. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 14h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: dom.: 15h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 15h35.

Teatro

HOJE

A SERVA PATROA. Ópera de Giovanni Pergolesi. Montagem da Cia. Atelier Musical e Curta Ópera PB.

João Pessoa: THEATRO SANTA ROZA (Praça Pedro Américo, s/n, Centro). Domingo, 1º/3, 19h. Entrada franca, ingressos reservados pela plataforma Sympla.

Música

HOJE

CAMERATA PARAHYBA E VÓ MERA E SUAS NETINHAS. Grupos se apresentam juntos em concerto popular.

João Pessoa: SALA JOSÉ SIQUEIRA (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho). Domingo, 1º/3, 17h. Ingressos: R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 + 1 kg de alimento (meia).

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Segunda, 2/3, 21h30. Ingressos: de R\$ 20 (meia/ 1º lote) a R\$ 50 (inteira/ 2º lote), antecipados na plataforma Shotgun.

Exposições

CONTINUAÇÃO

FESTIVAL INTERNACIONAL DE AQUARELA DE JOÃO PESSOA. Primeira edição do evento, com exposição coletiva.

João Pessoa: ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação de terça a sexta, das 9h às 17h30, e sábado e domingo, das 10h às 17h30, até 6 de março. Entrada franca.

LUPICÍNIO DANTAS. Artista mostra cerca de 30 obras na exposição *Pop em Jampa*.

João Pessoa: CASA DA POLVORA (Ladeira de São Francisco, nº 152, Centro). Visitação diária, de 9h às 17h, até 2/3. Entrada franca.

ELEIÇÕES NO EXTERIOR

Pleitos moldam realidades locais

Cerca de 1,5 bilhão de pessoas vão às urnas ao longo de 2026 e efeitos destas decisões atravessarão continentes

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com

Quando um eleitor deposita seu voto na urna em Bogotá (Colômbia), Washington (Estados Unidos) ou Lima (Peru), os efeitos dessas escolhas atravessam fronteiras e chegam ao Brasil. Em 2026, enquanto os brasileiros decidem os rumos do país, cidadãos de outras dezenas de nações também vão às urnas, em um movimento capaz de influenciar desde o preço dos alimentos até a solidez de democracias. Mais do que um calendário institucional, o chamado “superano eleitoral” funciona como um espelho: compreender o cenário internacional é, em grande medida, entender desafios que impactam diretamente a sociedade brasileira.

Conforme o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), mais de 60 países de todos os continentes têm eleições presidenciais, legislativas ou gerais previstas para acontecer ao longo de 2026. O processo mobiliza mais de 1,5 bilhão de eleitores em disputas marcadas por agendas de desenvolvimento, direitos sociais e estabilidade política. O calendário de pleitos estende-se até dezembro, reunindo realidades distintas: das eleições parlamentares na Eslovênia às gerais na Etiópia, passando por pleitos cruciais nas Américas, como Colômbia, Peru, Haiti e Estados Unidos.

Para o professor de Relações Internacionais Daniel Antiquera, acompanhar esse cenário é essencial para compreender impactos diretos sobre o Brasil. “Os maiores são referentes às eleições que ocorrem na América Latina e nos Estados Unidos. Países como Colômbia e Peru colocam em jogo tanto a estabilidade da região quanto a possibilidade de construção de processos de aproximação regional, reforçando a autonomia frente aos EUA”, elucida.

Tensão

A avaliação de que 2026 será um ano decisivo para o futuro das democracias também é compartilhada pelo cientista político Darcon Sousa. Segundo ele, as eleições ao redor do mundo refletem um embate estrutural que marca a política contemporânea.

“As eleições de 2026 expressam o embate que caracteriza a política no Ocidente neste início de século 21. A ascensão da extrema direita permanece como uma sombra que ameaça as democracias liberais e o Estado de Bem-Estar Social”, analisa.

Sousa observa que, embora existam sinais de resistência — como a recente vitória de forças progressistas em Portugal contra pautas xenófobas —, o movimento conservador radical segue articulado. “Na Europa, os socialistas em Portugal conseguiram derrotar agendas xenófobas e conservadoras. Ainda assim, os extremistas



Mais de 60 países devem realizar eleições gerais ou parlamentares neste ano, segundo projeção do TSE



Foto: Arquivo pessoal

A preocupação de quem está fora é enorme, principalmente quem ainda tem familiares no Haiti. O país atravessa uma das crises mais graves do século

Dimitry Dorcélli

continuam rondando o continente, em sintonia com os interesses de Donald Trump, que vê o modo de vida europeu como contrário à sua ideologia”, pontua.

Tabuleiro global

As eleições de meio de mandato nos Estados Unidos aparecem como um dos principais focos de atenção. Para Darcon Sousa, o pleito servirá como termômetro do apoio interno ao segundo governo Trump e terá repercussões globais. “Será o momento de aferir como a sociedade americana reage a um governo marcado por ataques à imprensa, violações de direitos humanos e desmonte de normas institucionais”, afirma.

O especialista ressalta que Brasil e EUA observam-se mutuamente em um cenário de tensão política e econômica. “Trump precisa de lideranças alinhadas às suas ambições políticas e comerciais

— e Lula não é essa pessoa. Por isso, é fundamental observar como o governo norte-americano se comportará em relação às eleições brasileiras”, avalia.

Segundo o cientista, o projeto do “trumpismo” ultrapassa fronteiras nacionais. “Há um esforço claro de sabotagem das organizações multilaterais, como a ONU, e de desregulação do comércio internacional para assegurar hegemonia econômica e política. O sucesso desse projeto gera pressão global por um retorno do conservadorismo cultural e econômico”, completa.

Comércio externo

No campo econômico, Daniel Antiquera destaca que o Brasil tem buscado reduzir vulnerabilidades externas por meio da diversificação de parceiros comerciais, mas alerta para os riscos do cenário internacional. “A política e a economia são dimensões centrais de nossas vidas cotidianas e de rumos para o futuro de nossa sociedade e das próximas gerações. E é impossível compreender bem o funcionamento e as tendências de ambas — política e economia — sem que se compreenda que elas são um fenômeno altamente internacionalizado. É uma ilusão achar que a política e a economia são exclusivamente nacionais”, sublinha.

De acordo com ele, os efeitos das eleições globais manifestam-se diretamente no cotidiano da população. “O que acontece no mundo nos afeta direta e cotidianamente, desde o preço dos alimentos, dos transportes, a disponibilidade de empregos, os custos e as condições de viagens e o acesso a bens de consumo até a tecnologia, [incluindo] também a manutenção da democra-

cia e o direito de participarmos ativamente das escolhas que definirão nosso futuro”, exemplifica.

Migração

Daniel Antiquera chama atenção, ainda, para os reflexos das eleições internacionais nas políticas migratórias. “O principal impacto que eleições podem ter dizem respeito à ascensão (ou manutenção) de governos de extrema direita — corrente política que tem, no mundo todo, o combate às imigrações como um de seus pilares fundamentais”, afirma.

Na visão do docente, as eleições norte-americanas são decisivas nesse aspecto. “Para o Brasil, as eleições-chave são as que acontecem no segundo semestre nos EUA, pois elas podem impulsionar ou dificultar a fúria e violência com que os EUA têm enfrentado imigrantes, sua política agressiva com relação ao resto do mundo, gerando conflitos e instabilidades e situações econômicas graves, que podem aumentar as ondas migratórias”, esclarece.

Vozes

A reportagem ouviu estrangeiros que vivem na Paraíba. A estudante cabo-verdiana Lara Almeida relata que, mesmo a cerca de 5.000 km de distância, mantém acompanhamento constante do processo eleitoral em Cabo Verde por meio de portais de notícias, redes sociais, canais oficiais e contato com familiares e outros estudantes. Ela explica que já realizou o recenseamento eleitoral e poderá votar diretamente do Brasil, tanto nas eleições legislativas, em maio, quanto nas presidenciais, em novembro, como permite a legislação do país africano.

“É possível votar aqui mesmo no Brasil. No dia 22 de janeiro, fiz meu recenseamento eleitoral em João Pessoa, com agentes enviados por Cabo Verde que percorrem estados brasileiros para atender a comunidade, especialmente estudantes. Isso facilita muito, porque nem todos conseguem se deslocar até um consulado”, diz.

Outra experiência é a de Carla Lazarotto, natural da Argentina e moradora do Brasil há cinco anos. Filha de mãe brasileira, ela possui dupla nacionalidade e segue atenta ao cenário político e econômico argentino. “Mesmo morando fora, sigo com atenção às eleições e a situação econômica. Tenho amigos lá e sei como as decisões políticas afetam o dia a dia deles. Acompanhar o que acontece é também uma forma de cuidado”, conta.

Já o haitiano Dimitry Dorcélli, que vive no Brasil há cerca de cinco anos, relata que as redes sociais tornaram-se o principal elo com a realidade do Haiti. Ele destaca também, a apreensão vivida pela diáspora haitiana diante da grave crise enfrentada pelo país, marcada pelo colapso institucional e pela

Compreender o cenário internacional ajuda, em grande medida, a entender desafios que impactam o Brasil

violência armada. “A preocupação de quem está fora é enorme, principalmente de quem ainda tem familiares no Haiti. O país atravessa uma das crises mais graves do século 21, com insegurança extrema, fome, deslocamento forçado e ausência de serviços básicos”, narra.

Sobre a participação política, ele aponta as dificuldades práticas para o exercício do voto no exterior. “Para votar, morando aqui em João Pessoa, é um pouco difícil, pois o processo só pode ser feito por meio do Consulado e o mais próximo fica em Brasília, o que dificulta a participação”, lamenta.

Saiba Mais

O que está em jogo em algumas eleições de 2026:

- Bangladesh — eleições legislativas sob reforço de segurança e observação internacional.
- Etiópia — eleições gerais em junho, com o partido dominante sob forte escrutínio.
- Haiti — eleições presidenciais e legislativas após sucessivos adiamentos.
- Estados Unidos — Renovação do Congresso em novembro, definindo a governabilidade de Trump.

Por que acompanhar:

- Impactos econômicos — decisões políticas moldam comércio, investimentos e cooperação internacional.
- Políticas migratórias — mudanças de governo alteram regras de mobilidade e acolhimento.
- Tendências ideológicas — disputas globais ajudam a compreender debates que também ecoam no Brasil.



Senadora Damares Alves (C) presidiu o debate, que reuniu especialistas, gestores públicos e pessoas com altas habilidades

EDUCAÇÃO PÚBLICA

Grupos pedem diagnóstico precoce para superdotados

Assunto foi tema de audiência promovida por comissões do Senado Federal

Da Redação
com Agência Senado

Capacitação de professores, desenvolvimento de projetos pedagógicos específicos e estímulo à identificação precoce foram algumas das principais reivindicações apresentadas em audiência pública sobre políticas para pessoas com superdotação e altas habilidades (SD/AH). O encontro foi promovido na última semana pelas comissões de Direitos Humanos (CDH) e de Educação (CE).

Especialistas, gestores e pessoas superdotadas e com altas habilidades denunciaram sofrer de isolamento, preconceito e agressões verbal, física ou psicológica (*bullying*) e pediram mais atenção do Poder Público com o tema. A audiência foi presidida pela senadora Damares Alves (Republicanos-DF), autora do requerimento. Essa foi a segunda rodada de discussão sobre o assunto.

Conforme os participantes, é fundamental o investimento em capacitação de professores. Esses profissionais, segundo os debatedores, são os grandes responsáveis por identificar crianças e jovens superdotados ou com altas habilidades. A iniciativa pode ampliar a rede de apoio de conscientização, para que as famílias busquem a certificação por meio de laudo e, dessa forma, tenham acesso às políticas públicas.

Representante do Conselho Brasileiro para Superdotação (ConBraSD), Denise Matos disse que a falta de ações efetivas de implementação de políticas públicas estruturantes leva à invisibilidade dessas pessoas, principalmente na educação. Ela defendeu parcerias entre setor público, instituições da sociedade civil e academia para que uma prática pedagógica planejada e específica possa ser aplicada a esse aluno especial.

“Nós temos estado em diálogo com as universidades, com os governos estaduais, para que haja um reconhecimento dessas pessoas. Nós precisamos tirar o superdotado dessa invisibilidade que o acomete, principalmente no espaço educacional”, frisou.

Subnotificação

Os especialistas advertiram, ainda, que a falta de políticas públicas acaba restringindo o diagnóstico precoce às famílias de alta renda.

Superdotada, mãe de superdotado e advogada de Direito Educacional de alunos com AH/SD, Vanessa Pavanini Mello criticou o atual sistema nacional de identificação deste público. Ela explicou que o modelo apoia-se em uma teoria engessada, que leva em consideração as habilidades superiores à média, a criatividade elevada e o alto engajamento com tarefas. No entanto, para a especialista, esse método exclui questões fundamentais como a saúde mental e o contexto educacional de falta de apoio ao estudante, principalmente quando ele pertence a uma família de baixa renda.

“Para combater a subnotificação, nós precisamos de um cadastro potente dos superdotados e também de uma avaliação, e que essa avaliação seja multiprofissional, de observação pedagógica, de laudos especializados externos. Que não haja valor legal para cada tipo de avaliação; que todas sirvam. Para que todos sejam encaixados, incluídos, atingidos”, reivindica.

Resposta

Representando o Ministério da Educação (MEC), a coordenadora-geral de Estruturação do Sistema Educacional Inclusivo, Olga de Freitas, afirmou que a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva tem como base a igualdade de oportunidades e a não discriminação.

Segundo ela, a iniciativa busca fortalecer a rede de Educação Especial por meio do apoio de observatórios e núcleos nos estados, responsáveis por capacitar gestores e professores e auxiliar na elaboração e distribuição de materiais didáticos.

Olga de Freitas explicou que o estudo de caso é o principal instrumento para orientar o atendimento educacional especializado, servindo de base para a elaboração do plano de atendimento educacional individualizado. O laudo médico e a avaliação psicossocial atuam como elementos complementares.

■ **Ao relatar isolamento social e preconceito, pessoas com altas habilidades cobram ações do Poder Público**

“O laudo médico é complementar, ele é bem-vindo. A avaliação psicossocial também é muito importante nesse contexto, mas é o estudo de caso que vai orientar a escola, a orientação do trabalho pedagógico. Ele deve ser realizado pelo professor da Educação Especial em parceria com o professor da escola comum, com a família e com o próprio estudante”, detalhou.

Pesquisas e dados

Para Carlos Eduardo Fonseca, diretor da Associação Mensa Internacional no Brasil — instituição criada para identificar e fomentar o desenvolvimento da inteligência humana em todo o mundo —, o Legislativo é a “chave” para que as pessoas que possuem superdotação ou altas habilidades sejam incluídas como prioridade nas políticas públicas.

Apesar de reconhecer o avanço do diagnóstico das pessoas com autismo, possibilitando maior entrada e aprimoramentos nesse ensino, ele considerou que não houve o mesmo salto no reconhecimento das pessoas com superdotação e altas habilidades.

“Quando eu falo de ausências nos números do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas [Inep], o que me chama muita atenção é que de todos os mais de cinco mil municípios brasileiros, a gente tem cerca de 2,9 mil municípios sem nenhum superdotado identificado. Quase mil municípios têm apenas um superdotado identificado. Ou seja, é um peixinho fora do aquário. Imagina o que é ser um superdotado único em uma sociedade? É sofrer *bullying*”, aponta.

Vulnerabilidades

Eduardo Sabino de Oliveira, que tem SD/AH, relatou que está, atualmente, afastado da escola após uma série de episódios de *bullying* e da falta de apoio escolar e de um projeto pedagógico específico que o atendesse. “Eu nunca fui capaz de socializar, em nove anos inserido em escola física. Eu enfrentei muito *bullying*, sempre recorri à coordenação, que nunca foi capaz de solucionar nenhuma das questões propostas por mim. Infelizmente, eu vim a adoecer, entrei em depressão, por falta de compreensão e entendimento — tanto por parte dos adultos e professores quanto por colegas”, desabafou.

Jovem poliglota com superdotação, Marjorie Nunes Naves destacou que o perfil de crianças superdotadas ou com altas habilidades cria uma espécie de vulnerabilidade social. De acordo com ela, muitas vezes, a criança sofre isolamento social por questionar demais e quase sempre é vista como uma pessoa irritante. Marjorie informou que teve pedido de aceleração escolar negada inúmeras vezes. Ela sugeriu a elaboração de uma plataforma que possa atender essas pessoas.

“Uma plataforma que pudesse, por exemplo, oferecer *e-book*, um plano de estudos personalizado, para que essas crianças não dependessem apenas da escola, mas também tivessem acesso a vídeoaulas, áudios, para complementar os conteúdos da escola. Isso seria muito importante para que essas crianças pudessem desenvolver seu potencial”, exemplificou.

“

Precisamos tirar o superdotado dessa invisibilidade que o acomete no espaço educacional

Denise Matos

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (33)

Registrar nos anais da barata meus agradecimentos aos caros e caras baratistas que me cumprimentaram por eu ter entrado na casa dos 70 com motor adaptado e carroceria reforçada, câmbio meia-boca e pneu careca.

Elogio é igual peruca: você sabe que é falso, mas é bom pra autoestima. Compadres e comadres foram escandalosamente bondosos comigo. Gratidão.

“Fábio Mozart é a maior criatividade radiofônica do Brasil hoje. Dá prazer escutar a Rádio Barata no Ar” (Bebé de Natércio).

“Todo mundo é comunista. Menos a China Comunista, que é capitalista!” (Sonsinho).

“Eleição é feito casamento: não importa sua escolha, você sempre se lasca de qualquer jeito” (atribuído a um tal de Pereba, primo de Ameba).

O Senhor é meu pastor e tudo me falta, mas tenho onde cair morto.

“Não compre jornais, minta você mesmo” (jornalistas durante greve da categoria em 2014).

Visto do Facebook, o ser humano não tem culpa de nada.

Hoje é dia de São Beda, coisa que ninguém sabia e esse *blog* comunica, graças à cultura de madame Preciosa. Digam aí, quem sabia que hoje era dia de São Beda? E alguém aí por acaso conhece o tal santo? Pois... Cultura é isso, saber o que ninguém sabe e arrotar importância.

“Fui verificar a minha prova de vida no aplicativo do INSS e, para minha grata surpresa, estou vivo” (Lau Siqueira).

Para os incultos, Beda, natural de Jarrow, Inglaterra, passou a vida estudando e ensinando, sabia todos os ramos da ciência conhecida naquele tempo. O santo era mestre em gramática, métrica, retórica, matemática, física, meteorologia, astronomia, música, poesia, hagiografia (biografia dos santos).

Pelo curriculum, São Beda só perde para nosso intelectual maior, o mestre Waldemar Solha.

“Esse sujeito maluco escreve no *blog* Toca do Leão coisas corriqueiras, mas com um gosto bom de feijão-verde com galinha torrada e manteiga de garrafa” (Eliane Aguiar).

“O mundo celebra festivamente o 70º aniversário do velho Fabinho. Sob os rigores dos anos, esse cabra não mais persiste no hábito de engolir mé de tubiba, mas se dá o direito de levantar um brinde em seu próprio louvor, ato de tamanho cabotinismo no fundo do copo, cheio de uma ‘etilica brasilidade’, no dizer do poeta Jessier Quirino” (João Mendonça de Jaguaribe).

Está escrito em algum lugar que o azul é medicamento de grande eficácia em casos de perturbações mentais, exaustão e esgotamento. Um dos facultativos que receitam o azul é o compadre Jessier Quirino, poeta conhecedor das bulas para curar males do mal humor em geral.

Eu sou um admirador do azul, menos no pastoril, onde meu partido sempre foi o encarnado. O azul, entretanto, sempre fez parte da terapêutica, ao alcance de quem alcança as nuances dessa cor.

O azul de ultramar, fiquei sabendo e meditando com cara de vácuo mental, foi reproduzido artificialmente pelo químico Guimet no século 19. Esse azul fundamental, intenso e luminoso era extraído originalmente do lapislázuli, uma pedra semipreciosa.

Tentei ler um livro, esbarrei no primeiro parágrafo: “Eu excogitava funâmbulos alambazados, qual bufão de escamel. Me deixaram acatálepico, perficientes na sonância e na disfônica”.

Columnista colaborador

AQUECIMENTO DO ATLÂNTICO

Fenômeno provoca clima extremo

Eventos como secas e tempestades estão relacionados à elevação da temperatura do mar em pontos da costa brasileira

Alex Rodrigues
Agência Brasil

O constante aumento da temperatura da superfície do Oceano Atlântico tem modificado o regime de chuvas no Brasil, contribuindo para a ocorrência de eventos climáticos extremos, como as fortes chuvas que atingiram o litoral paulista e regiões de Minas Gerais nos últimos dias.

Segundo o meteorologista Marcelo Seluchi, do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), o aquecimento das águas do Atlântico faz parte de uma tendência global, que afeta também a outros oceanos e que contribui para elevar a taxa de evaporação, lançando grandes volumes de vapor de água na atmosfera. “E aí temos um problema duplo. Porque, devido ao aquecimento global, a atmosfera também está mais quente e acaba por transformar em chuvas extremas toda a umidade que os ventos e, principalmente, as frentes frias, trazem do oceano”, explica Seluchi.

O meteorologista disse que, nos últimos dias, a temperatura média das águas oceânicas em alguns pontos junto à costa brasileira está

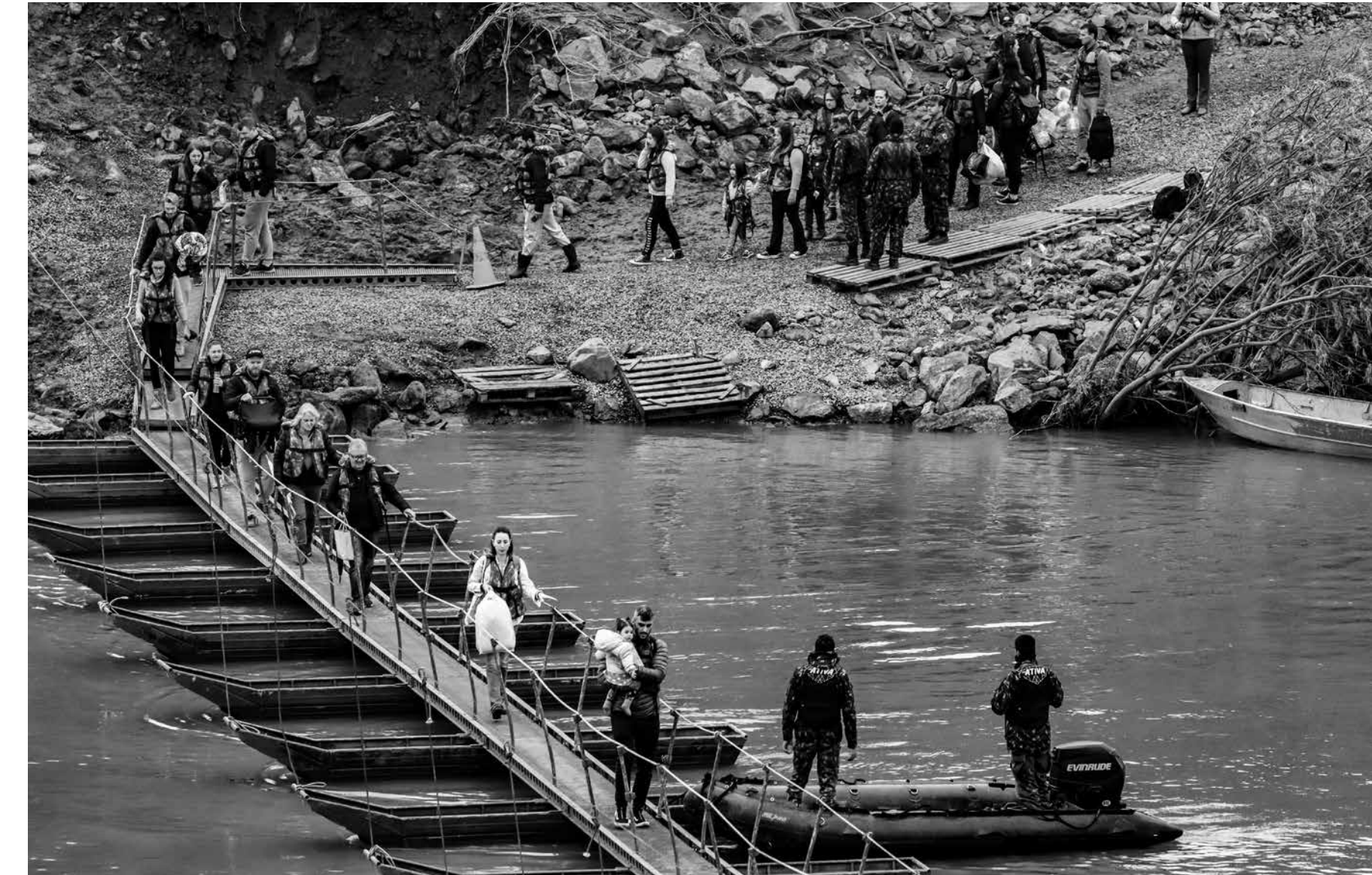


Foto: Rafa Neddermeyer/Agência Brasil

As chuvas que atingiram o Rio Grande do Sul, em 2024, provocaram enchentes como a registrada no Vale do Taquari, onde várias pessoas ficaram desalojadas

até 3 °C acima da média histórica do período. “Esse aumento é uma coisa de curto prazo, que pode ocorrer por diferentes fatores, como a força das correntes marítimas próximas à costa. O pon-

to crítico não é esse, mas sim o tamanho da área onde essa elevação da temperatura das águas acontece”, ressaltou o meteorologista, explicando que, quanto mais extensa a mancha de calor oceânico,

mais umidade será lançada na atmosfera. “Quando temos massas de ar vindas do oceano, especialmente as frentes frias que percorrem muitos quilômetros, o aporte de umidade é muito

maior. Consequentemente, em combinação com a atmosfera mais úmida, aumentam as chances de ocorrerem chuvas mais volumosas”, acrescentou Seluchi. Dados de monitoramento,

incluindo registros de satélite da Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos Estados Unidos (Noaa), apontam que a taxa de aquecimento dos oceanos acelerou nas últimas décadas.

Calor nos oceanos tem relação com o aumento de gases de efeito estufa

Um estudo publicado na edição de janeiro da revista Advances in Atmospheric Sciences aponta que, em 2025, o aquecimento global dos oceanos atingiu um novo recorde devido ao aumento das concentrações de gases de efeito estufa na atmosfera.

Doutora em Meteorologia, a professora do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo (I USP) Ilana Wainer reforça que “um milhão de

fontes sérias” indicam que a temperatura do planeta e, consequentemente, dos oceanos, está esquentando desde 1850. “E isso se acelerou principalmente a partir da década de 1980”, alerta Ilana, explicando que, com isso, podem surgir ondas de calor marinho localizadas e temporárias.

Ainda segundo a pesquisadora, em conjunto com outros fatores, esse efeito pode contribuir para a formação de eventos cli-

máticos extremos. “Mas as ondas de calor marinho [localizadas] ainda são um assunto relativamente novo. Ainda estamos entendendo como elas surgem, com que frequência e por quanto tempo duram. Mesmo assim, é possível afirmar com segurança que, isoladamente, elas não causam as chuvas intensas, embora, dependendo das condições, possam torná-las mais severas”, disse Ilana.

Regiões do país enfrentam excesso de chuva e períodos de estiagem

Ao mesmo tempo que algumas regiões do Brasil enfrentam as consequências de chuvas torrenciais, outras se veem às voltas com a estiagem e o risco de faltar água.

Segundo o meteorologista Marcelo Seluchi, isso acontece devido à distribuição irregular das chuvas. O que, em parte, pode ser explicado pela degradação ambiental. “Estamos vendo muitas chuvas em algumas regiões do Brasil, mas, em termos

gerais, está chovendo menos [do que habitualmente, em outras regiões]. Isso está acontecendo porque a umidade não vem só dos oceanos. Vem também da Amazônia, do interior do país, de regiões hoje desmatadas”, explica Seluchi, referindo-se ao fenômeno que especialistas batizaram de “rios voadores”, que são fluxos de vapor que têm origem na Floresta Amazônica e que são transportados pela atmosfera até outras regiões.

“Quando suprimos a vegetação nativa por áreas de pastagem, esse solo evapora menos. E disso decorre essa enorme irregularidade [na distribuição das chuvas]. Porque, dependendo da direção de onde os ventos estão soprando, podemos estar com uma fonte de umidade degradada, e aí se estabelece um círculo vicioso no qual chove pouco porque o solo está seco e o solo está seco porque chove pouco”, concluiu Seluchi.

Enchentes levam destruição e mortes para o Sul e o Sudeste

Da Redação
com agências

Os efeitos das chuvas torrenciais vêm sendo acompanhados, especialmente, em cidades do Sul e Sudeste do país, nos últimos anos. Na semana passada, por exemplo, temporais atingiram a Zona da Mata mineira, causando deslizamentos de terra e mais de 50 vítimas fatais nas cidades de Juiz de Fora e Ubá. Em Juiz de Fora, há três mil desabrigados e 400 desalojados. Já em Ubá, são 1,2 mil desalojados e 500 desabrigados, em dados atualizados até a quinta-feira (26).

Temporais também atingiram o município de Peruíbe, no litoral paulista, deixando quase 400 desabrigados. A cidade teve 234 milímetros (mm) de acumulados de chuva



Foto: Tomaz Silva/Agência Brasil

Em Minas Gerais, deslizamentos de terra, por conta das chuvas, fizeram mais de 50 vítimas

nos últimos três dias. Os eventos lembraram de outra tragédia ocorrida no Rio Grande do Sul, em 2024, que afetou mais de 2,3 milhões de pessoas ao atingir 471 municípios, o equivalente a quase 95% de todas as cidades gaúchas.

Consideradas a pior tragédia climática da história do estado, as fortes chuvas provocaram a morte de quase 200 pessoas.

Além das vítimas, os impactos também foram sentidos

na infraestrutura. Nos municípios gaúchos Lajeado e Arroio do Meio, no Vale do Taquari, depois que a enchente destruiu as duas pontes, pessoas precisaram usar uma passarela flutuante de alumínio, montada pelo Exército sobre o Rio Forqueta, que liga as duas cidades.

No auge das chuvas, cerca de 79 mil pessoas ficaram desabrigadas após terem suas casas levadas ou destruídas pela água.

Saiba Mais

■ No Brasil, de 1991 a 2024, desastres associados a chuvas provocaram a morte de, ao menos, 4.079 pessoas. Outras 10,5 milhões ficaram desalojadas ou desabrigadas. Os dados fazem parte do Atlas de Desastres, base nacional consolidada pelo Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional a partir de registros de estados e municípios.

295 VAGAS

Editais oferecem salários de R\$ 13 mil

Oportunidades estão distribuídas entre a Prefeitura de Monteiro, a Ufal e o IFCE, com vagas para vários níveis

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Março chega com um recado claro para quem busca a tão sonhada estabilidade no serviço público: é hora de ajustar o plano de estudos e focar na aprovação. Na Paraíba, a Prefeitura Municipal de Monteiro abriu 10 vagas para agentes de saúde e de combate às endemias, com o objetivo de reforçar a atenção básica no município. Já nos estados vizinhos, a Universidade Federal de Alagoas (Ufal) busca 11 profissionais especializados em Libras, enquanto o Instituto Federal do Ceará (IFCE) lançou um dos editais mais robustos do momento, com 274 vagas para professores e técnicos administrativos.

Saúde pública no Cariri
No interior da Paraíba, o edital da Prefeitura Municipal de Monteiro concentra 10 vagas efetivas para profissionais de nível médio, distribuídas entre os cargos de agente de combate às endemias e agente comunitário de saúde. A remuneração oferecida é de R\$ 3,2 mil para jornadas de 40 horas semanais, valor que chama atenção dentro da realidade local. As inscrições seguem abertas até 25 de março e devem ser realizadas, exclusivamente, pela *internet*, no *site* da Ápice Consultoria, com taxa de R\$ 80. Sobre a avaliação, a seleção começa com a aplicação de prova objetiva para todos os candidatos, em 26 de abril. Em seguida, os classificados passarão



Em Monteiro, as vagas são os cargos de agente de combate às endemias e agente comunitário de saúde. No Ceará, são para professor e para técnicos-administrativos

por prova de títulos e curso de formação obrigatório. No caso do cargo de agente comunitário de saúde, é exigida comprovação de residência na área de atuação, um critério que, segundo o edital, reforça o vínculo direto do profissional com a comunidade atendida. Todas as etapas serão realizadas no próprio município de Monteiro.

Inclusão no ensino federal
A Universidade Federal de Alagoas abriu um novo processo seletivo simplificado com 11 vagas para o cargo de técnico especializado em Libras. As oportunidades estão distribuídas entre os *campi* A.C. Simões, Arapiraca e Sertão, com reservas para pessoas com deficiência e candidatos

pretos ou pardos, além de cadastro para indígenas e quilombolas. De acordo com o edital, a remuneração inicial é de R\$ 5,2 mil para uma carga horária de 40 horas semanais. Para participar, é necessário efetuar a inscrição no *site* do Núcleo Executivo de Processos Seletivos (Copeve) da Ufal até 19 de março, mediante pagamento de taxa no valor de R\$ 120. O processo seletivo inclui prova de títulos e prova prática presencial, a serem realizadas do dia 6 ao dia 14 de abril, em Maceió. Mas, diferentemente de um concurso tradicional, trata-se, aqui, de contratação temporária, com vigência inicial de até 12 meses, prorrogável conforme a necessidade da instituição.

■ O regime, no IFCE, é de dedicação exclusiva, com salários que podem ultrapassar R\$ 13 mil, conforme a titulação

■ São 274 oportunidades no total: 169 para professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico e 105 para técnicos administrativos em Educação, abrangendo níveis médio, técnico e superior. No caso de docentes, o regime de contratação é de dedicação exclusiva, com salários que variam de R\$ 6,1 mil a R\$ 13,2 mil, conforme a titulação. Já para técnicos administrativos, a remuneração proposta parte de R\$ 2,4 mil e pode chegar a R\$ 4,9 mil, além de auxílio-alimentação de R\$ 1,1 mil e outros benefícios previstos em lei. Quem pretende disputar uma das vagas tem até o dia 20 de março para efetuar a inscrição pelo *site* do Instituto AOCF. A taxa cobrada é de R\$ 150 para cargos de nível superior e varia de R\$ 100 a R\$ 120 para funções de níveis médio e técnico. No caso dos professores, a seleção inclui prova objetiva, prova de desempenho didático-pedagógico e avaliação de títulos, com aplicação prevista para 26 de abril a 7 de junho. Já os técnicos administrativos farão uma prova objetiva no dia 3 de maio, de caráter eliminatório e classificatório. As etapas ocorrerão nas cidades de Fortaleza, Sobral e Juazeiro do Norte.

Editais amplos no Ceará
Já o maior volume de vagas desta semana está no Instituto Federal do Ceará.



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Monteiro



Use o QR Code para acessar o edital do IFCE



Use o QR Code para acessar o edital da Ufal

Carreira artística exige estudo, reinvenção e resistência

Para muita gente, teatro é sinônimo de aplausos. Mas quem escolhe essa profissão descobre cedo que o palco é apenas uma das possibilidades de uma carreira que pode desdobrar-se na docência, pesquisa, produção cultural e até em projetos sociais. São caminhos que nem sempre aparecem sob os holofotes, mas que sustentam o dia a dia de um profissional que precisa combinar sensibilidade artística com estudo permanente. Não à toa, construir essa trajetória exige disciplina e disposição para enfrentar não apenas os “perrengues” do mercado, mas, sobretudo, os desafios estruturais que ainda marcam a área. Quem conhece bem essa realidade é a doutora em Artes Cênicas Nyka Barros.

“Eu brincava de encenar desde criança”, conta a multiartista paraibana, destacando que nunca deixou de “ser atriz”. A frase não é uma simples memória distante, e sim o ponto de partida de uma trajetória que se desenrolou de forma muito natural. Ainda em Campina Grande, a pequena Nyka já improvisava cenas, mas foi em João Pessoa, aos 11 anos, que passou a transformar as festas



Nyka trabalha com oratória e desenvolvimento humano

do bairro em pequenos espetáculos, coreografando músicas e criando apresentações. Pouco depois, já estreava no Theatro Santa Roza. “E, desde esse momento, eu senti que

eu queria fazer aquilo a minha vida toda”, afirma. O que começou como brincadeira foi ganhando disciplina, estudo e responsabilidade, até se tornar projeto de vida.

Além dos holofotes
Se o imaginário popular associa teatro ao palco iluminado, a própria Nyka amplia esse horizonte. “Dá para trabalhar com publicidade, dublagem e até gravação de histórias”, afirma, ao detalhar um campo que vai muito além da atuação. Segundo ela, é possível transitar por diferentes setores, do cinema à televisão, passando pela publicidade, dublagem, gravação em estúdio, contação de histórias, formação de professores, entre outras vertentes. No caso dela, a artista trabalha com oratória, comunicação e desenvolvimento humano, inclusive com públicos que não pretendem seguir na arte. São funções que, como ela bem lembra, exigem técnica, preparo vocal, estudo constante e capacidade de adaptação a um mercado marcado por trabalhos pontuais, o que torna a estabilidade um desafio permanente.

Diante desse cenário, a sala de aula surge como um território possível de permanência e expansão. Nyka atua tanto no ensino formal quanto em oficinas e cursos livres, encarando a docência como um desdobramento natural do fazer artístico.

co. Muitos alunos, como ela bem aponta, não buscam o teatro para seguir carreira, mas para melhorar a oratória ou vencer a timidez. Nesse contexto, ela enxerga a arte como um instrumento genuíno de formação humana. Trabalhar corpo, voz e emoção significa fortalecer empatia, pertencimento e consciência coletiva, competências que atravessam qualquer profissão. “A arte é fundamental na formação de qualquer pessoa, uma formação cidadã e ética”, pontua.

Desafios estruturais
Apesar dessa potência, a área ainda enfrenta desafios estruturais. Nyka argumenta que a desvalorização ainda faz parte do cotidiano, seja pela carga horária reduzida nas escolas, seja pelo desconhecimento sobre a formação acadêmica em artes cênicas. “Sou doutora em Artes Cênicas e, muitas vezes, encontro pessoas que ficam surpresas com isso”, relata. A afirmação revela um campo que ainda luta por reconhecimento e melhores condições de trabalho. “Isso faz com que a gente receba menos, tenha dificuldade de lutar por salários melhores, dignidade e seguran-

ça trabalhista”, complementa. Para Nyka, defender o teatro é defender, também, a construção de sujeitos críticos, capazes de refletir sobre o mundo e transformá-lo.

Construir uma carreira nas artes cênicas, portanto, exige mais do que talento. É indispensável, segundo ela, entender-se como artista e pesquisadora em movimento. Estudar, experimentar, frequentar ensaios, ampliar referências e manter-se em laboratório permanente são partes cruciais desse processo. Entre prática e teoria, encantamento e rigor acadêmico, o teatro alimenta-se da reinvenção contínua — e é nesse equilíbrio que Nyka constrói sua trajetória.

Oportunidade no Ceará
Esse caminho também encontra espaço no serviço público. O concurso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará contempla vagas tanto para Teatro quanto para Atuação Cênica no cargo de professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, exigindo formação específica na área. O regime é de dedicação exclusiva, com salários que podem ultrapassar R\$ 13 mil, conforme a titulação.

Selic Fixado em 28 de janeiro de 2026 15%	Salário mínimo R\$ 1.621	Dólar \$ Comercial -0,10% R\$ 5,134	Euro € Comercial +0,1% R\$ 6,069	Libra £ Esterlina -0,28% R\$ 6,914	Inflação IPCA do IBGE (em %) Janeiro/2026 0,33 Dezembro/2025 0,33 Novembro/2025 0,18 Outubro/2025 0,09 Setembro/2025 0,48	Ibovespa 188.786,98 pt -0,16%
---	---	--	---	---	--	--

CONFEITARIA DE RUA

Venda de bolos em espaços públicos é febre na capital

Empreendedores paraibanos transformam fatias em principal fonte de renda

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Para testar o autocontrole de quem se exercita na praia ou caminha pelas praças de João Pessoa, bancas com bolos recheados ocupam esses espaços com cores irresistíveis. Cobertos por caldas brilhantes e exibindo uma variedade que nada deve às vitrines das melhores confeitarias, eles transformam cada ponto de venda em um convite ao prazer.

Multiplicadas nos últimos anos, essas bancas carregam mais do que doces tentações: quase sempre trazem a história de esperança de uma mulher que sustenta a família e encontra no próprio talento a força para empreender e construir novos caminhos. Uma dessas mulheres que fazem qualquer corrida pela orla de Tambaú ser algo muito tentador é Emília Bernardina da Conceição, de 51 anos.

Há cinco meses, e por três dias a cada semana, especialmente às sextas e sábados, quando o movimento cresce e os turistas se multiplicam, ela finca a sua banca com uma seleção de tortas que tem a cara dessa nova febre culinária na capital: bolo-pudim, surpresa de uva, matilda, bolo de noiva, *red velvet*, dois amores, ninho com Nutella, oreo, prestígio e Ferreiro Rocher.

“Esse sucesso veio depois da pandemia e se tornou coqueluche. Todo mundo procurando, todo mundo querendo. Foi um leque de oportunidades para pessoas que querem empreender”, conta a comerciante. Moradora nos Bancários, ela carrega no avental mais de três décadas de cozinha. Cozinheira industrial de formação, forjada no calor do fogão e na rotina puxada de restaurantes, ela reinventou a própria trajetória durante a pandemia.

Dos almoços feitos em casa aos salgados que garantiram renda em tempos difíceis, Emília encontrou nas tortas e nos bolos de fatia um novo ponto de partida. O crescimento desse tipo de mercado tem dois marcadores importantes na linha do tempo. O primeiro citado



Na hora da compra, cada cliente pode personalizar sua fatia, acrescentando mais calda

por Emília é a pandemia. O segundo são os festivais de fatias que se transformaram em um evento concorrido na cidade.

E Emília entendeu rápido a força daquele cenário. “Você vende a beleza daqui. Tem produtos que visualmente atraem o cliente”. A produção dela começa quando muita gente já encerrou o dia. “Eu já termino hoje começando amanhã. Chego em casa por volta das 10 horas da noite e já dou continuação para a produção do outro dia. Aí amanhã consigo terminar para vir novamente”, detalha.

Com três anos dedicados profissionalmente às tortas e aos bolos, Emília buscou capacitação: fez cursos presenciais e *on-line*, estudou técnicas, aprendeu receitas. Para ela, o maior desafio não é apenas vender, mas cultivar clientes. As vendas *on-line* estão ativas em plataformas digitais. Mas, segundo ela, nada supera o contato direto no calçadão da praia. “O maior desafio é você ter sempre clientes. Todo dia tem pessoas diferentes avaliando o seu produto. E o principal é que eles estão presentes, dando *feedback* positivo. Isso é maravilhoso”.

Negócio familiar

A menos de 150 m da banca de Dona Emília, outra família escreve a própria história com açúcar, camadas generosas de recheio e cobertura caprichada. Mas, dessa vez, a mulher que dá nome ao comércio não está

presente. Na Sianne Tortas, seu marido Joelson é quem fica responsável pelas vendas enquanto a mulher segue produzindo em casa e recebendo os pedidos de encomenda *on-line*. O negócio, que vai completar 13 anos, nasceu de um impulso pequeno no valor e grande na fé religiosa.

“No momento mais difícil da nossa vida, minha esposa colocou 35 reais e começou vendendo bolo de pote em nossa casa. A partir de então ela continuou fazendo bolo e foi crescendo, crescendo e, hoje, a gente está com a nossa empresa, graças a Deus”, conta Joelson. Morador de Cruz das Armas, ele trabalhou a vida toda como vendedor de peças de carro. A confeitaria entrou na vida da família como alternativa financeira e acabou tornando-se a renda principal que sustenta a todos em casa.

A rotina por ali é quase diária. Com exceção de domingo e segunda, que são reservados para compra de insumos, a família ocupa o ponto à beira-mar a partir da terça-feira. “A gente só trabalha com produto de primeira. Para dar um produto de primeira ao nosso cliente. Se não for assim, não tem que entrar no comércio”, defende.

O trabalho é dividido entre todos. Joelson cuida das compras e do financeiro; a esposa, Sianne Vieira, comanda a produção e põe a mão na massa. Os três filhos também estão próximos e há ainda uma funcionária

contratada, sinal de que o empreendimento familiar começa a dar novos passos. A confeitaria reorganizou a própria dinâmica familiar. “Dentro do nosso lar, mudou muita coisa. A gente se uniu mais. Eu deixei o ramo que eu estava e me ajuntei mais com a minha família. Com a união, a gente cresce. O nosso sucesso é isso. É a nossa união, a nossa família”, diz o vendedor.

Na vitrine, as fatias altas e recheadas seguem a estética que virou marca da nova confeitaria de rua: camadas fartas, coberturas escorrendo, confeitos que brilham ao sol do fim de tarde. Joelson define o formato como um *“delivery feito na hora”*: o cliente escolhe, aponta, pede um acréscimo, e a fatia é montada ali, diante dos olhos. As redes sociais também trabalham em paralelo.

Se Emília fala do desafio de cultivar clientes, Joelson prefere falar de oportunidade. “Eu não acho dificuldade. O sol nasceu para todos. Todos têm que vender, todos têm que trabalhar. Eu sei a qualidade do serviço que a gente coloca no mercado”, afirma. É dessa forma que ele já projeta o futuro. “Eu pretendo ser um grande empreendedor. Pretendo ensinar pessoas que têm esse amor pela confeitaria. Que aprendam e depois sigam o destino delas”, sonha ele.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

O combustível da gestão – a eficiência além das bombas

O ato de encostar o carro em um posto de combustível em João Pessoa tornou-se, para muitos, um momento de tensão aritmética. Entre o visor da bomba e o saldo da conta, o cidadão comum e o empreendedor travam uma batalha diária contra a volatilidade dos preços. No entanto, como economista, observo que a verdadeira economia não reside apenas no valor do litro, mas na profundidade da estratégia adotada. O combustível, antes visto apenas como um insumo de locomoção, hoje deve ser encarado como um “indicador de eficiência de gestão”, seja no orçamento doméstico ou no fluxo de caixa empresarial.

Para o cidadão, o consumo é uma extensão do seu modo de vida. A escolha entre álcool, gasolina ou GNV não é meramente técnica, mas uma decisão de alocação de recursos. A regra clássica dos 70% na relação de rendimento entre o etanol e o derivado de petróleo ainda é a bússola mais segura, mas ela ganha contornos de inteligência quando aliada à tecnologia. O uso de ferramentas de pesquisa de preços e o aproveitamento de programas de fidelidade não são “pão-durismo”, são comportamentos de um consumidor consciente que entende que a economia invisível — aquela que se perde em pneus descalibrados ou rotas mal planejadas — é o que drena o patrimônio ao longo de um ano.

O impacto é ainda mais profundo para quem faz do asfalto o seu escritório. Motoristas por aplicativos, taxistas e gestores de frotas logísticas enfrentam o combustível como um dos seus maiores custos operacionais. Para esses profissionais, o GNV surge como uma alternativa de sobrevivência,

desde que o investimento inicial seja diluído em uma alta quilometragem mensal. O conselho fundamental aqui é a transição da “direção por impulso” para a “direção por dados”. Um motorista que ignora a manutenção preventiva ou que não planeja suas corridas para evitar o “rodar vazio” está, literalmente, queimando lucro. No caixa de uma empresa de transportes, uma redução de apenas 5% no consumo médio da frota pode significar o fôlego necessário para novos investimentos ou para a manutenção de empregos.

Além do aspecto individual, precisamos falar sobre a consciência do consumo. O comportamento do motorista reflete a saúde econômica da cidade. Quando otimizamos nossos trajetos, diminuimos não apenas nossos custos, mas também o impacto ambiental e o estresse urbano. O segredo para vencer a barreira dos preços altos não está em esperar uma queda milagrosa nas cotações internacionais, mas em assumir o controle do que está ao nosso alcance: o pé no pedal, a pesquisa na palma da mão e a disciplina financeira. No fim do dia, a economia que realmente transforma a vida das pessoas é aquela que sobra após a consciência vencer o hábito. Tratar o tanque de combustível com o mesmo rigor que tratamos uma planilha de investimentos é o primeiro passo para uma vida financeira mais sustentável e uma cidade mais produtiva.



Tortas recheadas e coberturas irresistíveis são tentação para quem caminha pela orla

O maior desafio é você ter sempre clientes. Todo dia tem pessoas diferentes avaliando o seu produto

Emília Bernardina

Foto: Divulgação/Secom-CE



Ferrovias Transnordestina é vetor de desenvolvimento regional, conectando cidades do Sertão nordestino às principais rotas de exportação do país

NO CEARÁ

Transnordestina vai reduzir custos

Integração ferroviária aos portos de Pecém e Suape reduz gargalos logísticos e eleva a competitividade regional

Agência Gov

Associações produtivas da Região Metropolitana do Cariri, no sul do Ceará, têm diversidade produtiva e conhecimento técnico, mas enfrentam o desafio de viabilizar operações comerciais sustentáveis diante dos altos custos logísticos. A distância em relação aos grandes centros comerciais de Fortaleza e Recife acarreta perda de competitividade para os produtores do centro-sul, em comparação aos do norte do

estado. Em um cenário de busca por novos mercados consumidores, a Ferrovia Transnordestina é um fator decisivo para otimizar o escoamento da produção aos portos de Pecém (CE) e Suape (PE). Essa realidade é sentida de perto pela Associação dos Produtores de Algodão do Estado do Ceará (Apaece). Fundada em 2020, a entidade trabalha com o cultivo e o beneficiamento da fibra, contando com cerca de mil hectares plantados, divididos entre 10

sócios em cidades como Missão Velha, Barbalha, Brejo Santo, Mauriti, Abaíara, Milagres e Porteirais. Segundo o tesoureiro e cofundador da instituição, Cícero Gonçalves, a dependência exclusiva do modal rodoviário chega a triplicar os custos operacionais devido ao valor do frete. “Para comprar 100 mil kg de adubo, por exemplo, podemos ter até três cobranças diferentes de frete. Compramos muitos produtos que vêm do oeste da Bahia e, às vezes, recebemos produtos de

fora que chegam pelo porto de Suape, em Pernambuco. A questão logística atrapalha muito”, explica Gonçalves. **Inovação no campo** Uma das principais áreas de plantio da Apaece está em Missão Velha, cidade onde a Transnordestina Logística S.A. (TLSA) planeja instalar um terminal de cargas. A proximidade é estratégica: “Principalmente para nós que trabalhamos com a agricultura, isso traz viabilidade

de de escoação da produção”, antecipa o tesoureiro da associação, explicando que, para ser economicamente viável, a cultura do algodão exige comercialização em larga escala. “Mil hectares plantados geram, em média, dois milhões e meio de quilos de algodão. Para cada 100 kg de algodão em rama, são 40% de pluma e 60% de caroço. O preço do quilo do caroço é R\$ 1,70 aqui na região, e a pluma está em torno de R\$ 9 por quilo”, detalha Gonçalves.

Gargalo

Dependência de rodovias triplica os custos operacionais dos produtores de algodão, exigindo uma produção em larga escala para que seja economicamente viável

Cooperativismo atua para acelerar o desenvolvimento do Cariri

Mesmo com alto potencial, o sertão do Cariri ainda busca atingir sua plena maturidade econômica. Para acelerar esse processo, a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) e o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) — entidades que compõem o Sistema OCB — começou a fortalecer parcerias com as instituições financeiras e de extensão rural do Cariri. Em meados de maio de 2025, o analista de Desenvolvimento de Cooperativas do Sistema OCB Lucas Bonfim passou a liderar o novo escritório da instituição em Juazeiro do Norte. Ele explica que a OCB realiza oficinas de consultoria sobre cooperativismo, conectando cooperativas locais já constituídas e produtores rurais que, ainda de maneira informal, estabelecem dinâmicas coletivas de comercialização e compra de insumos. “O nosso objetivo é orientá-los sobre o cooperativismo para que possam trabalhar de maneira orga-

nizada. É através dessa formalização que eles vão ter acesso a políticas públicas, crédito, assistência técnica de qualidade e novos mercados”, ressalta Bonfim. Até o momento, a organização tem trabalhado com produtores dos segmentos da apicultura, pecuária de leite, hortifrutinizada. “Os produtores daqui têm uma vasta variedade de orgânicos e esse tem sido um segmento muito exigido nos mercados europeu e americano”

Lucas Bonfim

granjeiro, mandiocultura, bovinocultura e cotonicultura. A articulação dará origem à cooperativa de agroindústrias do Cariri, que reunirá empreendedores de diferentes localidades para somar esforços e adquirir matérias-primas em larga escala, barateando os custos de produção para todos. O tesoureiro da Apaece diz que a associação está contribuindo para essa iniciativa. “A Apaece tem caroços e plumas de algodão para serem vendidos por tonelada, e está dando apoio para a criação da cooperativa, porque queremos comprar insumos em associação e comercializar para as indústrias têxteis”, destaca Gonçalves. **Potencial** O analista do Sistema OCB considera ampliar o contato com a operadora da Transnordestina para viabilizar o acesso a novos mercados. “A ferrovia traz essa possibilidade de fortalecer cada vez mais as cooperativas, dando acesso a

novos mercados”, pontua Bonfim. Tendo em vista a conexão do sertão do Cariri com o Porto do Pecém, o analista do Sistema OCB aponta que o setor de orgânicos é o de maior potencial na região para conquistar mercados internacionais. “Os produtores daqui têm uma vasta variedade de orgânicos, principalmente de tomate e batata, e esse tem sido um segmento muito exigido nos mercados europeu e americano”, diz. Essa perspectiva é ainda mais interessante para pequenos produtores cooperados, que terão a possibilidade de contratar juntos vagões de carga da Transnordestina. Como a ferrovia opera com um modelo de contratação sob demanda, as cooperativas podem ser atendidas mesmo se precisarem de um único vagão. Isso facilita tanto a compra de insumos quanto o escoamento da produção, consolida parcerias e abre caminho para o crescimento econômico e social do Cariri.

Obras geram mais de 3,5 mil empregos

Por meio do Fundo de Desenvolvimento de Nordeste (FDNE), o Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional (MIDR) contribui fortemente para o avanço da Transnordestina. O secretário nacional de Fundos e Instrumentos Financeiros, Eduardo Tavares, ressalta o impacto regional das obras da ferrovia. “100% dos lotes que chegam até o Porto do Pecém estão contratados. São mais de 3.500 trabalhadores, hoje, na ferrovia, e alcançamos mais de R\$ 120 milhões sendo executados mensalmente em obras”, afirma. A Transnordestina tem extensão total de 1.206 km, e registra 80% de avanço físico. Atualmente, os oito lotes remanescentes estão contratados. Após a autorização da Agência Nacional de Transportes Terres-

tres (ANTT) e a concessão da licença de operação pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), os trens de carga da ferrovia começaram a circular de forma experimental. Está liberado um trecho de, aproximadamente, 679 km, entre os municípios de São Miguel do Fidalgo (PI) e Acopiara (CE), passando por Salgueiro (PE).

Via terá extensão total de 1.206 km e registra 80% de execução. Trecho de 679 km já está liberado

CONEXÕES INTERNACIONAIS

Paraíba sem Fronteiras leva servidores à Escócia

Proposta foi ampliar os repertórios e fortalecer a formação de gestores

Iluska Cavalcante
Ascom Secties

Projetos que nasceram na rotina do serviço público paraibano cruzaram o Atlântico para adquirir novas estratégias de inovação. Selecionados pelo Programa Paraíba sem Fronteiras, servidores do Estado levaram à Escócia iniciativas com temas importantes, a exemplo da comunicação pública, transparência e educação midiática, e retornaram com metodologias, conexões internacionais e o desafio de transformar o aprendizado adquirido em políticas públicas práticas.

Ao todo, oito servidores foram contemplados pelo edital do Programa Paraíba sem Fronteiras, iniciativa do Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), com apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq). Selecionados a partir de projetos que devem ser desenvolvidos nas instituições onde atuam, eles participaram da primeira edição do Curso de Capacitação para Gestão de Políticas Públicas de Inovação, realizado no City of Glasgow College, na Escócia.

A proposta foi ampliar repertórios, fortalecer a formação de gestores públicos e conectar experiências locais ao ecossistema internacional de inovação, com o objetivo central de colocar o aprendizado em prática. “Quando o governo investe na formação internacional dos nossos servidores, estamos investindo na capacidade do próprio Estado de inovar. A ideia não é apenas oferecer uma experiência no exterior, mas fortalecer projetos que já nascem dentro das instituições e criar condições para que esse conhecimento retorne em forma de políticas públicas mais eficientes e conectadas com a sociedade”, explicou o secretário da Secties, Claudio Furtado.

Esse é o caso de Juliana Marques. Filha de um carteiro e de uma professora, a jornalista e servidora da Universidade Estadual da Paraíba



Oito funcionários foram contemplados nessa iniciativa do Governo do Estado e da Secties

(UEPB) viu na oportunidade a realização de um sonho. “Eu sempre sonhei em fazer um intercâmbio, mas achava que não seria possível por causa dos custos. Quando surgiu a oportunidade pelo Paraíba sem Fronteiras, vi que poderia ampliar minha formação, ter contato com outras vivências e olhar para o nosso trabalho em inovação a partir de novas perspectivas”.

Seu projeto já tinha foco no combate à desinformação e na formação de servidores públicos em educação midiática, mas a experiência na Escócia ampliou a sua pesquisa. Agora, a perspectiva é internacionalizar parcerias e incorporar metodologias utilizadas por instituições europeias e norte-americanas.

Ela destaca que a vivência reforçou não apenas habilidades técnicas, mas também a confiança para atuar em um cenário globalizado, inclusive utilizando o inglês como ferramenta de trabalho. “A formação em Glasgow foi muito além do que eu imaginava. Trouxe um empoderamento pessoal e profissional enorme. Percebi que nós, servidores públicos paraibanos, não estamos aquém de nenhuma instituição internacional”, comentou.

Com mais de três décadas de atuação no serviço público, Eudes Moacir Toscano, servidor na Controladoria Geral do Estado (CGE), encarou a experiência como um reconhecimento à trajetória profissional. “Mais do que para o projeto individual de cada

um de nós que fomos para Glasgow, o mais interessante seria trazer essa filosofia para implantar dentro do governo, dentro do serviço público”, afirma.

Seu trabalho está ligado à política de transparência e à modernização digital do Estado. Durante o intercâmbio, ele aprofundou estratégias para ampliar a participação social e fortalecer processos de transparência pública.

Ao retornar, já iniciou conversas com conselhos e grupos técnicos para implementar ideias discutidas durante a formação, incluindo novas estratégias de engajamento cidadão. Para ele, o impacto do programa pode influenciar metodologias de gestão e estimular outros servidores a desenvolver projetos alinhados às estratégias do governo. “Foi uma experiência muito relevante, porque nos apresentou formas diferentes de pensar a gestão da inovação. A todo momento, eu fico refletindo sobre como adaptar essas ideias à realidade do serviço público paraibano, buscando fortalecer ações já existentes e ampliar o engajamento da sociedade nas políticas de transparência”.

Já na Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), Artur Mendes vinha liderando a criação de um núcleo de inovação antes mesmo da viagem. O edital apareceu como uma oportunidade para aprofundar conhecimentos e estruturar iniciativas que ainda estavam em fase de experimentação. “Foi uma imersão

intensa. Voltei com metodologias que ajudam não só em projetos de inovação, mas na organização do trabalho e na construção de indicadores e estratégias”, explica.

Seu projeto envolve o desenvolvimento de uma nova mídia para ampliar o acesso à informação pública, utilizando telas digitais em espaços de atendimento ao cidadão. A ideia é democratizar conteúdos produzidos pela comunicação pública, aproximando serviços e informações da população.

Além do aprendizado técnico, ele destaca a importância da troca entre os próprios servidores paraibanos participantes. “Também foi muito enriquecedor conviver com colegas de diferentes instituições do Estado. A gente percebe afinidades, desafios parecidos e constrói conexões que podem fortalecer o serviço público paraibano como um todo”.

O novo passo agora é colocar tudo isso em prática em suas respectivas instituições públicas. A equipe do Programa PBsF acompanhou esses servidores da ida à Escócia até o retorno para a Paraíba, por meio de mentorias para o andamento dos projetos. “As mentorias são fundamentais porque mantêm os projetos em evolução mesmo após o retorno dos servidores. Agora entramos em uma fase importante, que é transformar esse conhecimento em soluções reais para o serviço público”, concluiu o secretário Claudio Furtado.

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

Entre o Sertão e a Europa: uma política de conhecimento

Escrevo esta coluna a partir de uma agenda internacional que, a meu ver, resume bem o momento que a Paraíba vive. A missão a Barcelona e a Portugal não foi um deslocamento institucional qualquer, mas parte de uma estratégia mais ampla de afirmar, na prática, a Paraíba como Estado do Conhecimento.

Todo desenvolvimento acontece de forma planejada, pactuada e executada. E, sobretudo, através de um método, e é exatamente isso que o governador João Azevêdo vem fazendo desde 2019, o que proporcionou os frutos que estamos colhendo agora.

Em Barcelona, visitamos a La Salle — Universitat Ramon Llull e seu ambiente de inovação. Ali não há apenas infraestrutura moderna, mas um sistema organizado. Universidade integrada ao setor produtivo, pesquisa conectada ao mercado, laboratórios dialogando com *startups* e formação acadêmica articulada com empregabilidade.

Essa experiência dialoga diretamente com o que estamos estruturando no Complexo Científico do Sertão paraibano. Sempre reforço a ideia de que o Complexo não é um conjunto de obras isoladas. Ao integrar o Radiotelescópio Bingo, a Cidade da Astronomia, o Vale dos Dinossauros e museus, através do turismo científico e economia criativa, estamos propondo uma nova lógica de desenvolvimento para o interior do estado.

Mas, para que isso funcione, é necessário criar governança, atrair parcerias, estabelecer redes internacionais e garantir que universidade, governo, iniciativa privada e sociedade atuem de forma coordenada. É exatamente isso que viemos buscar e estabelecer em Barcelona.

A visita à agência catalã reforçou essa percepção. Ecossistemas de inovação exigem política pública consistente e continuidade administrativa.

Já em Portugal, a formalização do investimento do grupo Vila Galé no Centro Histórico de João Pessoa revela outra dimensão da mesma estratégia. Conhecimento e desenvolvimento caminham juntos. Requalificar patrimônio, fortalecer o turismo e gerar empregos também fazem parte de um modelo econômico baseado em inteligência territorial.

Outro movimento relevante dessa agenda foi a assinatura do Memorando de Entendimento entre o Governo da Paraíba e o Impact Hub, rede global presente em mais de 130 cidades e 68 países. A instalação de uma unidade do Impact Hub em João Pessoa, no Parque Tecnológico Horizontes de Inovação, amplia de forma concreta o ambiente de suporte a *startups*, empreendedores e negócios de impacto no estado.

A Paraíba tem avançado nos indicadores nacionais de investimento em pesquisa e desenvolvimento, e isso não é por acaso, é fruto de decisão política. Mas precisamos dar o passo seguinte de consolidar um ambiente capaz de transformar ciência em oportunidade concreta.

A missão internacional reforça essa escolha. Ao dialogar com centros consolidados de inovação e ao atrair investimento estrangeiro qualificado, ampliamos nossa capacidade de execução. Não se trata de copiar modelos, mas de aprender com experiências bem-sucedidas e adaptá-las à nossa realidade.

O que vi em Barcelona foi a comprovação de que territórios que apostam em educação, ciência e governança integrada conseguem gerar desenvolvimento sustentável. O que estamos fazendo na Paraíba é construir esse caminho com identidade própria.

Entre o Sertão e a Europa, há diferenças evidentes, mas também há algo que nos aproxima: a convicção de que conhecimento é o nosso combustível estratégico.

E esse é apenas mais um passo dentro de um projeto maior, que entende que o futuro da Paraíba passa, necessariamente, pela capacidade de organizar seu conhecimento e transformá-lo em desenvolvimento regional.

Ser Estado do Conhecimento não é apenas uma declaração, mas uma posição que se conquista com estratégia e continuidade.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba é professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador



Foto: Divulgação/Secties

Experiência vivida pelos estagiários em Glasgow surpreendeu e trouxe mais conhecimentos

“

A ideia não é apenas oferecer uma experiência no exterior, mas fortalecer projetos que já nascem dentro das instituições

Claudio Furtado

AGROFLORESTAS

Sistema é alternativa sustentável

Modelo adaptado às condições climáticas da região combina o plantio de árvores com o cultivo de lavouras

Íris Machado
irmschdo@gmail.com

A Paraíba é o estado mais atingido pela desertificação, segundo o Instituto Nacional do Semiárido (Insa). Cerca de 93,7% do território paraibano — 209 dos 223 municípios — está em áreas suscetíveis a essa modalidade de degradação ambiental, que afeta a qualidade do solo e a produtividade agrícola. Nessas regiões, uma solução recente aposta na sustentabilidade para recuperar a produção: as agroflorestas ou sistemas agroflorestais (SAFs), capazes de restaurar a vegetação local, melhorar a qualidade do ar e diversificar o cultivo. “A gente tem um desafio grande, que é produzir numa condição de muita luta. Se você não tiver um reservatório que possa lhe dar suporte na irrigação para a produção agrícola ou no armazenamento de água para a produção animal, você não tem como produzir. O sistema agroflorestal tem uma particularidade: nós não brigamos com as condições climáticas, nós nos adequamos às condições climáticas”, revela o técnico da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), Ricardo Pereira. As agroflorestas integram o cultivo agrícola ao florestal, de acordo com as condições naturais de cada ambiente. Entre o plantio de árvores e a lavoura, a diversidade de espécies permite que o agricultor produza o ano todo, independentemente da estação. “Ao mesmo tempo em que você consegue plantar conjuntamente várias culturas, você também consegue introduzir ou estabelecer atividades florestais que valorizam a vegetação local. Isso é muito bom porque você tem, por exemplo, na região do Cariri, atividades

agrícolas que são de grande importância nutricional para o rebanho e adaptadas àquelas condições em que o semiárido é mais forte”, aponta. Antes de implantar uma agrofloresta, é preciso personalizar o espaço que será explorado, de modo a prepará-lo para receber as culturas adequadas. Ao retomar a cobertura vegetal do território, esse processo facilita a absorção de nutrientes e reduz a emissão de gases de efeito estufa. Esses benefícios espalharam os SAFs no Brasil e em outros países de clima tropical. “Na maioria das vezes, agora, as chuvas são torrenciais. Chovem grandes quantidades de água num pequeno espaço de tempo, então o solo desnudo não tem condições de absorver aquela água que cai momentaneamente. Na nossa região, mais seca, nós temos culturas de apoio, que são aquelas que vão tornar o ambiente mais frio, com menos insolação, que vão fazer a ciclagem de nutrientes, ou seja, que as podas vão servir para realimentar o terreno. Nesse processo, o solo vai ficando mais rico em matéria orgânica, vai disponibilizando sombra para a produção de outras plantas, como plantas de ciclo curto. Feijão, milho, amendoim, gergelim. A gente conforta o ambiente para que a gente possa implantar aquilo que a gente deseja”, reforça. Políticas nacionais incentivam essa maneira de produção. Agricultores que manejam SAFs recebem financiamentos bancários e linhas de crédito mais vantajosas do que os gastos acumulados do passivo ambiental, necessários para a recuperação dos prejuízos decorrentes da atividade agrícola. “A gente tem uma demanda de mercado muito maior. A sociedade está tomando cons-



Foto: Divulgação/Acam

Associação Comunitária Agrícola transformou as agroflorestas em produção de alimentos para os alunos de escolas públicas

ciência e está cobrando isso dos agricultores, que o produto que chegue na mesa do consumidor que mora na cidade seja um produto limpo, livre de agrotóxico, um produto que respeite a mão de obra e o meio ambiente onde ele foi produzido, que tenha um perfil social diferenciado. O grande problema é que, muitas vezes, para conduzir um sistema agroflorestal, você precisa ter a posse da terra, porque é um processo lento. Fazendo isso

em terras de arrendamento ou de terceiros, vai ser difícil chegar ao final [do ciclo produtivo]”, salienta. Como relata a professora Izabela Rangel, do curso de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a duração dos ciclos depende dos arranjos desenvolvidos em cada região. São investimentos de curto, médio e longo prazos, que podem durar de três meses a 15 anos. Na Paraíba, as agroflorestas já

ocupam quintais em municípios tanto litorâneos quanto sertanejos, a exemplo de Conde, João Pessoa, Lagoa Seca e Catolê do Rocha. “Na Mata Atlântica, em ambientes mais ombrófilos, a gente sabe que os ciclos de vida são mais fáceis. A gente tem um tempo maior de chuva e de umidade e consegue produzir hortaliças de uma forma mais constante. Já no semiárido, na Caatinga, a gente trabalha com o período de seca, em que há

uma demora maior para um retorno produtivo. Mas, independente de qual área, não é apenas um produto agrícola ou agropecuário produzido. A biodiversidade promove uma variedade de produtos extraídos, tanto hortícolas como frutícolas e florestais. Comparados aos monocultivos, que fazem a extração excessiva de nutrientes do solo e causam desequilíbrios na flora e na fauna, os sistemas agroflorestais fazem o inverso”, levanta.

Conhecimento que promove inclusão social

Essa prática, além de contribuir para o equilíbrio de ecossistemas degradados e impulsionar a agricultura familiar, também é um instrumento de inclusão social. Coordenado pela professora Izabela, um projeto levou técnicas de difusão agroflorestal a dependentes químicos em tratamento na Fazenda da Esperança Dom Marcelo Pinto Carvalheira, localizada em Guarabira, no Brejo paraibano. Junto a orações, momentos de lazer e trocas de experiência, as ações laborais no campo integravam as atividades de reabilitação ao plantio de alimentos saudáveis para consumo interno. “Foi do zero. Nós fizemos todo o manejo do solo, a introdução das espécies e o cuidado delas para manutenção e produção. Todo esse trabalho junto com os acolhidos, para eles entenderem todo o processo, da escolha do solo que a gente tinha que beneficiar até a colheita final”, lembra. A princípio, a fazenda apresentava terras compactadas, ácidas e com baixa fertilidade, ocupadas apenas por braquiárias. Em pouco tempo, a introdução de matéria orgânica nos canteiros renovou a paisagem da propriedade, cujo solo floresceu com sementes de feijão, goiaba, macaxeira e melancia, entre tantas outras. Repassar esse conhecimento à comunidade, na visão de Izabela, foi a principal missão da equipe na tentativa de retomar a produtividade local. “Os acolhidos mudaram muito. Teve acolhidos lá que nos falavam: ‘Aqui é um ambiente que a gente vem sempre, onde a gente se sente junto à natureza, que a gente relaxa’. ‘Nossa, por conta desse pro-

jeto, eu consegui parar de cometer coisas que eu não considero mais certas’. ‘Ah, eu não sabia plantar um pé de couve. Agora eu sei como plantar e como colher’. Isso era muito, muito positivo, porque era o nosso objetivo, trazer esse conhecimento para essas pessoas e capacitá-las de alguma forma para que elas pudessem sair dali e realizar algum plantio otimizando pequenos ambientes, inclusive no quintal de casa”, salienta. Na capital, uma iniciativa da Associação Comunitária Agrícola do Muçumagro (Acam) transformou agroflorestas em salas de aula. A lavoura abrange a sede da organização e três instituições de ensino da localidade: a Escola Municipal Professor Abraão Alves de Carvalho, a Escola Cidadã de Tempo Integral (Ecit) Professor Olívio Pinto e a Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Tércia Bonavides Lins. “A gente fortalece e, ao mesmo tempo, dá aula para pessoas com muitos anos de agricultura, mas que infelizmente ainda usam agrotóxicos e pesticidas. Nosso enfoque é esse: ensinar as crianças a cultivarem em pequenos espaços, mas da forma que a natureza trabalha”, pontua o vice-presidente da Acam, Wallam Silva. Todos os produtos cultivados nas hortas são destinados à alimentação dos alunos e à cozinha da organização, enquanto o excedente do plantio é ofertado à comunidade pelo valor simbólico de R\$ 1. A Acam também promove uma feira agroecológica, em que as transações ocorrem por meio da moeda social Real Muçu, administrada pelo banco co-

munitário Muçubank. Ações como essa movimentam a economia da região e inserem os associados, majoritariamente quilombolas e pescadores, na cadeia produtiva. A ideia é construir um sistema autossuficiente, de custo zero. Na sede, por exemplo, um reservatório recolhe a água da chuva a fim de irrigar a plantação, economizar os recursos naturais e reduzir as despesas da associação. Isso, para o coordenador dos SAFs da Acam, Fabiano Rodrigues, é o que mais difere a modalidade de produção agroflorestal da convencional: são saberes que envolvem uma agricultura ancestral, resiliente, que convive em harmonia com a comunidade e a natureza. “Quando a gente vai montar um projeto, a gente tem que ter dimensão do que a gente quer. Quais são as sucessões, quais são as densidades, quais são as necessidades da área. É até um embate quando a gente vai criar um novo sistema, porque as pessoas têm esse pensamento de ‘terra ruim’. Só que não existe terra ruim, existe terra mal manejada. Toda terra é boa. Porque, se a gente utiliza o monocultivo, como muitos, as pessoas acham que a terra é ruim ou que está faltando alguma coisa, mas, na verdade, ela está precisando de florestas. Porque o nosso maior insumo é matéria orgânica, que se dá por meio das plantas. A gente não precisa de água, a gente não precisa de química, a gente não precisa de certas máquinas. A gente só precisa de conhecimento”, destaca. Essa proposta, desenvolvida como um laboratório vivo, surgiu quando Fabiano cursava o 1º ano do Ensino Mé-

dio, em 2023, na Ecit Professor Olívio Pinto, sob o comando da professora Suzana Alves. Agora, no terreno da instituição, ele acompanha o crescimento da agrofloresta na figura de educador. “Todo esse sistema é um sistema inteligente, um sistema que, por si só, consegue se desenvolver. O que mantém ele resiliente é o margaridão, é o capim-elefante, plantas que, na maioria das vezes, são consideradas invasoras. Mas isso só acontece quando a gente não sabe trabalhar com elas”, afirma. São mais de 30 espécies introduzidas em um só canteiro, entre árvores, flores, frutas e hortaliças. Lado a lado, é possível encontrar uma riqueza de culturas, de chichá-do-cerrado e mogno a graviola e jasmim-do-caribe, um sistema que consorcia a banana à macaxeira, pés de abacaxi e cajana. Duas semanas atrás, impulsionado pelo florescimento da amora, beterraba e tomate nas outras hortas, Fabiano plantou sementes de manga; sem demora, elas começaram a germinar. “Por mais que eu não venha manejar, as plantas que estão aqui vão passar por uma sucessão e as árvores vão prevalecer. Por mais que as flores morram, por mais que os feijões saiam, a sucessão da vida está aqui. É uma agrofloresta totalmente sustentável. A mamona me dá mais fósforo; já o margaridão me dá mais nitrogênio. Então eu não preciso comprar estercos, não preciso comprar inseticida. Aqui a gente só revolveu a terra uma única vez. A gente só entrou com a enxada uma única vez. Depois, é só tesoura”, brinca.



Foto: Leonardo Ariel

Fabiano Rodrigues: “São saberes ancestrais e resilientes”

Lance do jogo da semana passada, quando as equipes empataram em 1 a 1



Foto: João Neto/BotaFogo

SERRA BRANCA X BOTAFOGO

Decisão começa hoje em Campina Grande

Carcará e Belo enfrentam-se a partir das 18h, no Amigão, pelo jogo de ida das semifinais do Paraibano 2026

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Serra Branca recebe o BotaFogo, hoje, às 18h, no Amigão, para a disputa da primeira partida da semifinal do Campeonato Paraibano. O Belo terminou na liderança da fase classificatória, enquanto o Carcará ficou na quarta posição. O confronto marca o encontro de duas equipes que trocaram de treinadores ao longo das suas trajetórias no torneio.

O BotaFogo iniciou o Estadual com Bernardo Franco à frente da comissão técnica. O treinador esteve na equipe pessoense por cinco jogos, tendo duas vitórias, dois empates e uma derrota, esta que foi um 4 a 1 para o Campinense, na quinta rodada. A partir da sexta rodada, Lisca chegou e obteve dois triunfos e dois empates no Paraibano. No fim, o Belo somou 16 pontos na sua campanha com os dois profissionais.

Será apenas a quinta partida do atual comandante alvinegro na competição. Mas Lisca já está pressionado, tendo em vista que vem de uma eliminação precoce na Copa do Brasil, nos pênaltis, para o Mixto-MT. O técnico, que chegou com o aval e a confiança do investidor da SAF botafoгуense, Phillipe Félix, assumiu a culpa pela queda inesperada no torneio mata-mata.

Do lado do Serra Branca, Roberto Maschio iniciou o Campeonato Paraibano à frente da equipe, mas acabou demitido depois de oito jogos, nos quais teve quatro vitórias, um empate e três derrotas. Teco, auxiliar técnico do clube, comandou o elenco interinamente na eliminação para o Porto-BÁ, na primeira fase da Copa do Brasil, e na disputa da última rodada, exatamente contra o Belo, um empate. Na sua campanha no Estadual, o Carcará somou 14 pontos, tendo o pior desempenho entre os semifinalistas.

Durante a última semana, o clube do Cariri anunciou e apresentou o seu novo treinador para a sequência da temporada; ele estreia, hoje, contra o BotaFogo. O gaúcho Gerson Gusmão chegou para comandar o Serra na reta final do Paraibano e na Série D do Campeonato Brasileiro. O técnico tem um currículo que registra os títulos da Quarta Divisão de 2017 e da Terceira Divisão de 2018, pelo Operário-PR. Em 2023, o profissional alcançou o acesso à Série C com o Caxias-RS.

Retrospecto

O histórico de confrontos entre BotaFogo e Serra Branca, a partir de 2022, quando o Carcará se tornou Sociedade Anônima de Futebol (SAF), registra seis encontros. O primeiro ocorreu em 2023, na primeira participação da equipe do Cariri no Campeonato Paraibano. Naquela oportunidade,

houve um empate em 1 a 1. Desde então, ocorreram mais cinco partidas, sendo duas vitórias botafoгуenses e três empates.

O Serra, com seu novo modelo de gestão, nunca venceu o clube da capital paraibana. Em 2024, as equipes se enfrentaram na semifinal do Campeonato Paraibano. Nesse mata-mata, foram registrados os dois duelos mais importantes do curto retrospecto. Com uma vitória (2 a 1) e um empate (0 a 0), o BotaFogo acabou avançado para a final, a qual perderia para o Sousa.

Na partida mais recente, no fim de semana passado, no Almeidão, pela nona rodada da fase classificatória, empataram em 1 a 1. França abriu o placar para o Carcará, e Nenê empatou para o BotaFogo. Com a igualdade no placar e os resultados dos outros jogos, as duas equipes ficaram dispostas na tabela de classifica-

ção de uma forma que, agora, disputarão um lugar na grande final.

Arbitragem

O árbitro principal da partida será Afro Rocha de Carvalho Filho. Os árbitros assistentes serão Rafael Guedes de Lima e Schumacher Marques Gomes. O quarto árbitro será José de Arimatéia Freires da Silva.

Ingressos

Para o jogo de hoje, as entradas têm os seguintes valores: Arquibancada Sombra (torcida mandante), R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia); Arquibancada Geral (torcida visitante): R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia); Cadeiras, (torcida mandante): R\$ 50 (inteira) e R\$ 25 (meia). Os bilhetes podem ser adquiridos pelo *site* ingressosa.com. Presencialmente, as entradas estarão disponíveis a partir das 16h nas bilheterias do Estádio Amigão.

Campanhas dos clubes			Retrospecto desde 2023		
■ 1ª rodada BotaFogo 1 x 1 Esporte Serra Branca 0 x 2 Treze	■ 4ª rodada BotaFogo 4 x 0 Pombal Serra Branca 1 x 0 Atlético	■ 7ª rodada Campinense 1 x 0 Serra Branca	22/2/2026	BotaFogo	1 x 1 Serra Branca Paraibano 2026
■ 2ª rodada Confiança 0 x 1 BotaFogo Serra Branca 2 x 1 Sousa	■ 5ª rodada Campinense 4 x 1 BotaFogo Pombal 3 x 1 Serra Branca	■ 8ª rodada Atlético 0 x 2 BotaFogo Serra Branca 2 x 2 Nacional	29/1/ 2025	BotaFogo	1 x 1 Serra Branca Paraibano 2025
■ 3ª rodada BotaFogo 1 x 1 Sousa Esporte 0 x 2 Serra Branca	■ 6ª rodada Serra Branca 2 x 0 Confiança Nacional 0 x 0 BotaFogo	■ 9ª rodada BotaFogo 1 x 1 Serra Branca	2/4/2024	Serra Branca	1 x 2 BotaFogo Paraibano 2024
			30/3/2024	BotaFogo	0 x 0 Serra Branca Paraibano 2024
			2/3/2024	Serra Branca	0 x 1 BotaFogo Paraibano 2024
			2/2/2023	Serra Branca	1 x 1 BotaFogo Paraibano 23

CAPACITAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

PB tem instituições contempladas

Projeto da Rede CT, que começa amanhã, combate a desigualdade na distribuição de verbas esportivas pelo Brasil

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

Instruir as Organizações da Sociedade Civil (OSC) das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste para a elaboração de projetos visando à captação de recursos por meio da Lei Federal de Incentivo ao Esporte e combater a desigualdade na distribuição de verbas esportivas no Brasil. Esses são os objetivos norteadores da formação gratuita ofertada pela Rede CT — Capacitação e Transformação, que chega ao terceiro ano em 2026. As atividades terão início amanhã.

A seleção para a formação resultou em 124 OSCs, sendo 50 delas nordestinas (quase 41% do total). A Região Norte teve 30% e a Centro-Oeste, 29%. A Paraíba teve quatro instituições contempladas pela iniciativa: Associação Atlética das Pessoas com Deficiências da Paraíba (AAPD), Escola de Esportes Craques do Futuro, Instituto Luta Pelo Bem e Liga Sousense de Handebol.

O Projeto CT oferta 32 horas de capacitação estruturada em oito módulos que abrangem desde a introdução ao mecanismo da Lei de Incentivo e elaboração de projetos até a execução, prestação de contas, gestão financeira e comunicação institucional. Além do conteúdo técnico, a formação também traz temáticas como equidade e captação de recursos, com materiais didáticos digitais, encontros virtuais para tirar dúvidas e um ambiente de troca entre as organizações selecionadas.

Para 2026, uma novidade implementada pela Rede CT é a promoção de encontros presenciais nas regiões de atuação. Também serão realizadas novas ações destinadas ao empoderamento feminino em projetos sociais e uma websérie que apresentará a trajetória das organizações participantes.

Liga Sousense

A Liga Sousense foi criada pelo educador físico Caio Vinícius, dois anos atrás. Segundo ele, atualmente, 250 adolescentes e jovens são atendidos pelo projeto, que conta com aulas aos sábados. Além disso, a iniciativa já soma mais de 10 pódios, incluindo um vice-campeonato paraibano sub-21 da modalidade.

“Desde adolescente, eu tinha esse desejo de treinar os meus colegas de sala, meus amigos de time, e, pós-formado em Educação Física, de estar trabalhando na área. Eu vi a oportunidade e a necessidade na minha região de um ‘passatempo’ para essa juventude. Então pensei: por que não colocar o meu sonho de adolescente, hoje em dia, formado, estruturado, para poder ajudar gerações futuras? Na minha época, eu não tinha essa oportunidade, então eu pensei em iniciar”, relembra Caio.

Como todo projeto, a Liga Sousense possui demandas que geram custos, como aquisição de fardamento, materiais de treino e despesas com viagens para competições.



A Liga Sousense de Handebol conta com 250 adolescentes e jovens, de ambos os sexos, que são atendidos pelo projeto desenvolvido pelo educador físico Caio Vinícius. Outras três instituições paraibanas também contempladas foram a Associação Atlética das Pessoas com Deficiências da Paraíba (AAPD), Escola de Esportes Craques do Futuro e Instituto Luta Pelo Bem



Como a participação dos alunos é gratuita, a instituição promove ações para viabilizar o custeio, a exemplo de rifas on-line e cursos de capacitação voltados aos professores da cidade, ofertados a valores simbólicos.

De acordo com o professor, a escolha da modalidade ocorreu por esta apresentar maior receptividade entre os jovens em comparação a esportes tradicionais, como o futebol. Ele ressalta, com orgulho, o impacto social e esportivo alcançado no município e também nas cidades vizinhas.

“Quando eu participava dos Jogos Escolares, havia apenas duas equipes de handebol. Hoje, modalidades como handebol, vôlei, basquete, badminton, atletismo, jiu-jítsu e outras artes marciais estão em ascensão justamente por adotarem uma perspectiva mais acolhedora. Nosso diferencial é abraçar a todos. Quanto mais inclusivas são as práticas, maior é a participação e a visibilidade.

Muitas pessoas não se identificavam com o futebol ou o futsal por diferentes motivos e encontraram nesses esportes uma oportunidade. O handebol, especialmente, tem crescido muito, com cada vez mais interessados em praticá-lo”, aponta o educador físico. “Para você ter noção, desde que eu comecei o meu projeto de handebol, escolas e cidades circunvizinhas, que nunca pensaram em handebol, ao conhecerem o Instagram do meu projeto, vieram para o curso, conversaram com os alunos regulares, começaram a querer a prática e a cultura do handebol”, acrescenta ele.

Mais que um projeto, para Caio, a Liga Sousense é um propósito de vida. “Eu pensei: ‘poxa, posso fazer algo diferente na minha cidade para fazer com que esse pessoal que não se encaixa no futebol pratique também uma modalidade para se sentir incluída e conseguir ter saúde’. Eu sou ex-atleta e árbitro desde os meus 18 anos de idade, consi-

go ter uma bagagem boa para conseguir ministrar essas aulas. Graças a Deus, o handebol vem crescendo”, destaca.

Formação

O idealizador da Liga Sousense já tinha conhecimento da Lei de Incentivo ao Esporte, mas carecia de orientação mais aprofundada. Ao conhecer a Rede CT por meio das redes sociais, decidiu se inscrever no processo formativo e, por fim, teve seu projeto selecionado para participar da capacitação. Para ele, esta é uma oportunidade crucial

“Eu poderia muito bem trabalhar com futebol, porque teria apoio, eu conseguiria patrocinadores muito mais facilmente. Mas eu escolhi o handebol, modalidade que ainda não é tão conhecida, modalidade que, para uma cidade do interior, é uma modalidade nova, mas isso se tornou a nossa paixão. Acredito que essas aulas, esse curso, venham a agregar no nosso futuro, seja o conhecimento, como também a parte financeira.

Hoje em dia, nós temos muitas dificuldades por não termos apoio, então esse projeto é um divisor de água, porque vamos estudar, vamos nos capacitar, fazer amizade, fazer networking, para conseguir usufruir da Lei de Incentivo ao Esporte”, assegura o professor sousense.

Ele também ressalta a importância da iniciativa para atenuar os efeitos da histórica desigualdade na distribuição de verbas esportivas no país, um dos fatores responsáveis pelo enfraquecimento das instituições das regiões Nordeste e Norte.

“O que me chamou a atenção foi que eu não sabia que o Norte e o Nordeste é para onde vem menos aporte. Mas por que, já que tantas pessoas, até no âmbito do futebol, são nordestinas? Tantas estrelas são do Nordeste, seja no futebol, no handebol. Temos um celeiro magnífico a nível esportivo, cultural, educacional, e por que esse apoio não está chegando à gente? Porque está muito mal distribuído. E

foi isso que me cativou e cativou o projeto: saber que existem pessoas que estão querendo cuidar da nossa educação, da nossa cultura e do nosso esporte”, inicia ele.

“Para mim, que sou de uma cidade no interior da Paraíba, é de suma importância que eu tenha esse conhecimento para poder galgar caminhos maiores e, assim, conseguir não somente aporte financeiro, mas também que os meus alunos tenham sonhos realizados. Sonho de jogar campeonatos, de ter a melhor quadra da minha cidade para poder utilizar, de ter o melhor material, que eles veem o pessoal de São Paulo utilizando e que eles também querem utilizar. A gente pode e deve chegar lá. Então esse conhecimento, esse projeto de formação, literalmente, vai transformar a nossa vida, vai transformar o nosso projeto, fazendo com que a gente possa subir de grau em grau até conseguir chegar a caminhos maiores”, conclui Caio Vinícius.

Fotos: Reprodução/Instagram @ligasousensehandebol

KYLIAN MBAPPÉ

Atacante caminha para a sua 3ª Copa

Números do francês, de 27 anos, impressionam na seleção, com a marca de 55 gols em 94 partidas disputadas

Aos 27 anos, Kylian Mbappé já é apontado como um dos maiores nomes da história do futebol. Seriam necessárias páginas e mais páginas para relatar seus feitos tanto por Mônaco, Paris Saint-Germain e Real Madrid quanto pela seleção da França, pela qual soma 55 gols em 94 partidas. O craque francês conquistou a Copa do Mundo da Fifa na Rússia, em 2018, e esteve muito perto de repetir o feito quatro anos depois, no Catar, quando foi superado pela Argentina numa grande final, após empate por 3 a 3 na prorrogação e derrota por 4 a 2 nos pênaltis.

O menino de Bondy conseguirá eternizar seu nome entre as lendas ao alcançar, pela terceira vez seguida, a final de uma Copa do Mundo? A resposta virá em julho de 2026.

Conquistas

Ao longo da carreira em clubes, Kylian Mbappé soma 18 títulos: dois pelo Mônaco, onde se profissionalizou na temporada 2015-2016; 14 pelo Paris Saint-Germain, entre eles seis Campeonatos Franceses; e dois pelo Real Madrid, clube que defende desde o verão europeu de 2024.

Pela Seleção Francesa, Kylian Mbappé conquistou a Copa do Mundo de 2018 e, quatro anos mais tarde, saiu do Catar com a medalha de prata. Com a camisa dos Bleus, o jogador nascido na região de Paris também venceu o Europeu Sub-19 em 2016 e a Liga das Nações da Uefa em 2021.

Com uma aceleração impressionante, o ex-atacante do Paris Saint-Germain destaca-se também pela visão de jogo, determinação e facilidade para finalizar em gol. Prova disso é que ele permanece como o maior goleador da história do Paris Saint-Germain, com 256 gols, além de ter sido artilheiro da Ligue 1 por seis temporadas

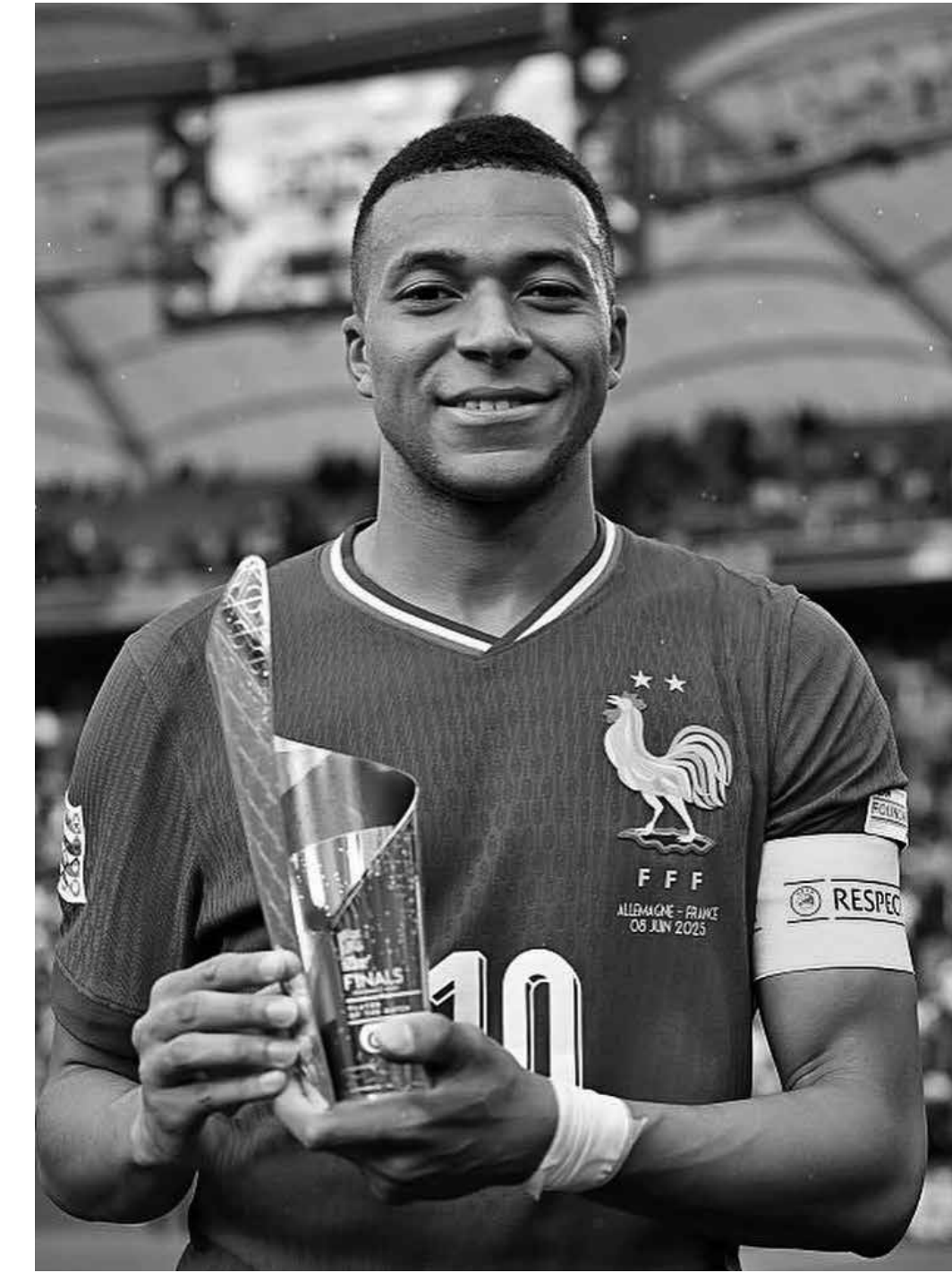


Foto: Reprodução/Instagram @k.mbappe

O francês Kilian Mbappé foi o principal destaque da Franca na Copa do Mundo de 2018

consecutivas, de 2018 a 2024, estabelecendo um recorde. Outro feito que evidencia sua obsessão por balançar as redes e sua impressionante eficiência diante do gol: com quatro tentos, um em 2018 e três em 2022, Kylian Mbappé já é o maior goleador da história das finais da Copa do Mundo.

Expectativa para a Copa 2026

Com um elenco repleto de talentos, a França apresenta-se mais uma vez como uma das principais favoritas ao título da Copa do Mundo. Com uma defesa sólida, lide-

rada pela dupla William Saliba e Dayot Upamecano, e um meio-campo de grande presença física, com Manu Koné e Adrien Rabiot, que brilham no Campeonato Italiano, os tricolores têm, acima de tudo, um ataque capaz de assustar qualquer defesa do mundo.

Ao lado do capitão Mbappé, Ousmane Dembélé destacou-se com atuações excepcionais, que lhe garantiram o último prêmio The Best Fifa como o jogador do ano. Ao lado deles, Michael Olise deve ser uma das grandes atrações da Copa do Mundo na América do Norte: o atacante do Ba-

yern de Munique ostenta números impressionantes pelo clube (22 gols e 36 assistências em 55 jogos da Bundesliga).

Ryan Cherki e Désiré Doué (eleito melhor jogador jovem do Mundial de Clubes da Fifa 2025 pelo Paris Saint-Germain) completam a lista de talentos que devem brilhar na América, antecipando novos feitos memoráveis. Uma terceira final consecutiva está ao alcance desta França de Didier Deschamps, que se despedirá ao fim da Copa do Mundo, encerrando 14 anos de serviços dedicados e vitoriosos.

Saiba Mais

■ Aos 14 anos, Kylian Mbappé passou uma semana fazendo estágio no Real Madrid. Ao chegar, foi recebido pelo próprio Zinedine Zidane. No fim das contas, o jogador e sua equipe optaram por assinar com o Mônaco alguns meses depois. “O Real queria o Kylian, mas estávamos menos familiarizados com o ambiente lá”, revelou o pai do prodígio, Wilfrid Mbappé, ao jornal Le Parisien

■ Embora o Real Madrid o encante desde a infância, Mbappé também é torcedor de outro clube estrangeiro: o Milan. “Quando chegava em casa, ele só falava do Milan”, relembra sua mãe, a ex-jogadora Fayza Lamari, em entrevista ao jornal italiano La Gazzetta dello Sport. “Se o time perdesse, ele chegava a arremessar o controle remoto na televisão e proferir insultos em italiano”.

■ Alguns companheiros de Seleção Francesa passaram a chamá-lo de “37” durante a Copa do Mundo da Fifa Rússia 2018, depois da atuação decisiva contra a Argentina, nas oitavas de final, na vitória por 4 a 3. Logo aos 13 minutos desse grande duelo, Mbappé chegou a 37 km/h em uma arrancada individual memorável, que deu origem ao primeiro gol da França.

■ Aos 25 anos, em 2024, Mbappé tomou-se um dos proprietários mais jovens de um clube profissional na Europa ao comprar 80% do Caen, por meio da gestora Coalition Capital, vinculada à sua empresa Interconnected Ventures.

■ Mbappé é o atleta francês mais popular no Instagram, com mais de 130 milhões de seguidores, bem à frente de Karim Benzema (75 milhões) e Paul Pogba (65 milhões).



Foto: Reprodução/Instagram @k.mbappe

Mbappé tem uma carreira sólida no Real Madrid

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

De última hora também funciona

Há um valor atribuído ao negativo na relação tão fundamental para a vida entre pais, filhos e educação que sempre achei muito mais obrigatória, automática, moral, do que real. Estudar de última hora. Eu nunca vi nascer um pai ou uma mãe que não recriminasse um filho que ousa fazer disso uma cultura educacional de sua vida. Deve constar a necessidade da reprimenda em algum dos manuais, a que jamais tive acesso, de como ser pai e mãe. Admitindo que educar um filho é, além de algo maior, uma coisa que julgo ser extremamente ingloria, estarão, para mim, pais e mães perdoados.

Acontece que muitas coisas feitas de última hora podem funcionar. Eu não tenho dúvidas que meus melhores trabalhos escolares foram feitos na véspera da apresentação para os outros mestres da pedagogia: os professores. Também compreendo muito claramente que estudar de véspera é fundamental para lembrar o que escrever, horas depois, quando uma pergunta de prova se mistura ao nervosismo inerente à validação aparentemente de toda a sua existência, ali, na sala de aula, num exame, e à resposta que chega na cabeça porque o ontem foi de estudo.

É, claro, no entanto, que não se vive só de vésperas. Nem se deve viver apenas de última hora. Mas negar os momentos derradeiros como um espaço de tempo importante que deve ser preenchido por ações que lhe ajudem na prova de fogo que vem logo mais é das poucas coisas que pai e mãe comumente se equivocam.

Como o futebol é onde o filho chora e a mãe não vê, caro leitor, a última hora pode muito bem ser a diferença entre quem passa de ano e quem é reprovado. Em um campeonato tão equilibrado como vem sendo o Paraibano deste ano, que chega hoje ao segundo confronto de ida de semifinal, com a partida de logo mais entre Serra Branca e Botafogo-PB, em Campina Grande, um fator pode ser primordial para definir quem vai ficar com a taça e a glória de campeão estadual de 2026. Os reforços de última hora! Que, aliás, são de várias ordens.

Os mais óbvios, claro, são os jogadores que desembarcaram na última semana para reforçar os semifinalistas: Botafogo-PB, Campinense, Serra Branca e Sousa. Os quatro contrataram jogadores a fim de melhorar seus, todos, combalidos conjuntos para o mata-mata que resolve quem fica com a nota 10 do título estadual e quem reprova e morre na praia de uma semifinal ou de uma final com o vice.

O Sousa, no entanto, pode ganhar um reforço a mais. Grana! Isso porque o Dinossauro encara o Santa Cruz na Copa do Brasil no meio de semana, entre as semifinais. E bolso cheio na última hora pode ser crucial para dar incentivos aos atletas, o famigerado “bicho”. Caso passe pela Cobra Coral, embolsa R\$ 950 mil de reforço para a reta final do Estadual. Nada mal.

Quem teve essa chance foi o Botafogo-PB, o outro representante da Paraíba na 2ª fase da Copa do Brasil. Mas esse reforço não veio de última hora para melhorar o ambiente e as finanças. Na última quarta-feira (25), atuando em Cuiabá, no acanhado Dutrinha, o Belo acabou caindo nos pênaltis para o Mixto, após um empate por 1 a 1 no tempo normal, sendo eliminado no torneio e perdendo a chance de usar um bom dinheiro como força motriz para incentivar seus jogadores.

Os reforços do Alvinegro da Estrela Vermelha, portanto, vão se limitar mesmo aos que chegaram para jogar as semifinais e, caso o clube passe do Serra Branca, as finais do Campeonato Paraibano. Recai sobretudo nos pés dos atacantes Rodolfo e Felipe Azevêdo, que fizeram uma campanha boa pelo Capivariano no Paulistão, classificando o clube pela primeira vez para uma Série D, a de 2027, a esperança de o elenco raso ter um pouco mais de profundidade no seu setor ofensivo na prova final do Paraibano. Ademais, todos contrataram e terão conteúdo nos últimos exames do Estadual. Diante de um torneio tão equilibrado, oriundo de elencos tão cheios de problemas, são esses estudos de mercado de última hora que podem fazer a diferença.

No primeiro duelo, no domingo passado (22), o Fluminense levou a melhor e venceu o Vasco da Gama por 1 a 0

Foto: Lucas Merçon/Fluminense FC



ESTADUAIS

Carioca conhecerá o 1º finalista hoje

Fluminense joga pelo empate contra o Vasco, no Maracanã; no Paulista, o duelo será entre Palmeiras e São Paulo

Da Redação

O dia de hoje será marcado por clássicos protagonizados por alguns dos principais times nos campeonatos estaduais do Brasil. Às 18h, entram em campo Fluminense e Vasco, no Maracanã, pela volta da semifinal do Campeonato Carioca; no mesmo horário, duelam Grêmio e Internacional, pela ida da final do Gaúcho, na Arena do Grêmio; simultaneamente, América-MG e Atlético-MG decidem quem segue para a final do Mineiro, na Arena Independência. Às 20h30, é a vez de Palmeiras e São Paulo medirem forças, na Arena Barueri, em confronto válido pela semifinal do Paulista.

Carioca

A 341ª edição do Clássico dos Gigantes definirá o primeiro finalista do Campeonato Carioca. No jogo de ida, no domingo passado (22), o Fluminense venceu o Vasco por 1 a 0 e, portanto, precisa apenas de um empate no Maracanã para garantir a classificação. A transmissão fica a cargo da TV Globo, SporTV, ge tv (YouTube), Premiere e Globoplay (streaming).

Pelo Brasileirão, as duas equipes vêm de jogos com derrotas no meio de semana. Na quarta-feira (25), o Tricolor foi superado pelo Palmeiras por 2 a 1, jogando fora de casa. Já na quinta-feira (26), foi a vez de o Cruz-Maltino atuar como visitante, contra o Santos, e sofrer uma derrota pelo mesmo placar. Na classificação do certame nacional, o time das Laranjeiras é o quinto colocado e o Alvinegro está em último lugar.

No Carioca, após se classificar com a melhor campanha da primeira fase, o Fluminense venceu o Bangu por 3 a 1 nas quartas de final. Por outro lado, o Vasco, que ficou em segundo lugar no mesmo grupo do Tricolor, nas quartas, só conseguiu a classificação nos pênaltis após empatar em 1 a 1 com o Volta Redonda.

Paulista

A 326ª edição do Choque-Rei (de acordo com estatísticas do site ogol.com.br) define o segundo finalista do Campeonato Paulista. A partida será transmitida pela Record. Nas quartas de final, o Palmeiras venceu o Capivariano por 4 a 0, enquanto o São Paulo

eliminou o Bragantino após o triunfo de 2 a 1.

As estatísticas apontam equilíbrio entre as equipes. Em todas as competições, foram disputados 325 jogos entre os dois times, com 111 vitórias do Palmeiras, 104 empates e 110 triunfos do São Paulo. Na última vez que se enfrentaram, na primeira fase do certame estadual, o Verdão venceu por 3 a 1.

O duelo repete a semifinal da edição passada. Naquela ocasião, o time comandado por Abel Ferreira avançou em um confronto cercado de controvérsia, decidido por um pênalti bastante questionado de Arboleda em Vitor Roque, convertido por Raphael Veiga. Hoje, o Tricolor paulista precisa reverter um incômodo tabu: a equipe não vence o rival desde julho de 2023, quando fez 2 a 1 no Allianz Parque e avançou à semifinal da Copa do Brasil.

Gaúcho e Mineiro

O 450º clássico Grenal será transmitido pelo Premiere, Globo e SporTV. O Colorado chega à decisão ostentando uma campanha sólida no Gauchão;

já no Campeonato Brasileiro, porém, tem deixado a desejar. A equipe comandada por Paulo Pezzolano ocupa a zona de rebaixamento e ainda busca afirmação na competição nacional. Na quarta-feira (25), mesmo utilizando titulares, ficou no empate em 1 a 1 com o Remo, em Belém, resultado que aumentou a pressão antes da final estadual.

Do outro lado, o Tricolor busca o equilíbrio na temporada. Apesar da derrota por 4 a 2 no primeiro clássico do ano, ainda na fase inicial do Estadual, o grupo tem alcançado melhor performance no Brasileirão em comparação ao rival. Na última quarta-feira (25), os comandados de Luís Castro venceram o Atlético Mineiro por 2 a 1, em casa.

Na semifinal, o Inter eliminou o Ypiranga (7 a 0 no agregado), enquanto o Grêmio venceu o Juventude nos pênaltis (2 a 2 no agregado). A expectativa para o jogo é de casa cheia, uma vez que a torcida mandante esgotou os ingressos para hoje rapidamente.

Já em Minas Gerais, Atlético-MG e

América-MG decidem quem fica com a vaga na grande final do Campeonato Mineiro. Com o empate em 1 a 1 no jogo de ida, na Arena MRV, quem vencer a partida de hoje avança na competição. Um novo empate leva a decisão para os pênaltis. A transmissão fica por conta da TV Globo (MG), Globoplay e Premiere.

Caso vença, o Atlético-MG vai seguir na briga pelo sétimo título seguido. Além disso, o Galo alcança, ao menos, a semifinal do Estadual desde 2007. No entanto, o Coelho tenta frear a hegemonia alvinegra e aposta na regularidade apresentada até aqui; o time terminou a fase de grupos com 15 pontos e na liderança da chave, ostentando uma das defesas mais sólidas do estadual, com apenas seis gols sofridos. O Troféu Inconfidência, que conta com a participação do quinto ao oitavo colocado geral da primeira fase do Mineiro, terá a outra semifinal hoje. North e Uberlândia enfrentam-se às 17h, na Arena Credinor. Na ida, a partida terminou empatada em 1 a 1.



Foto: Rubens Chiri/saopaulofc.net

O Choque-Rei promete muitas emoções neste domingo, pelas semifinais do Campeonato Paulista de 2026

Jogos de hoje

- **Baiano**
17h
Vitória x Jacuipense
- **Carioca**
18h
Fluminense x Vasco
- **Catarinense**
18h
Barra-SC x Chapecoense
- **Cearense**
18h
Fortaleza x Ceará
- **Gaúcho**
18h
Grêmio x Internacional
- **Goiano**
17h
Vila Nova x Atlético
- **Maranhense**
16h
Iape x Maranhão
- **Mineiro**
18h
América-MG x Atlético-MG
- **Paraense**
17h
Remo x Paysandu
- **Paraibano**
18h
Serra Branca x Botafogo
- **Paulista**
20h30
Palmeiras x São Paulo
- **Pernambucano**
18h
Sport x Náutico
- **Sergipano**
17h
Sergipe x América-SE

IMORTALIDADE

Pela linha do tempo do “Homem de Areia”

Acompanhe os passos de José Américo de Almeida, uma trajetória que percorre as vertentes humanista, cultural e política, colocando o seu nome e a sua história escrita na eternidade

Fátima Farias
Especial para A União

A trajetória de um dos homens mais importantes da história paraibana e brasileira, com repercussão internacional, tem uma identificação e uma longevidade forte: José Américo de Almeida. Nasceu no fim do século 19, viveu por quase todo século 20 e a sua história e o seu nome ainda vêm repercutindo neste um quarto de século.

Do solar à fundação

José Américo administrou a Paraíba em dois períodos: de 31 de janeiro de 1951 a 16 de junho de 1953 e de 26 de setembro de 1954 a 31 de janeiro de 1956. Nesse ínterim, ele adquiriu o terreno e construiu sua residência, situada na então Praia de Tambaú, daí a denominação “Solar de Tambaú”; hoje, no mesmo local, porém com endereço atualizado para Avenida Cabo Branco, nº 3.336.

Na exposição atual da então residência, hoje Museu Casa de José Américo, há fotos destacando a edificação solitária, sem vizinhos, construída por ele mesmo. Um dos objetivos seria desfrutar de um cenário marcante, tipo “natureza pura”, para dar vazão às suas inspirações. Detalhe: José Américo, tal qual um “arquitecto” participou da composição de cada recanto daquele refúgio. O museu preserva a originalidade, com as mesmas características de quando lá ele residia.

A casa conta com um terraço amplo e num dos recantos ainda permanecem as famosas cadeiras nas quais José Américo recebia os visitantes: políticos, jornalistas, intelectuais, autoridades, personalidades e até pessoas da comunidade.

Recanto de inspiração e paz

Fotos e escritos documentam a “aposentadoria” de José Américo para as tarefas “obrigatórias” funcionais, mas jamais deixar de desfrutar de sua liberdade, para viver plenamente no recanto escolhido e projetado por ele, para curtir e viver as últimas três décadas de sua vida. Isso está bem evidente nas seguintes frases, escritas ao longo de sua trajetória:

“Soquei-me neste recanto por ser terra paraibana que, além de sua beleza, tem caráter. Nada há que se assemelhe à sua configuração de um pitoresco que não se cansa. Aqui não há nada feito, não há padrão. E essa desordem se torna mais sedutora por sua variedade. Não se imagina o que é isto. Um retalho de mata e o grande mar. O pano de fundo e a perspectiva atlântica formando o quadro” — Esse trecho foi em resposta a quem perguntava o que o levou a morar num local tão deserto.

“Andar é tudo que faço, nesta praia, nesta areia e depois olhar meu traço, até vir a maré cheia”.

“A solidão liberta-me e valoriza-me. Enquanto estou só, crio o meu mundo e me basto. Mas uma presença é sempre um raio de sol, a reconciliar-me com o mundo exterior”.

Também era conhecido como o “Homem de Areia”, em alusão ao lugar onde nasceu: Areia, no Brejo paraibano, no dia 10 de janeiro de 1887. Precocemente, a sua “estrela” já começou a prenunciar uma polivalência de atributos de que seria um dos mais renomados literatos, políticos e humanistas do cenário nacional. Aos 19 anos, ele começou a demonstrar vocação literária; aos 21 anos, concluiu o curso de Direito; aos 24 anos, foi nomeado procurador-geral do Estado da Paraíba e, aos 36

anos, publicou o primeiro livro: *A Paraíba e Seus Problemas* (1923).

Destacou-se na literatura brasileira como autor de *A Bagaceira* (1928), obra-prima do romance regionalista moderno. Escreveu 17 livros, de várias tendências literárias: contos, poesias, crônicas, entre outras formas de expressão. É imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL) e da Academia Paraibana de Letras (APL). Até hoje, suas ações e suas obras inspiraram muitos projetos

de pesquisas. E, assim, segue sua “imortalidade” pelo mundo afora. Como político, fez história no cenário nacional, ao ocupar importantes cargos. Foi deputado, senador, ministro e governador da Paraíba (por dois mandatos), e “quase” vice e presidente da República. Ainda atende por outras denominações: jurista, professor, reitor (inclusive, foi ele quem fundou a Universidade Federal da Paraíba). Ele faleceu no dia 10 de março de 1980.

De residência ao museu

Na manhã do dia 10 de março de 1980, a Paraíba foi impactada pela notícia da morte de um dos seus filhos mais ilustres. O funeral de José Américo de Almeida, se não foi o maior, foi um dos maiores do estado.

O fim de sua vida material foi um marco, pois surgiu a semente da Fundação Casa de José Américo (FCJA). A ideia da residência ser museu aconteceu já nos funerais, além da inspiração para imortalizar o seu nome e a sua história. Uma história digna de reflexos exemplares para dar continuidade à divulgação da cultura local. Morria ali o corpo físico de um ser, para emergir a imortalidade do paraibano para história nacional, em várias vertentes: humanista, cultural e política.

Segundo a edição do jornal **A União**, na cobertura do funeral, em 11 de março de 1980, a iniciativa foi anunciada pelo então governador da Paraíba, Tarcísio Burity, já no velório e os trabalhos de instalação do museu começariam ainda naquele ano, com a execução de obras e serviços, para adaptação do imóvel.

A informação foi reafirmada na edição de **A União**, em manchete de capa do dia 12 de março de 1980: “Casa de José Américo será museu”. Justificou Burity: “Trata-se de uma homenagem das mais justas, a um homem que sempre procurou servir ao seu povo com dedicação e projetou a Paraíba da melhor forma no cenário político e cultural da nação”.

Preparativos

Conforme o ato, eis as diretrizes, pronunciadas por Burity: “A Fundação Casa de José Américo de Almeida, que funcionará na antiga residência do ministro, em Tambaú, tendo como objetivo principal preservar o nome e todo acervo cultural deixado pelo ‘Homem de Areia’. A fundação será presidida pelo professor Milton Paiva e, em breve, o fabuloso arquivo, contando os principais fatos históricos dos últimos cinquenta anos estaria à disposição de estudantes e intelectuais para pesquisas”.

O acervo de fotos da FCJA documenta que dois dias depois do falecimento (12/3/1980), o governador já começou a acertar a compra da casa com o general Reynaldo Almeida, filho de José Américo, com as presenças de Ivan Bichara Sobreira e Lourdinha Luna.

Na sequência, legendas de fotos de uma solenidade no Palácio da Redenção indicam que, em 18 de dezembro de 1980, Burity e Reynaldo Almeida criam a FCJA (Lei nº 4.195, de 10 de dezembro de 1980). E, coincidindo com o primeiro aniversário de morte, no dia 10 de março de 1981, o governador assina o ato constitutivo da fundação.

Inauguração e mausoléu

À continuidade dos preparativos, chega-se à apoteose: dois anos depois da sua criação, a inauguração da FCJA, com a presença do então vice-presidente da República, Aureliano Chaves. O fato aconteceu em 10 de janeiro de 1982, um fim de tarde de domingo, numa solenidade bastante prestigiada por um público diversificado, com supremacia de políticos e intelectuais. O fato foi

manchete de capa de **A União**, em 12 de janeiro de 1982.

Assim como o museu, o mausoléu (monumento que guarda os restos mortais de José Américo e da sua esposa, dona Alice) é um dos “cartões de visita” e ponto alto que atrai a atenção dos visitantes. Foi inaugurado no dia 10 de janeiro de 1983, com as presenças do presidente João Figueiredo e da ministra Esther Ferraz.

FCJA: 45 anos de história

A FCJA completou 45 anos, em dezembro de 2025, enquanto criação. Ao longo do tempo, foi dirigida por 11 presidentes, sendo que Flávio Sátiro Filho dirigiu por dois períodos, além de ser secretário-executivo, correspondente hoje à função de vice-presidente, em algumas ocasiões. Francisco Sales Gaudêncio foi o primeiro secretário-executivo, além de exercer outras vezes e também presidente interino, antes do seu mandato como terceiro presidente. Flávio Sátiro Filho também foi secretário-executivo em algumas ocasiões.

Na sequência, eis a ordem dos mandatos: Milton Ferreira Paiva

(3/1981 a 5/1984), Maria do Socorro Silva Aragão (5/1984 a 6/1987), Francisco de Sales Gaudêncio (7/1987 a 9/1991), José Elias Barbosa Borges (9/1991 a 11/1994), Maria Violeta de Brito Salviano (2/1995 a 5/1996), Ivance Frazão de Lima e Costa (5/1996 a 12/2002), Flávio Sátiro Fernandes Filho (1/2003 a 3/2009), Letícia das Mercês Maia Pinto Ferreira (3/2009 a 12/2010), Flávio Sátiro Fernandes Filho (1/2011 a 4/2014), Damião Ramos Cavalcanti (4/2014 a 12/2018), Viviane Vieira Coutinho (1/2019 a 11/2019) e Fernando Antônio Moura de Lima (12/2019 até hoje, em curso).

Cada um deles e delas contribuíram com ações em prol do desenvolvimento da instituição, em seus períodos de gestão.

Monumento que guarda os restos mortais do escritor e político, autor do clássico “A Bagaceira”, bem como o museu sobre o ilustre paraibano, encontra-se na Fundação Casa de José Américo, em João Pessoa



Por meio da Rádio Tabajara, Ruy viajou o Brasil e mundo afora, soltando a sua voz em países como Portugal, França e Argentina; no Rio de Janeiro, ele recebeu o troféu O Galo de Ouro, como cantor do Nordeste, e também foi contratado pela Rádio Nacional e pela gravadora RGE

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Foi nos trilhos da comunicação que o menino Ruy seguiu no trem da vida. Das ruas do bairro do Roger, na capital paraibana, onde começou entregando correspondência, até a capital federal, onde brilhou pelas ondas do rádio, destemor e sonho tornaram-se as estações que guiaram a sua trajetória. Fez de sua carreira de trabalho e paixão uma história que ainda ecoa como exemplo de superação.

Ruy Fortunato de Assis nasceu em 14 de março de 1926, no Baixo Roger, em João Pessoa, onde viveu toda a infância e a juventude. Filho único da segunda união do serralheiro mecânico Braz Fortunato de Assis, que exercia a profissão na empresa ferroviária Great Western, com a dona de casa e lavadeira Antônia Florêncio, Ruy teve, ainda pequeno, os primeiros contatos com a primeira emissora paraibana, a Rádio Clube da Paraíba, fundada em 1931, que anos depois viria a se tornar a Rádio Tabajara.

“O pai dele sempre foi muito rígido; enquanto a mãe, que ele chamava de Toinha, era super carinhosa e protetora. Como ela escutava rádio, ele passou a infância ouvindo os cantores da época e passou a se identificar e cantar também, tanto que eu o chamava de ‘nosso menino passarinho’. As pessoas percebiam nele o talento natural com a voz e, ainda jovem, ele começou a cantar nas rádios de João Pessoa”, conta Cláudia Jenné, filha caçula de Ruy.

Se as condições de trabalho dos pais não permitiam, muitas vezes, suprir todas as necessidades alimentares do dia a dia, a educação e a dignidade para o trabalho lhe foram ensinadas exemplarmente des-

de cedo. Com sacrifícios, realizou o curso primário pela escola particular da professora Maria da Penha Maia de Lima, mas não teve muito sucesso nas notas no ginásio. Com 13 anos, o garoto já trabalhava como mensageiro voluntário nos Correios, onde viria, depois, a exercer o cargo de diretor.

No relato que escreveu para o livro *Rádio Tabajara – Patrimônio cultural da Paraíba*, de autoria de Joselino Carneiro, Ruy afirma: “Comecei a vida como simples servente, lavei muitas calçadas. E essas mesmas calçadas que eu lavei para posses de diretores regionais dos Correios foram as mesmas escadas que eu subi na condição de diretor regional da Paraíba. Foi diretor quase 14 anos aqui, na Paraíba. Trabalhei em São Paulo, Rio e fui diretor regional em Pernambuco”.

Foi justamente para ascender profissionalmente que retomou os estudos, quando já era casado, formando-se, com a esposa Lillian Jenné, pelos Institutos Paraibanos de Educação (IPE) — ele em Direito, ela em Psicologia. Como homenagem pelos 50 anos de serviços prestados à empresa pública, em 2008, foi lançado um selo personalizado comemorativo do paraibano.

Assis dizia que sua vida havia seguido por dois trilhos, os Correios e a Rádio Tabajara, que considerava o berço de sua carreira artística. “Foi através da Tabajara que viajei por esse Brasil afora, inclusive até a Europa. Cantei em Portugal, Paris, Buenos Aires, sempre levando o nome da Rádio Tabajara, e até recebi, no Rio, o troféu O Galo de Ouro, como cantor do Nordeste”, escreveu. No livro de memórias *Ruy de Assis: E que o Tempo Não Apague*, lançado em 2008, o cantor destaca que “se o trabalho era a minha grande missão, a música continuava sendo uma paixão irrefreável”.

Ruy de Assis

Paraibano era considerado o “Menestrel do amor”

A primeira participação como cantor no rádio foi em programa de calouros, como o *Valores Novos*, animado pelo locutor Meira Filho. Até conseguir alcançar o primeiro lugar e levar o prêmio de 50 mil réis com a interpretação da música “Noutros tempos era eu”, samba-canção de Ataulfo Alves, o próprio Ruy afirmava ter levado três “gongadas” do programa, persistindo graças ao incentivo da mãe. Com o prêmio, que utilizou para fazer uma boa feira e comprar roupas novas, veio o sucesso e a contratação pela Rádio Tabajara, na gestão do diretor-geral Abelardo Jurema, quando guarânias, sambas-canções, boleros e valsas animavam os auditórios.

Como funcionário dos Correios e Telégrafos, o que recebia de pagamento na Tabajara era como um extra. Pensando em investir na carreira artística, conseguiu também a transferência do trabalho para a capital federal, partindo a bordo do navio Comandante Ripper, no final de 1949. Para isso, organizou um *show* no Theatro Santa Rosa, mobilizando fãs das cidades próximas, para conseguir o valor suficiente da passagem. Seguiu, segundo ele mesmo, com dois empregos: o dos Correios e o da Rádio Tabajara, que mantinha um escritório de representação comercial e artístico no Rio de Janeiro.

“Quando ele chegou ao Rio de Janeiro, formou como que uma comunidade com os demais paraibanos, porque havia alguns amigos que tinham ido para lá também por outros motivos. E aí ele começou a se apresentar em programas até ser contratado pela Rádio Nacional e ter acesso a todos os grandes ídolos da época, como Maysa Matarazzo, Ivon Curi, Nelson Gonçalves e Silvio Caldas, todos amigos dele”, conta Cláudia, lembrando especialmente a presença dos dois últimos frequentando

a casa da família. A filha ressalta que, para os padrões da época, o pai atingiu um sucesso de grande público, inclusive com registros de fotos de fãs reunidos em frente à rádio para esperar a sua chegada.

Pela gravadora RGE, gravou músicas como “De papo pro ar”, “Noites cruéis”, “Cabecinha no ombro” e “Valsa de Natasha”, versão portuguesa da valsa que foi trilha sonora do filme norte-americano *Guerra e Paz*. O semanário carioca *Revista do Rádio* já o considerava, em 1951, como “o galã do rádio paraibano”, destacando algumas de suas apresentações em terras alagoanas e cearenses. “Pres-tem atenção no novo cantor Ruy de Assis, da [Rádio] Mayrink e que vem gravando na RGE. Dentro de pouco, ele vai ser uma surpresa. Ouçam a sua gravação de ‘De papo pro ar’ e ‘Valsa de Natasha’. Depois digam se não tenho razão”, encontramos essa nota na coluna *Discos*, de uma edição de novembro 1957 do periódico.

Outra canção emblemática interpretada por Ruy de Assis foi “Brasília”, de Rômulo Marinho, gravada para a inauguração da capital federal, em 1960. A música, executada com o acompanhamento da Orquestra Renato Oliveira para o solo Mambuco, classificou-se em segundo lugar no concurso promovido pelo jornal *Última Hora*. Na apresentação para Juscelino Kubitschek, o então presidente da República teria comentado que o cantor paraibano “tinha um diamante na voz”.

No auge desse sucesso, quando se dirigia para um *show* na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, a carreira do paraibano foi interrompida por um acidente de automóvel que bateu num poste. Com a face e as cordas vocais comprometidas, Ruy perdeu parcialmente a voz, obrigando a se afastar dos palcos por longos 20 anos. De-

dicando-se apenas ao trabalho nos Correios, retornou à Paraíba, já com os quatro filhos, para assumir a função de diretor regional. A recuperação foi lenta, sempre com o empenho da esposa na realização de exercícios e o desejo de retornar ao mundo artístico.

O professor Francelino Soares lembra essa época, quando assumiu a função de chefe de gabinete de Ruy de Assis nos Correios. Ainda que todos soubessem de sua trajetória como artista, evitava-se falar de sua vida de cantor, inclusive porque ele se apresentava, inicialmente, sisudo, calado e rigoroso no cumprimento das obrigações do trabalho. Certa vez, ao perceber Francelino encostado num birô enquanto os colegas batiam papo no horário do intervalo, o diretor o repreendeu, dizendo que ele deveria dar um bom exemplo, como bom professor. Meses depois, após fazer seu subordinado corar de vergonha, Ruy lhe pediu desculpas, solicitando o seu auxílio para indicar uma telefonista.

“Trabalhei no gabinete dele fazendo toda a correspondência. Então, ele se aproximou mais de mim e pude ver que era uma pessoa humilde, tanto que, anos depois, quando foi lançar seu livro, ele me convidou e eu fui. Um fato curioso é que, quando ele ainda não tinha telefonista, alguém ligou e disse que era um tal de Silvio e queria falar com o Ruy e que Ruy sabia quem é. Eu interfonei e o avisei. Ele disse: ‘Mas professor, é o Silvio Caldas, o meu amigo’”, recorda Francelino Soares.

Foi transferido novamente para o Rio de Janeiro, para assumir a coordenação do Postalís (Instituto de Seguridade Social dos Correios). Em 1981, é transferido para São Paulo e, na mesma década, retornou para o Nordeste, fixando-se definitivamente em Recife, Pernambuco.

Segundo informam as filhas Cláudia e Carla, nesse intervalo o pai nunca deixou de cantar. Apresentava-se para os amigos, em reuniões ou serestas mais reservadas, não cantava profissionalmente. Com o acidente, a voz havia passado por algumas modificações. Sem toda aquela potência, Ruy procurava caprichar na interpretação e no visual, de modo a se consolidar como representante do romantismo musical, a ponto de receber o título de “Menestrel do amor”.

“Ele foi para um *show* do Ivon Cury, que era amigo de longa data, e, no meio do *show*, Ivon interrompeu a apresentação para registrar a presença de papai e fazer um apelo para que Ruy de Assis voltasse a cantar profissionalmente. Foi quando papai subiu no palco e fez uma participação. A partir daí, ele se empolgou e voltou à carreira profissional, fez vários *shows* no Recife e em João Pessoa”, conta Cláudia Jenné.

Vaidoso e sempre animado, as filhas recordam com saudade o vigor e a coragem com que Ruy de Assis sempre se colocou frente aos desafios. Despediu-se dos palcos aos 80 anos de idade, com uma apresentação especial com a participação do Trio Jaganã, em sua cidade natal, no Clube Cabo Branco, onde se orgulhava de ter começado a carreira, até quando sofreu um acidente vascular cerebral (AVC), que comprometeu de vez a sua voz.

O “Menestrel do amor” despediu-se do palco da vida em 30 de março de 2015. “O mundo podia: vem sentar, vem parar, vem para cá. Ele respondeu com valentia: vou ousar, vou sonhar e vou cantar. E foi isso que ele fez até o final”, completa Cláudia Jenné. Fã de Sinatra, a sua última canção gravada foi “Meu jeito”, versão brasileira do clássico *“My way”*.

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Ex-ministro confunde a linguagem simples com vulgaridade e bravatas

O ex-ministro da Saúde Marcelo Queiroga é pretensão candidato ao cargo de senador na Paraíba. É também mal-educado. Digo isso porque, no mínimo, portou-se de forma descortês ao participar, recentemente, de um programa de televisão como entrevistado.

Queiroga, que é médico e já ocupou a função de presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia, recorreu a expressões chulas, de cunho sexual, ao comentar o cenário político nas terras tabajaras. Opto por não reproduzir aqui as frases ditas pelo ex-ministro para preservar o leitor. Mas ele foi asqueroso, para ser bem objetiva.

Aos curiosos, basta uma pesquisa rápida na *internet* para encontrar trechos da entrevista. Caso vejam o vídeo, creio que concordarão comigo que ele foi desrespeitoso com o público, especialmente por se tratar de um programa de TV exibido ao meio-dia, momento em que a maioria das pessoas costuma almoçar. As expressões usadas por Queiroga, porém, são ofensivas a qualquer indivíduo, independentemente do horário.

Após a repercussão de suas declarações repulsivas, o ex-ministro rebateu as críticas dizendo que fala de forma simples “quando necessário”. E aqui ele comete um erro maior do que o primeiro, ao presumir que o modo simples de se comunicar pode ser confundido com algo de baixo nível ou indecente. Aliás, sendo médico, poderia ter recorrido a analogias da área da saúde — por exemplo, sobre pacientes que buscam um tratamento apressado, mas ineficaz — em vez de falar sobre cucucas e ejaculação precoce.

Ser flexível e apto a se adaptar ao público são qualidades louváveis para a comunicação, pois possibilitam uma conexão mais eficaz. No entanto, presumir que a maioria da audiência gosta de baixaria é um modo equivocado de avaliar as pessoas. Conforme teóricos, existem vários níveis de fala (ou de linguagem), e alguns se destacam: formal (culto); coloquial (informal); regio-

nalismo; gíria; vulgar. Marcelo Queiroga mirou na linguagem informal, mas cravou a língua na fala vulgar.

Na verdade, quem viveu a pandemia de Covid-19 e lembra a atuação do ex-ministro no governo negacionista talvez não tenha esquecido que ele também se valeu de um gesto indecoroso em 2021, ao reagir a manifestantes em Nova York. Na ocasião, Quei-

roga ergueu o dedo em riste — sim, o dedo do meio — às pessoas no local. Contextualizando: era uma autoridade brasileira, nos Estados Unidos, agindo como um moleque mal-educado ao ser contrariado.

Como Marcelo Queiroga é cardiologista, e médicos, em geral, estão sujeitos a muita pressão, imagino que o suposto candidato a senador não tenha agido assim por estar em um momento de estresse. Talvez o uso de expressões e atitudes chulas seja apenas parte de sua natureza.

Mas cabe aqui outra leitura. Há quem acredite que o modo tosco de agir de alguns políticos seja uma vestimenta eficaz para atrair o eleitorado. Se misturar isso com leite condensado e pão, dirão alguns, será perfeito. “Ah, ele fala o que pensa e não está nem aí. Por isso gosto dele”, certamente muitos eleitores já disseram isso sobre Donald Trump, Jair Bolsonaro e Javier Milei ao se referirem à suposta “autenticidade” dessas figuras públicas.

Voltando a Marcelo Queiroga, seu jeito de se expressar não pode ser resumido a falar “em linguagem simples e direta para se fazer entender pelo povo”, como ele justificou após a repercussão negativa de suas palavras. Primeiro: a linguagem simples é muito, muito diferente do que ele faz; e há artigos, manuais e normas específicas sobre o tema. Segundo: em momento algum pediu desculpas aos telespectadores. Marcelo Queiroga é um personagem. O pré-candidato do PL vale-se de bravatas em busca de votos e usa a comunicação para tal fim, mesmo que, para isso, desrespeite a população da Paraíba.

Tocando em Frente

Os roteiros cinematográficos de Mike Gustavv

Creio sempre ter havido certa conexão entre cinema e música — desde a época do cinema mudo, passando pela fase da execução paralela de músicas ao piano nas antessalas de exibição, até as modernas trilhas sonoras que passaram a ser acopladas às próprias películas, como as temos hoje. Tanto é que inúmeros são os filmes que se consagraram mais pelas trilhas musicais do que pelos próprios enredos. Essas considerações vêm a propósito do conhecido criador das músicas que nos fazem lembrar as conquistas futebolísticas nas Copas do Mundo de 1958 e 1970, respectivamente — “Pra frente, Brasil!” e “A taça do mundo é nossa”, ambas oriundas do criador de *jingles*, Miguel Gustavo Werneck de Sousa Martins (Rio de Janeiro, 1922-1972), compositor, poeta, jornalista e radialista.

Afeito a uma espécie de crônica social, bem em voga no Brasil dos anos 1950 e 1960, ele foi o criador do samba “Catê Soçate”, bem ao modo de um estilo jornalístico imortalizado por Ibrahim Sued e Jacinto de Thormes, cujo sucesso se deve também aos autênticos intérpretes do chamado “samba de breque”, Cyro Monteiro e Jorge Veiga.

Assumindo a alcunha de Mike Gustavv e num golpe de originalidade, o compositor criou uma espécie de enredo para vários sucessos, no mesmo estilo e interpretados pelo também sambista Moreira da Silva, que os gravou como se fizesse uma sequência, cujo protagonista principal é o próprio intérprete.

Vamos, então, à sequência da série fílmica, que simula um pastelão italiano ao melhor estilo do personagem Ringo:



Composições de Gustavv casavam muito bem com a voz do sambista Moreira da Silva (acima)

■ **O Rei do Galtilho** — Super “*bang bang*” de Mike Gustavv, com Kid Morengueira, o mais temido dos pistoleiros do Arizona, temido pelos bandidos, pois só atira em nome da lei: “Começa o filme com o garoto me entregando / um telegrama do Arizona, onde um bandido de lascar / um bandoleiro transviado que era o bamba da zona”.

■ **O Último dos Moicanos** — O cenário seria a guerra entre franceses e ingleses, quando, em território norte-americano, um homem branco, criado pelos indígenas, procura defender a sua tribo dos ataques: Novo super “*bang bang*” de MG, com KM, depois de marchas e contramarchas, surge um novo sucesso na tela: “Tinha jurado à

minha mãe por toda vida / não me meter em mais nenhuma trapalhada / depois daquela do bandido em que o índio me salvara / eu resolvi levar a vida sossegado”.

■ **Filmando na América** — Introdução: “*Ladies and Gentlemen / I have to go someday to United States / Because I like the people...*” Fui convidado para trabalhar num filme lá em Hollywood / bancando o capitão Blood”.

■ **Morengueira contra 007** — Parece mais um “samba do crioulo doido” de Stanislaw Ponte Preta: “Sexo e violência no mais espetacular filme de espionagem do famoso diretor americano Abelardo Chacrinha Barbosa (gozação) — Com James Bond, Cláudia Cardinale e Edson Arantes do Nascimento: Começa o filme com o 007 / saltando em Santos com a Cláudia Cardinale”.

■ **Os Intocáveis** — Dramático filme policial de MG com o famoso detetive KM: “— Década de 30, quando a Lei Seca tinha fechado todos os bares e botecos: Há quatro meses ninguém via uma bebida / nem um pau d’água pela rua transitava”.

■ **O Sequestro de Ringo** — Um estúpido “*bang bang*” italiano *soto da direzione* de Fellini Pasolini. Uma história de vendeta e morte / Com amor a Dione Pentili, Domenico Modugno, Lyrio Panicali, Radamés Gnattali, Giarone, Piazza, Rivelino e *tutti brasiliani campioni del mondo*: “Corre pela Itália o grito de guerra / o Ringo está preso, quem foi que o prendeu?”.

Como se viu, deve-se ressaltar o gênio criativo de Miguel Gustavo, cuja intenção musical casou muito bem com o samba de breque na voz de Moreira da Silva.

RESTRIÇÃO

Países limitam acesso de menores às redes sociais

Movimento é uma resposta às preocupações com saúde mental e segurança on-line

Agência Estado

Governos ao redor do mundo estão começando a implementar políticas públicas para limitar o acesso de crianças e adolescentes às redes sociais. O debate é uma resposta ao aumento das preocupações com saúde mental, bem-estar e segurança *on-line*, além de *cyberbullying* e acesso a conteúdos nocivos graças ao tempo excessivo nas plataformas.

A Austrália foi o primeiro país do mundo a proibir formalmente o uso de redes sociais por menores de 16 anos. A lei, aprovada em novembro de 2024, passou a valer em dezembro de 2025 e obriga plataformas como Tiktok, Instagram, Facebook, X (antigo Twitter), Snapchat e YouTube a bloquear contas e usuários abaixo dessa faixa etária. Se não cumprirem as regras, as empresas estão sujeitas a multas.

Agora, vários outros países estão seguindo o mesmo caminho e aprovando, ou ao menos discutindo, propostas semelhantes.

Investigar gigantes

No último dia 17, o governo espanhol pediu ao Ministério Público para investigar as plataformas X, Meta e TikTok, aprofundando o já crescente atrito entre Estados Unidos e Europa em torno da regulação das redes sociais. O primeiro-ministro da Espanha, Pedro Sánchez, afirmou que pedirá aos promotores que apurem a eventual disseminação, pelas empresas, de material de abuso sexual infantil produzido com o uso de inteligência artificial (IA).

A iniciativa insere-se em um movimento mais amplo

da União Europeia para reforçar a fiscalização e impor regras mais rígidas às gigantes de tecnologia, em meio a pressões por maior responsabilização das plataformas. “Essas plataformas estão prejudicando a saúde mental, a dignidade e os direitos de nossas crianças”, escreveu Sánchez nas redes sociais. “O Estado não pode permitir isso. A impunidade desses gigantes precisa acabar”.

O X e o TikTok não responderam imediatamente aos pedidos de comentários. A Meta recusou-se a comentar. Após a polícia francesa ter realizado uma operação nos escritórios do X em Paris, em conexão com acusações semelhantes, a empresa afirmou que “nega categoricamente qualquer irregularidade”.

O anúncio espanhol intensifica uma crescente disputa entre governos europeus e empresas de tecnologia norte-americanas, que têm recebido apoio do governo Trump em relação aos esforços no continente para limitar o setor.

O conflito revelou visões drasticamente diferentes entre os Estados Unidos e suas gigantes da tecnologia e a União Europeia e seus Estados-membros sobre o que constitui liberdade de expressão e o papel das corporações em garantir o bem-estar daqueles afetados por suas plataformas.

A Europa tornou-se um experimento central para testar a capacidade dos governos democráticos de regular e punir efetivamente uma das indústrias mais dominantes do mundo. Em dezembro, a União Europeia aplicou a primeira multa sob

sua nova Lei de Serviços Digitais, punindo o X, plataforma de mídia social de propriedade de Elon Musk, em € 120 milhões, cerca de US\$ 140 milhões, por violações.

No mês passado, a polícia francesa realizou buscas nos escritórios locais do X como parte da investigação da divisão francesa de crimes cibernéticos sobre a disseminação de pornografia infantil e negação do Holocausto no *site*.

A autoridade de proteção de dados do Reino Unido também anunciou uma investigação sobre o X devido a imagens sexualmente explícitas geradas por seu *chatbot* de IA, Grok. A Comissão de Proteção de Dados da Irlanda também afirmou, no último dia 17, que abriu uma investigação para apurar se o Grok permitiu a disseminação de imagens pornográficas de crianças na plataforma.

Os líderes europeus afirmam que seus esforços visam proteger os cidadãos contra abusos, e não uma tentativa — como argumentam políticos norte-americanos e líderes do setor de tecnologia — de limitar a liberdade de expressão.

Sánchez, um líder de esquerda que não hesitou em desafiar o Trump ou as gigantes norte-americanas da tecnologia, pediu aos promotores que “investiguem os crimes que o X, a Meta e o TikTok podem estar cometendo por meio da criação e disseminação de pornografia infantil usando sua IA”.

No mês passado, a Espanha juntou-se à França, Dinamarca e Austrália na tentativa de proibir o uso de redes sociais por crianças menores de 16 anos, com Sánchez afirmando: “Vamos protegê-las do Velho Oeste digital”.

A proibição proposta pelo governo ainda precisa de aprovação parlamentar. Mas a medida proposta, e a referência de Sánchez aos “crimes cometidos” pela Grok, desencadearam imediatamente um ataque pessoal direcionado contra Sánchez por parte de Elon Musk.

Alguns analistas políticos espanhóis sugeriram que essa era exatamente a reação esperada por Sánchez, que busca posicionar-se como um líder liberal no cenário global, enquanto enfrenta profundas divisões políticas e escândalos em seu país.

Charada

Resposta da semana anterior: Rei do terreiro (2) = galo + membro inferior (1) = pé. **Solução:** passo mais rápido (3) = galope.

Charada de hoje: Tomando essa infusão (1), olhas (1) o programa humorístico (2) na TV.

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br



Ilustração: Bruno Chiossi



Foto: Ivan Gimenez/Diálogo

Eita!!!!

Autoras espanholas para ler antes da Bienal de SP, que homenageará a Espanha

A Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que acontece dos dias 4 a 13 de setembro, anunciou a Espanha como país convidado de honra de sua 28ª edição. Em virtude disso, reunimos autoras da Espanha consideradas essenciais para ler antes do evento (Com informações da Agência Estado).

Rosa Montero

A autora (foto acima) é uma das vozes mais relevantes da literatura espanhola atual, com uma obra que transita entre ficção, ensaio, autobiografia e reflexão sobre o ato de escrever. Em livros como *A Louca da Casa* e *O Perigo de Estar Lúcido* (Todavia), Rosa Montero investiga a criatividade, a imaginação e a fronteira entre lucidez e delírio. Já títulos como *A Ridícula Ideia de Nunca Mais Te Ver, Nós, Mulheres: Grandes Vidas Femininas* e *A Boa Sorte* revelam sua habilidade em tratar temas como luto, identidade e liberdade feminina com sensibilidade e uma escrita acessível.

María Dueñas

Nome importante da ficção histórica contemporânea espanhola. Dueñas reúne pesquisa cuidadosa, personagens femininas fortes e narrativas envolventes. Seu romance de estreia, *O tempo entre costuras*, tornou-se um fenômeno editorial ao acompanhar a trajetória de uma mulher comum em meio às transformações políticas e sociais do século 20. Em livros como *As filhas do capitão*, *La Templanza*, *Sira*, *Se o destino nos trouxer de volta* e *A melhor história está por vir* (publicados pela Planeta), Dueñas reafirma seu talento para contar histórias que cruzam destinos pessoais e grandes eventos históricos.

Irene Vallejo

A autora alcançou projeção mundial com *O Infinito em um Junco* (Intrínseca), ensaio literário que reconstrói a história do livro desde a antiguidade até os dias atuais. Vallejo transforma a trajetória dos rolos de papiro, das bibliotecas antigas e dos primeiros leitores numa narrativa cativante sobre a sobrevivência das ideias.

Layla Martínez

Representa uma das vozes mais instigantes da nova literatura espanhola, ao combinar horror, crítica social e perspectiva feminina. Em *Cupim* (Alfaguara), ela constrói uma narrativa sufocante sobre herança, violência estrutural e ressentimento, usando o fantástico e o sobrenatural como metáforas de opressões históricas.

Sara Mesa

Reconhecida por uma escrita precisa, econômica e inquietante. Seus romances exploram zonas de desconforto moral, relações de poder e os mecanismos de opressão que se escondem no cotidiano. Com uma prosa contida e tensa, a autora constrói histórias que perturbam mais pelo que sugerem do que pelo que explicitam. Por aqui, as obras *Um Amor* e *A Família* foram publicadas pela Autêntica.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 – cabo do tridente; 2 – ponta do rabo; 3 – cabelo; 4 – boca do peixe; 5 – suita; 6 – orelha esquerda; 7 – pingo do rabo; 8 – barba; 9 – colar;

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)

